



Lazer em São João Del-Rei: Aspectos históricos, conceituais e políticos

Renato Sampaio Sadi;
Kleber do Sacramento Adão
(orgs.)

MINISTÉRIO DO ESPORTE
REDE CEDES
2011

Ficha catalográfica

A2211l Adão, Kleber do Sacramento
Lazer em São João Del Rei: aspectos históricos,
conceituais e políticos / Kleber do Sacramento Adão,
Renato Sampaio Sadi. – São João del-Rei, MG : UFSJ, 2011.
120p.; il.
ISBN: 978-85-88414-86-0

1. Políticas públicas de esporte e lazer. 2. Educação Física.
I. Sadi, Renato Sampaio II. Título

CDU: 796:316

Assunto: Políticas Públicas de Esporte e Lazer
Nº de páginas: 120
Tamanho: 15x21 cm
Tiragem: 1500

Sumário

Apresentação	5
Capítulo 1	
Lazer e Sociedade na Cidade de Origem Colonial	
Kleber do Sacramento Adão	
Andréa Cristina Silva Nascimento.....	7
Capítulo 2	
Os Espaços Públicos de Lazer da Cidade de São João del -Rei: Necessidades e Perspectivas	
Adalberto dos Santos Souza.....	61
Capítulo 3	
Política Social de Esporte e Lazer: Os Espaços Públicos da Cidade de São João del- Rei	
Renato Sampaio Sadi	93

Apresentação

São várias as formas de construção teórica e prática do Lazer em São João del-Rei. Neste livro optamos por oferecer ao leitor um panorama amplo e crítico da questão. Resultado de um esforço coletivo do Laboratório de Esporte, Lazer e Atividades Pedagógicas - LELAP, da Universidade Federal de São del-Rei, os textos tratam de temas importantes para a cidade: história, realidade e política. Durante a trajetória de investigação e exposição, a perspectiva de problematizar o Lazer, pensando em soluções viáveis, teve o intuito de aproximar a teoria da prática e vice-versa. Neste sentido o conteúdo do livro é rico em imagens que se relacionam com o Lazer na cidade. Destacamos também, como fundamental no processo de pesquisa e intervenção, o apoio do Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer, - Rede CEDES-, do Ministério do Esporte. Por fim, esperamos que esta produção possa ser compreendida e discutida com os cidadãos são-joanenses.

Os autores

LAZER E SOCIEDADE NA CIDADE DE ORIGEM COLONIAL

Kleber do Sacramento Adão
Andrea Cristina Silva Nascimento

1. A ocupação do território e o povoamento dos espaços e lugares

São João del Rei encontra-se inserida numa região tida como núcleo original da mineração no século XVIII. Esta região é denominada pelos historiadores de Metalúrgica-Mantiqueira.¹ A mesma afirmação, considerada a mais adequada para o período, é feita pelo historiador Douglas Cole Libby:

Localizada no centro da Província, a Metalúrgica-Mantiqueira, que constitui o núcleo original da capitania das Minas, continuou sendo a mais populosa e urbanizada região mineira ao longo do século XIX. Sua importância se expressa no fato de que aí estão localizados a capital, Ouro Preto, a sede do bispado mineiro, Mariana, e os dois maiores entrepostos de Minas no século passado, São João del Rei e Barbacena.²

Atualmente a região de São João del Rei está localizada na zona fisiográfica denominada Campos das Vertentes, delimitada pelas regiões sul, da mata e centro do Estado de Minas Gerais.

O surgimento dessa região se dá a partir da atividade mineradora; (...) *um caminho, uma capela ou uma mina, senão também uma venda, tais foram inicialmente os fatores junto aos quais surgiram as povoações coloniais mineiras.*³ (...) sem

¹ MARTINS, Roberto Borges. *A Economia Escravista de Minas Gerais no Século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982.

² LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista. Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

³ SOBRINHO, Antônio Gaio. *História do Comércio em São João del Rei*. São João del Rei: Sindicato do Comércio Varejista. 1997. P. 11

considerarmos o fato de que os primeiros habitantes desta terra foram os índios cataguás, dentre outros.



São João del Rei, 1824

Fonte: Rugendas

O território do Rio das Mortes, nome que é dado posteriormente à comarca, tem iniciada a sua ocupação no final do século XVII. Por aqui se dava a passagem em direção às minas de ouro no interior da capitania de Minas. Era o chamado Caminho Velho, vindo de São Paulo ou de Parati, no Rio de Janeiro. Ao longo desses caminhos foram se estabelecendo os chamados “registros,” localizados nos rios ou no sopé das serras. Eles tinham como função a fiscalização e controle das cargas transportadas por essas estradas, com vistas a evitar o contrabando de ouro. Situavam-se em pontos estratégicos e em regiões limítrofes entre uma comarca e outra. Ao seu redor formavam-se povoações, que viriam a servir como ponto de abastecimento de viajantes e tropeiros.

Na margem do Rio das Mortes, portanto, no local denominado de Porto Real da Passagem, estabeleceu-se o guarda-mor Tomé Portes del Rei, bandeirante procedente de Taubaté. Ali, incumbiu-se do aluguel de embarcações para travessia do rio e da cobrança de tributos aos que por ali passavam. Tal fato se deu no final do século XVII. Em 1702 são feitas as primeiras descobertas de ouro. A notícia trouxe um significativo contingente de gente para a região, surgindo com isso os primeiros núcleos de povoamento. Além disso, a região de São João del Rei era o caminho natural das minas descobertas no interior da capitania.

Descoberto ouro, as terras auríferas eram repartidas em pequenos lotes, chamados de “latas,” entre os pretendentes aptos a torná-las produtivas. Surge, por conseguinte, em 1704, no bojo da atividade mineradora, o Arraial de Nossa Senhora do Pilar, chamado posteriormente de Arraial Novo do Rio das Mortes.⁴

⁴ Sob o nome de Arraial de Santo Antônio da Ponta do Morro e depois, de Arraial Velho do Rio das Mortes, erigiu-se dois anos antes, em 1702, a vila de São José del Rei, hoje cidade de Tiradentes. (Cf.

Região tensa, foi palco de sangrentos combates pela posse das lavras de ouro. O episódio de maior destaque, foi a chamada “guerra dos emboabas.” Estes eram aventureiros que passaram a disputar com os paulistas a posse das terras. O episódio marcante dentro da guerra dos emboabas na região mineradora do Arraial de N.S. do Pilar, foi o chamado “Capão da Traição:”

A coroa portuguesa percebe, em vista do ocorrido, a necessidade de criação de mecanismos administrativos de controle da região. É criada, em 1710, a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro. É também fixado como limite da comarca do Rio das Mortes as comarcas de Vila Rica e Sabará (ou do Rio das Velhas) e as Capitanias do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Em 1713, o Arraial Novo, mediante ato do governador da Capitania, D. Bráz Baltazar da Silveira, ganha o foro de vila, com o nome de São João del Rei, como uma homenagem ao rei D. João V. Além de vila, torna-se a sede da Comarca do Rio das Mortes. Era uma região tida como privilegiada, tendo em vista sua localização geográfica, seu clima ameno, a fertilidade do solo e a vegetação de campos serranos, usados na agricultura e criação de gado:

A correição do rio das Mortes compreende a Vila de São João e seu termo, a Vila de São José e seu termo; os julgados do Jacuí, Sapucaí e Juróca. É a terra mais abundante de víveres que tem todas as Minas; porque dessa Comarca se sustentam todas as demais das Minas; principalmente de gado, toucinho, queijo, milho, feijão e arroz; tem muita fruta de espinho, maçãs, ameixas e bananas; a caça e o peixe em toda esta Comarca é com muita abundância e serve de divertimento àqueles que são inclinados a esses exercícios; os ares são sadios, o clima temperado, e por essa razão, há poucas doenças (...)⁵

A nível populacional, o que podemos constatar, a partir dos estudos de Maria Augusta A Campos, é a existência de um quadro, no Arraial, de franca povoação, sobretudo no século XVIII e início do XIX. Temos uma população formada

CAMPOS, Maria Augusta A. op. Cit. p. 25)

⁵ ROCHA, José Joaquim da. *Geografica Histórica da Capitania de Minas Gerais*. Descrição Geográfica Histórica e Política de Minas Gerais. Memória Histórica da Capitania de Minas Gerais. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995, citado por CAMPOS, Maria Augusta A , op., cit. p. 26

majoritariamente por homens, sendo a minoria branca. Comparativamente às Comarcas de Ouro Preto, Sabará e Serro, a do Rio das Mortes era a mais populosa, concentrando um contingente de pessoas brancas de 35%, enquanto as demais não chegavam a 20%. Ademais, entre as pessoas livres na comarca do Rio das Mortes, a maioria era branca, ao passo que nas demais, essa maioria era de mulatos. Negros livres eram vistos também em maior número, cerca de 40%, nas demais comarcas do que na do Rio das Mortes, cujo contingente girava em torno de 15%. Uma das explicações plausíveis para estes números, ou seja, a predominância de brancos entre os livres, é devido, segundo Clotilde Paiva,

*a uma posição subsidiária da região dentro da economia mineratória de períodos anteriores, possivelmente por serem zonas de abastecimento, onde a dependência da mão de obra escrava era menor e as oportunidades de mestiçagem mais reduzidas, como é o caso da região sudeste.*⁶

Outra explicação é dada pelo viajante francês Saint-Hilaire, para o qual haveria menos necessidade de escravos negros na Comarca do Rio das Mortes, devido à dedicação que nela se fazia ao negócio da criação de gado. Também nesta comarca, os imigrantes europeus teriam menos receios de se fixarem e, ainda que a concentração populacional na província dava-se de modo irregular, centralizando-se mais na parte oriental, próximo ao Rio de Janeiro.⁷

Nas primeiras décadas do século XIX, a comarca passa a deter 41,6% do total dos habitantes da Capitania de Minas. Uma das possíveis interpretações para esse surto, foi a migração de contingentes de áreas mineradoras decadentes à procura de trabalho em culturas de subsistência e na criação de gado. Outro possível fator de desenvolvimento no século XIX, foi a rede de estradas que passou a interligá-la com a corte e com o restante da província.⁸

A região foi também geradora de pobreza e de exclusão, que contrastavam com o fausto e a riqueza. A riqueza e o fausto, ficaram perpetuados na arquitetura civil e

⁶ PAIVA, Clotilde Andrade. *População e Economia nas Minas Gerais do Século XIX*. São Paulo, USP, Tese de Doutorado. P. 200, 1996, citado por CAMPOS, Maria Augusta A. Op. Cit. p. 30

⁷ SAINT-HILAIRE, August. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1974, pp. 106-107, citado por CAMPOS, Maria Augusta A. Op. Cit. p. 30

⁸ Ver: LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação – o abastecimento da Corte na formação política do Brasil. 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979. Cap. 2

religiosa da vila mineradora e no esplendor das festas. Atraídos pela mineração, cujo auge foi a primeira metade do século XVIII, a pobreza instalou-se rapidamente nessa região, movida pela possibilidade do enriquecimento rápido. Em São João del Rei, cita o historiador Antônio Gaio:

Com a mão de obra escrava, os mineiros sãojoanenses removeram montanhas, perfuraram betas abriram galerias, rasgaram regos, construíram represas, alargaram tanques, ativaram almocafres, manejararam alavancas e carumbés. E o ouro derrubou árvores, queimou campos, escravizou índios, poluiu rios, atraiu gente, provocou discórdias, gerou revoltas, motivou inconfidências. Mas também edificou casas, dourou igrejas, construiu pontes e promoveu o comércio. E, durante quase um século, brilhou sobre a pele preta dos escravos negros, escorridos de sangue e suor.⁹



Ponte da Cadeia: ornamentada por ocasião da visita de D.PedroII

Fonte: Arquivo do Museu Regional

Essa leitura da exclusão social, geradora da violência e da miséria em Minas, filia-se a uma vertente historiográfica da qual é originário o trabalho de Laura de Mello e Souza, sobre os desclassificados do ouro e a pobreza em Minas Gerais no século

⁹ SOBRINHO, Antônio Gaio. Op. Cit. p. 12

XVIII. Uma das figuras exponenciais que inaugura essa vertente é Caio Prado Jr. Associa o aparecimento de uma vasta camada de homens livres expropriados, ao exclusivo estabelecimento da empresa mineradora. Nesse sentido, a sociedade escravista é apresentada sobre uma rígida hierarquização, qual se vincula, conforme a historiografia clássica, à idéia de que a economia escravista estaria vinculada a economia européia, enquanto seu apêndice. Sua única razão de ser estaria, desse modo, vinculada à produção de mercadorias exportáveis e na transferência de excedentes para a Metrópole.¹⁰ Por meio desse modelo explicativo da histórica econômica, o Brasil seria uma apêndice da sociedade capitalista mercantil. Essa abordagem historiográfica tradicional, associa o período colonial ao mercado exportador. Entretanto, estudos demográficos recentes, mostram uma outra realidade, partindo sobretudo dos estudos sobre economia de subsistência. Em Minas Gerais, por exemplo, a economia de subsistência é fundamental na explicação da passagem da atividade mineradora para a comercial agro-exportadora, no século XIX. É esse economia de subsistência que gerará um capital, que irá mover a economia escravagista de Minas Gerais com a queda da mineração. Nesse sentido, ao contrário do que postula essa historiografia, houve na economia colonial um mercado interno consumidor e comercial. No caso de São João del Rei, esse fato se deu através da relação comercial com o Rio de Janeiro, como assim atesta a pesquisa realizada pelo historiador Afonso de Alencastro.¹¹

O questionamento a essa abordagem historiográfica, ganha evidência a partir da década de 70, por historiadores tais como Ciro Flamarion de Cardoso, que, em sua tese, sinaliza a existência de um modo de produção escravista no Brasil, porém, privilegiando não mais a sua vinculação à economia européia, mas a lógica própria dos elementos internos. Ainda mais, os autores que compartilham dessa interpretação, chegam a apontar a possibilidade de acumulação endógena, resultante da atividade agrícola e do comércio. A existência de um profícuo mercado interno, assinala para a complexidade dessa economia, que não poderia ser vista pela paisagem do latifúndio monocultor e escravista.

¹⁰ Ver: PRADO JR, Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 21 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 21 ed. São Paulo: Nacional, 1986. NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981

¹¹ Ver: FRAGOSO, João Luís. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992. Cap. II.
ALENCASTRO, Afonso. Op. Cit.

2. Formas arquiteturais e simbólicas dos espaços de sociabilidade

“Somos festeiros, ainda bem”

(Jota Dângelo)

Mapear o quadro e as formas arquiteturais e simbólicas da cidade colonial, contribui para o estabelecimento de relações explicativas acerca dos seus níveis de sociabilidade urbana, inserindo neste contexto o evento festivo, como um de seus traços caracterizadores. A estética da cidade brasileira colonial foi a estética da mestiçagem, incorporando à sua vida cultural indivíduos e grupos de diversas matizes: indígenas, africanos e portugueses. A interdependência entre esses diferentes grupos explicitava, por um lado, a contradição e o antagonismo de uma sociedade de base escravagista e enfatizava, por outro lado, a harmonia, a amálgama e a convergência. Sobretudo no plano da vida coletiva, onde os múltiplos espaços de encontro, em especial o espaço das cerimônias públicas cívicas e religiosas, engendram um processo de coexistência e interpenetração das diferenças.¹²

Em São João del Rei, “o que não falta é festa religiosa.”¹³ Durante todo o ano elas acontecem pelos quatros cantos da cidade. Nestas, se veêm misturados o sagrado e o profano, músicas, sinos, barraquinhas e celebrações, associadas a devoções, crenças e superstições, que reforçam a nem sempre pacífica convivência entre o catolicismo tradicional e o popular. A presença vista, ainda hoje, desse conteúdo lúdico-profano, inserido nas festas do calendário religioso, é como temos demonstrado, uma herança das tradições setecentistas, sobre as quais essa sociedade se erigiu. O que ainda podemos presenciar, por intermédio de várias práticas festivas, tais como as festas dos Passos, da Glória, da Boa Morte, do mês de Maria, de Corpus Christi, de Matosinhos, etc., é a presença nessa sociedade, ainda hoje, de suas heranças ibéricas e barrocas, que tem nas suas comemorações, um veículo de expressão de sua forma de estar no mundo. As festas e as cerimônias religiosas são nesse sentido, fatores de identidade cultural e de representação ritualizada dos costumes da cidade. Ocupando um espaço sócio-cultural de destaque na vida da cidade, a festa acaba por preservar rituais religiosos remanescentes do século XVIII, chamando a atenção para a presença desse catolicismo tradicional, expresso sobretudo nos principais eventos religiosos do calendário litúrgico

¹² CENTURIÃO, Luiz Roberto. Op. Cit. P. 287

¹³ DÂNGELO, Jota. Somos festeiros, ainda bem. *Jornal de São João del Rei em Casa e Turismo*. São João del Rei, agosto, 1995. P. 8

da vida religiosa da cidade de São João del Rei. Embora, tenham sido, nos tempos atuais, consideravelmente reduzidos, os festejos de natureza religiosa, ainda se fazem presentes nestas sociedades de colonização lusa. Estão presentes nos feriados religiosos, alguns nacionais, outros próprios de cada município, em homenagem a seus padroeiros e santos da devoção, vistos muitas vezes no passado e, mesmo na atualidade, como excessivos e inimigos do trabalho, por dispenderem dias e horas numa atividade não produtiva.

Embora tendo uma convivência recheada de tensões, alguns autores buscam discutir a fina e muitas vezes quase invisível linha que liga religião e lazer. Para o sociólogo do lazer Stanley Parker, a afinidade entre essas duas esferas da vida humana, estaria no fato de que em ambas estariam expressos o desejo de bem estar pessoal, a oportunidade para o exercício do livre arbítrio. Sendo uma atividade integradora e abrangente, estaria a mesma proporcionando um significado especial à re-criação (recreação).¹⁴ Mesmo havendo o declínio da prática religiosa, ainda assim, o que se observa, nas diferentes igrejas e organizações religiosas, é o significativo papel que as mesmas ocupam enquanto implementadoras de atividade de lazer junto aos seus membros freqüentadores. Fator importante na relação lazer e religião, foi a instituição dos dias santos e feriados públicos. Presentes nas culturas antigas e modernas, o tempo áureo dos dias santos e feriados corresponde ao período medieval. É sobretudo na Europa medieval, dominada pelo catolicismo, que estes se apresentam de modo mais intenso. Após o movimento da Reforma Protestante, muitos foram abolidos. O puritanismo dissidente, nascido desse movimento, acabou por gerar uma certa rejeição aos divertimentos populares, ou seja, as práticas da cultura popular acabaram por serem rejeitadas pela tradição protestante. Segundo Malcolmson, citado por Parker, os principais motivos desse rejeição foi o fato destas tradições do lazer popular serem consideradas profanas e licenciosas, estimuladoras de práticas mundanas, com raízes em práticas pagãs e papistas. Sob essa ótica, os divertimentos populares, com suas cerimônias e rituais faustosos não eram condizentes com a consciência protestante, além do que, subvertiam a ordem pacata da sociedade, afastando os homens de seus deveres sociais básicos, isto é, trabalho árduo, economia, contenção pessoal, devoção à família e sobriedade. Apesar das resistências e rejeições do movimento puritanista, tais práticas predominavam em grande parte da Europa católica, cuja característica era a presença

¹⁴ PARKER, Stanley. A. O Lazer e a Religião. In. *A Sociologia do Lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. P. 24

marcante da igreja nas festividades, cujo nível de participação era maior ou menor, conforme o nível de relacionamento existente ente igreja e Estado.

As festas religiosas, com suas formas arquiteturais e simbólicas, detonadoras de um possível ambiente e espaço de manifestação de lazer, chama-nos a atenção para uma possível discussão, envolvendo a relação trabalho e lazer no interior de uma sociedade de bases coloniais. Na nossa percepção, a moral católica, de base colonial, em certa medida, mitiga o problema da relação entre tempo de devoção e tempo de diversão. Essa tradição, mesmo respirando os ares da modernidade que se instaura no século XIX, com o advento da ética do trabalho e o espírito do capitalismo, permanece atrelada às suas matrizes medievais, por um lado, e contra-reformista, por outro.¹⁵ Nesse sentido, os festejos religiosos presentes nesta vila mineira de origem colonial, poderiam serem tomados como substratos para a discussão do problema moral, envolvendo a relação tempo de devoção e tempo de diversão, inserido numa sociedade multifacetada, que convive com o urbano e o rural, com o trabalho livre e a ordem escravista, estando essas variantes assentadas sob uma matriz dominante: a cosmovisão barroca e a moral católica luso-brasileira.

Para a igreja, contudo, os momentos de devoção e diversão eram oportunidades para o reforçamento da fé e para a unidade de seu trabalho. A verdade é que, questões ideológicas a parte, eram momentos estabelecadores de relações sociais e de convivência que possibilitava aquilo que Raquel Soihet chama de circularidade cultural, entendida como o processo de interpenetração de aspectos da cultura popular com a cultura tradicional, erudita, estabelecendo-se a partir daí uma relação sincrética da qual fazem parte muitas manifestações festivas e folclóricas presentes na cultura brasileira.¹⁶

Resistindo às mudanças estabelecidas pela pós-modernidade, que se anuncia e já se faz presente nas sociedades globalizadas, pode-se ainda presenciar, nas cidades do interior de Minas, o grande número de feriados e viva a tradição das festas religiosas, as quais se misturam ao cotidiano e ao estilo de vida de seus habitantes. Embora ainda

¹⁵ Os estudos desenvolvidos pelo estudioso da filosofia luso-brasileira, prof. José Maurício de Carvalho, podem vir a ser bons indicadores para o desvelamento de algumas destas questões. Ver: CARVALHO, José Maurício de. *Caminhos da Moral Moderna. A experiência luso-brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

¹⁶ SOIHET, Raquel. O Drama da Conquista na Festa: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n. 9, pp. 44-59. O conceito utilizado pela historiadora foi apropriado dos estudos desenvolvidos por Carlo Ginsburg, que o extrai de Bakhtin. Entende-se como circularidade cultural, as influências recíprocas existentes entre a cultura dos segmentos dominantes e a cultura dos subalternos. (Cf. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1987. P.17)

viva, essa tradição, João Camilo de Oliveira Torres comenta, com um certo ar de saudosismo, alguns costumes que vão se perdendo no tempo:

(...) para as populações das cidadizinhas mineiras de antes de 1930, o 'Mês de Maria' (...) que praticamente foi extinto pela igreja, coincidindo aliás, com uma estação especialmente feliz do ano, era uma fonte de inesgotáveis oportunidades de alegria desde as crianças que tomavam parte nos festejos e suas respectivas e vaidosas mães, como as moças e rapazes que aproveitavam a ocasião para namorar mais livremente ou apenas os que apreciavam e espetáculo da igreja iluminada ou se deliciavam com a música, e no fim, os leilões de prendas que despertavam grande interesse.¹⁷

Havia, portanto, em Minas, festas religiosas ou ligadas ao calendário litúrgico para todos os meses do ano, com a apreciação e participação popular. Mesmo quando o tema era a morte, como visto nas cerimônias fúnebres da Semana Santa, o tom a evidenciar-se era o de um espetáculo de ludicidade, explicitados pelos contornos suntuosos do Barroco, presentes na música e nas artes plásticas, traduzido no seu final por um carnaval macabro que terminava em pagodeira.¹⁸

A religiosidade era demarcada socialmente pela estratificação social, que compunha a hierarquização social das diversas irmandades, uma vez que as classes sociais nelas se agrupavam, conforme o poder adquirido. Entretanto, era esse mesmo catolicismo oficial e hierárquico, o veículo social, o espaço de ocupação predileta dessa população, seja no culto ao sagrado, seja no culto do profano, presente muitas vezes de modo indiferenciado nos cultos e cerimônias internas e externas.

Encontramos na narrativa do cronista, que assina com o pseudônimo de Demosto, alguns comentários sobre as festas de junho em São João del Rei, no ano de 1833. Em seu texto, chama-nos a atenção o caráter de festa popular, dado às festividades do mês de junho já àquela época, as quais têm seu traço de permanência consolidados nos dias de hoje, como um dos festejos representativos da cultura popular, que simboliza, de modo bastante concreto, a simbiose entre o sagrado e o profano, num

¹⁷ TORRES, João Camilo O. Ora et Labora. In. *Lazer e Cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968. P. 29

¹⁸ Idem, p. 30. A respeito do tema da morte e do rito fúnebre nas cerimônias públicas em Minas Gerais, verificar: CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Considerações sobre a pompa fúnebre na Capitania das Minas – século XVIII*. Op. Cit. pp. 3-24

evento festivo de matriz religiosa, nascida das confluências entre o aparentemente antagônico catolicismo tradicional e o catolicismo popular. Festas de santos católicos populares, que numa sociedade barroca, carregada de cerimônias faustosas, bem mostram a complexa, porém possível convivência entre o sagrado e o profano, entre o erudito-tradicional e o grotesco-popular. O citado cronista, assim relata a festa das fogueiras:

*(...) Por um costume tradicional de nossos maiores são festejados neste mês três grandes santos – Santo Antônio, S. João e S. Pedro. E quem se desse ao trabalho de percorrer as ruas da cidade e seus arrabaldes, **ainda os mais democráticos**, nas noites em que se acedem fogueiras à qualquer daqueles Santos, veria, com ardor e com que júbilo são feitas essas festas, entre as quais muito se distingue a da noite de S. João.*

Não diremos ser este o Santo com o qual maior devoção tenham os sãojoanenses: mas não sei porque particularidade reina nessa noite maior entusiasmo entre o povo e raro é aquele que não faz em sua casa uma fogueirinha e não convida a algum amigo para vir jogar ou para qualquer divertimento.

Bem sabemos que não são estas as festas que mais devem agradar ao glorioso Filho de Zacarias e de Isabel e nem aquelas de que mais se devem ocupar os reformadores de costumes inveterados e nem tratamos do culto externo ou interno de ninguém, seja-nos lícito prosseguir em nossa narração.

Eis o dia da fogueira.

Começa desde manhã o enorme consumo de bombas, das salvas e dos foguetes, que sobem constantemente ao ar, acompanhados da gritaria infernal dos meninos, que nesse dia parecem possuídos de uma alegria sobrenatural.

Chega a noite; os clarões vivos das numerosas fogueiras, batendo da chapa sobre as alvas paredes dos edificios e sobre as altas torres das igrejas, iluminam completamente a cidade e dão-lhe um aspecto risonho e festivo.

Aqui, é um grupo de rapazes, que se apinham em roda de uma fogueira e se divertem em assar batatas, ao tram das salvas, dos tiros, dos morteiros e dos foguetes, que sobem constantemente ao ar e fazem retumbar as cavernas das montanhas circumvizinhas.

As bombas da China, os balões, as rodinhas os pistolões, os fogos de artifício e de Bengala, são consumidos em alta escala nos salões por diversas famílias do lugar.

Ainda bem que estes costumes patriarcais, estas reuniões familiares, em certos dias do ano, ainda não foram banidas dentre a nossa sociedade, porquanto a harmonia e afabilidade foram sempre proverbiais ao povo sãojoanense.

Alí, é um baile ou soirré, onde a música soa ruidosa e alegre, fazendo as delícias do mundo elegante, e onde numeroso concurso de damas e cavalheiros, turbilhoando nas salas, parecem embriagados de prazer de perfume das flores e das “toilletes.”

Acolá é uma falange de moças espirituosas, que compulsam um livro de sortes, pegamodados e consultam as Sibilas: - “qual será o seu destino – quem será o seu noivo – qual das pessoas presentes lhe terá mais amor.”

Além de uma plêiade de moços folgasões, que cantam e bebem em derredor de uma mesa servida de lauta ceia: uns fazem estourar com profusão a dupla cerveja da Kremer, e outros enchem os copos a transbordar das gotas de rosa do delicioso Mineiro, extraído das vinhas cultivadas no vale do Rio das Mortes.

Cada um por seu turno faz libações à dona dos seus pensamentos, terminando com um curso ou com um discurso, que é acolhido com estrondosas palmas e risadas.

Mas além, é uma serenata, e outra, percorrendo, em rumos diversos, as ruas da cidade até alta noite e cantando modinhas ao som do violão; ou uma música de banda, que toca escolhidas peças, de porta em porta a fim de obsequiar a algumas famílias.

Mais adiante, em diversos bairros da cidade, é um batuque ou cateretê estripitoso, onde uma rapasiada desenfreada bate palmas e

*sapateia tumultuosamente, ao som abafado de uma viola lasciva, rufando o pandeiro e cantando cantigas (...)*¹⁹

Conforme nos coloca a historiadora Maria Augusto do Amaral Campos, era a religião que demarcava os níveis de sociabilidade presentes na comarca e posteriormente na cidade de São João del Rei. Através da religião e de sua pompa barroca, que se estabelecia o contato social da população. (...) *A procissão, o enterro, a semana santa, a novena, a missa de Domingo, eram acontecimentos que marcavam o conagraçamento dos moradores.*²⁰

A respeito do hábito da missa aos domingos, a crônica de Jorge Rodrigues tece interessante relato, apresentando tipos e costumes tradicionais de um pequeno arraial no domingo, dia de missa. Assim diz o cronista:

O arraial amanheceu festivo e ridente. (...) Ao romper do dia estavam limpas as pequenas ruas, limpinhas e por elas se estendiam, brancas e pitorescas, as casinhas graciosas como um bando de gaivotas mansas pousadas em vasta campina verdejante. Nas portas brincam as criancinhas garridas, descalças, de vestidos lavados, de chita, enchendo os ares de gritos e risadinhas alegres, claras, argentinas. Começam a chegar os fazendeiros, roceiros, agregados, para a Missa. Entram em grandes grupos a cavalo estriptosamente, saudando a rir os que chegaram antes, perguntando a um se o pai também veio, a outro se trouxe o cavalo baio par experimentar, a este porque o primo Chiquinho não aparece lá por casa, àquele se o vigário já foi para a igreja, e mais isto, e mais aquilo, e mais aquilo outro. Os pagens vêm atras, como séquitos de honra, em lotes, enfronhados em roupa de casimira já usada dos senhores moços, e as mucamas a pé, com vestidos exóticos e chapéus impossíveis; formando tudo aquilo um conjunto impagável de tipos grotescos, que fornece ao touriste um quadro interessante dos nossos costumes do interior. As cavaleiras, em seus largos roupões escuros, de capinhas brancas e chapéus à pastora, apeiam-se no porão da casa, que todos os fazendeiros por ali tem sua casa no arraial; - apeiam sem auxílio

¹⁹ Demosto. (Pseudônimo). "As Fogueiras." *Arauto de Minas*. São João del Rei, Ano VII, n. 16, 23 de junho de 1883. P. 2

²⁰ CAMPOS, Maria Augusta. Op., cit. p. 34

da cadeira, às pressas, expeditas, e, daí a minutos, já lá vão, noutros trajes, caminho da ermida. Enquanto não toca a entrada, espalham-se os homens pelas tres únicas avenidas da terra, fazendo ponto de palestra, uns, na botica do Juiz de Paz, outros na loja do velho capitão da guarda nacional. Versam alí sempre as discussões sobre café, lavoura e política local, interrompida, a intervalos por algum mais que chega, para recomeçar de novo, sobre ... política, lavoura e café. Formam grupos pelas esquinas, ou nas vendolas, os escravos da roça, que hoje, de folga, riem-se, conversam, ruidosamente, expansivamente, esquecidos por momentos de sua triste condição de infelizes párias, de embaraços inconscientes da civilização do país. Toca o sino. Vão todos para a igreja, que se enche literalmente. O vigário, pastor a vinte anos dessas boas ovelhas, com um semblante ao mesmo tempo, simpático e agradável, caminha para o altar, num passo vagaroso, grave. Faz-se completo silêncio, profundo e solene. O verdadeiro espírito religioso manifesta-se nesse fervoroso recolhimento nessa devoção toda filha de uma fé ardente, inabalável, firme, antiga (...) que nessas paragens ermas, onde há ainda escravatura e onde a ilustração e o saber não acharam terreno fértil em que se espraíem e germinem, nunca apareceram tais reformistas. O que teria por aqui de conflagrações e anarquias se tal acontecesse! Esse temor de Deus, a crença numa outra vida, a fé na oração, o cumprimento dos deveres religiosos, - são garantias de ordem e de tranquilidade para esta gente sã e honesta e praza ao céus que não desapareçam jamais dentre ela.²¹

Para Suely Franco, a herança ibérica herdada por esta cidade, constitui, ainda hoje, fator de identidade cultural. Sob este aspecto, talvez possamos falar naquilo que o sociólogo Norbert Elias considera como *identidade-nós*, e que o historiador da cultura Roger Chartier recupera para a história, vista como ciência social, e na perspectiva da longa duração, ou seja, a idéia de que os indivíduos estão sempre ligados por dependências

²¹ “Variedades.” *Arauto de Minas*. São João del Rei, n. 37, 18 de janeiro de 1885.

recíprocas, percebidas ou invisíveis que moldam e estruturam sua personalidade e definem, em suas modalidades sucessivas, as formas de afetividade e da racionalidade.²²

3. A transição do século XIX para o século XX e as relações entre o trinômio fé/festa/ordem

3.1 O esgotamento do ouro e a ascensão da economia de subsistência

As pesquisas sobre o mercado interno e sua relação com a economia escravista são bastante promissoras na década de 80. Os resultados apontam para a existência de um mercado interno autônomo, em relação às instabilidades do mercado internacional. Chamam também atenção para a existência de uma expansão do comércio agro-exportador, sustentado não por um capital metropolitano, mas por uma acumulação mercantil interna, reinvestida na produção.

A historiografia mineira dos anos oitenta, inicia um movimento, na direção da revisão dos estudos historiográficos tradicionais sobre a economia mineira do século XVIII e meados do dezenove, chamando a atenção para o caso de Minas que, ao contrário do que era consenso, não houve uma exclusividade na economia do ouro. Estudos que apontam a tese da decadência do ouro, como marco para o surgimento da agricultura, não se sustentam, frente aos dados empíricos levantados pelos pesquisadores.²³ Roberto Borges Martins é um dos historiadores que chamam atenção para o fato de Minas Gerais, já no século XIX, ou seja, em período de decadência da mineração, ser a maior província escravista do Brasil, isto devido ainda, à manutenção da importação de escravos e ao significativo crescimento de sua população nesse período.²⁴ O que Martins não consegue explicar é, de que maneira uma economia escravista viscinal, isto é, sem fortes exportações, conseguia manter tantos cativos. Havia um grande número de pessoas trabalhando e vivendo em pequenas propriedades espalhadas pela província através da agricultura, ao mesmo tempo que se verificava um intenso comércio em seu interior. Conforme coloca Edna Maria Resende:

²² CHARTIER, Roger. A história hoje. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, n. 13, pp. 97-113

²³ GUIMARÃES, Carlos Magno e REIS, Liana Maria. Agricultura e escravidão em Minas Gerais (1700-1750). *Revista do Departamento de História*. Belo Horizonte, UFMG, N.2, 1986, pp. 7-37

²⁴ MARTINS, Roberto Borges. *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte, CEDEPLAR/UFMG, 1982

Minas apresentava uma economia dinâmica, diversificada e mercantilizada. A agricultura mercantil de subsistência, produzindo para o autoconsumo e para o abastecimento, constituindo-se no principal setor de emprego da força de trabalho escravo. O sul mineiro, por exemplo, destacou-se como uma região escravista de agricultura mercantil de subsistência, estabelecendo intensas relações comerciais com o Rio de Janeiro.

No entanto, existiam outros setores econômicos de expressão na Minas oitocentista. As atividades de transformação, especialmente a indústria têxtil doméstica, as diversas oficinas artesanais, a siderurgia e a mineração aurífera subterrânea concentravam uma considerável parcela da força de trabalho provincial, inclusive mão de obra escrava.

Nas regiões urbanas também encontravam-se um número significativo de escravos. Na maioria das vezes, esses cativos encontravam-se alugados por seus senhores ou eram escravos “ao ganho,” desempenhando toda sorte de serviços urbanos, especialmente o comércio, o serviço doméstico e os ofícios artesanais especializados.²⁵

Esse dinamismo econômico, presente nas áreas urbanas mineiras, terá seus reflexos na mobilidade social. Possibilitou aos cativos a conquista da alforria, ao mesmo tempo que facultou-lhes um maior sucesso no enfrentamento das dificuldades de sobrevivência após a libertação. Dessa forma, a vida cotidiana nas vilas e arraiais, possibilitava, mediante a mobilidade social e uma maior oportunidade de participação informal na economia, a que os escravos trabalhem em ocupações das mais diversificadas. Em vista disso, conseguem acumular algum valor em bens e dinheiro, bem como criar estratégias para obter a alforria. Comentando sobre esse aspecto, Resende, apoiada em Eduardo F. Paiva, coloca que:

O alto número de alforrias em Minas Gerais estava associado à diversificação econômica e à urbanização da sociedade mineira

²⁵ RESENDE, Edna Maria. *Entre a Solidariedade e a Violência: Valores, Comportamentos e Lei em São João del Rei, 1840/1860*. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 1999. Dissertação de Mestrado.

*colonial que criaram condições para a inserção da população nas atividades agropastoris, comerciais, artesanais e mineradoras.*²⁶

São João del Rei, como entreposto regional e pólo comercial ainda forte no século XIX, oferecia a seus habitantes em leque maior de oportunidades de participação, considerando-se, é claro, as características da estratificação social e os espaços de inserção sócio-econômica da população. Embora enfrentando dificuldades de análise postas pelos limites apresentados pelas listas nominativas do distrito da Vila de São João del Rei, Resende tenta constituir o quadro social da cidade, a partir da indicação dos setores ocupacionais, aos quais estava alocada a população. De acordo com a pesquisadora,

*as listas nominativas são fragmentos de dois censos provinciais referentes aos 242 distritos de paz dos aproximadamente 410 existentes em 1831-32 e 1838-40. Foram realizados por iniciativa do Governo Provincial e objetivaram mapear a população, tendo em vista o conhecimento do número de eleitores e das pessoas sujeitas ao recrutamento e à tributação.*²⁷

Estas listas foram trabalhadas por Clotilde Paiva, em sua tese de doutoramento, na forma de um banco de dados sobre a demografia e a organização econômica da Minas oitocentista.

*(...) a sua elaboração era de responsabilidade dos juizes de paz, auxiliados pelo inspetor de quarteirão, que confeccionava as listas parciais, e pelo escrivão, que as copiava na versão final. O envolvimento de várias pessoas na confecção dessas listas gerou problemas de uniformidade, além de as mesmas conterem omissões e contradições.*²⁸

²⁶ Ver: PAIVA, Eduardo França. *Escravos libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias de resistência através dos testamentos*. São Paulo: Annablume, 1995. Pp. 21-42; 79-80; 82-83

²⁷ RESENDE, Edna M. Op. Cit. p. 29

²⁸ PAIVA, Clotilde. Op. Cit.

A única listagem existente para vila de São João del Rei é a de 1830-40, a qual contém apenas informações relativas aos homens livres. A informação acerca de escravos que se tem é sobre o seu total, 1598, não informando, portanto, sobre sua presença a nível domiciliar. Dessa forma, fica limitado o esboço de uma estratificação social para a vila, baseado no critério posse de escravos. Acreditamos, entretanto, que, para fins de apresentação de um quadro geral da vida social em São João del Rei do século XIX, o trabalho de Resende nos dá uma boa visão panorâmica.

A primeira chamada de atenção é quanto às diferenças existentes entre o mundo urbano e o mundo rural. Os distritos do município de São João del Rei eram predominantemente agrícolas, embora existindo um considerável contingente atuando nos setores de serviços e nas funções públicas. Nota-se a presença maior de homens desempenhando as atividades, com a mulheres dedicando-se à fiação, tecelagem, serviços domésticos, trabalhos em tecidos e atividades agrícolas.²⁹

A vila de São João del Rei, propriamente dita, apresentava peculiaridades em relação aos distritos rurais e municipais. Marcada, como vimos em momentos anteriores, por uma intensa atividade comercial, oferecia muitas e variadas oportunidades ocupacionais a seus moradores. Baseado na Lista Nominativa e nas relações de réus e testemunhas de processos-crime, a historiadora Edna Maria Resende, listou os setores ocupacionais em que se achavam colocadas a população. O destaque vem, em primeiro lugar, para o comércio. Assim vejamos:

O dinamismo do comércio é refletido pela presença dos negociantes na Lista Nominativa. Das 968 pessoas das quais se tem informação sobre a ocupação, 16% são negociantes (...) Certamente, apenas uma parcela desses negociantes dedicavam ao comércio de fazendas secas, vendendo tecidos, ferramentas e produtos importados trazidos da Corte, fazendo parte da elite da sociedade são-joanense. Participavam ainda desse grupo social os negociantes de secos e molhados, vendedores de alimentos e gêneros da terra.

(...) A existência de pessoas trabalhando como caixeiros, farmacêuticos, mascates, padeiros, carniceiros, também confirma a ligação da cidade com o comércio. A presença de arreadores,

²⁹ MARTINS, Ângela M. *Século XIX: estrutura ocupacional de São João del Rei e Campanha*. V Seminário sobre Economia Mineira. CEDEPLAR/UFMG, Belo Horizonte, 1990. Pp. 31-51, citado por RESENDE, Edna M. Op. Cit. p. 31

carreiros, ferradores, atestam a importância das tropas na vida da cidade e os vínculos com os mercados mais distantes.

As funções públicas também ofereciam um leque de oportunidades aos homens livres, desde ocupações mais prestigiosas, como advogados, eclesiásticos, médicos, juizes, professores, administradores, cobradores, escrevães, até atividades mais humildes, que empregavam soldados, carcereiros, porteiros.

As “atividades mecânicas e manuais” ocupavam uma parcela expressiva da população, apresentando uma grande diversificação com inúmeros ofícios especializados. A maioria das atividades artesanais constituía-se de ofícios usuais, como sapateiros, carpinteiros, pedreiros, latoeiros, funileiros, alfaiates, ferreiros, atividades estas indispensáveis em um núcleo urbano. Esses artesãos provavelmente trabalhavam em suas próprias oficinas e podiam contar com auxílio de trabalhadores livres e escravos (...)

(...) Os artesãos que desempenhavam atividades comuns, mas eram considerados mestres, e aqueles que exerciam um ofício tido como nobre por suas exigências técnicas ou artísticas, como ourives, relojoeiro, pintor, escultor, adquiriam um relativo status. No entanto, a maioria dos artesãos que desempenhavam atividades manuais e mecânicas mais provavelmente trabalhavam solitariamente, em suas oficinas, ou prestavam serviços nas tendas de outros artesãos, além de dividirem o mercado de trabalho com os escravos que dominavam ofícios especializados.

(...) Brancos, pardos e negros, livres ou forros pareciam disputar um espaço no mercado de trabalho urbano.

Algumas categorias pareciam alcançar lugar de destaque no mercado de trabalho da cidade de São João del Rei. É o que parece ocorrer com a construção civil, dado o número de indivíduos que se declaravam pedreiros, carpinteiros, marceneiros, carapinas, pintores, oleiros e telheiros.

A presença de chapeleiros, fabricantes de chapéus e de um número expressivo de sapateiros sugere a existência de fabriquetas de chapéu e de calçados. Os seleiros e os alfaiates também são bastante

freqüentes. Ainda estão presentes no mercado de trabalho urbano barbeiros, charuteiros, caldeireiros, latoeiros, funileiros, armeiros, esteireiros.

(...) O registro de mineiros e pescadores atestam que as atividades extrativas encontravam algum espaço de desenvolvimento. Numa cidade originada da exploração aurífera, certamente a mineração ainda oferecia atrativos.³⁰

Outro lado significativo sobre a sociabilidade na vila de São João del Rei do século XIX, é o nível de inserção social, fundado no parâmetro cor. Embora tendo a cor branca um alto percentual entre os homens livres e com baixos valores para a população mestiça, a região segue a tendência verificada para o conjunto da província de Minas Gerais, onde o predomínio é da população “de cor.” Cita Resende que:

Já no final da década de 1830, 58% da população da cidade eram constituídos de africanos crioulos e mestiços e 38% eram brancos, não constando qualquer informação sobre a cor de 2,6% dos livres.³¹

Os estudos de Edna Resende, ao cruzarem os fatores cor e ocupação, presentes nos dados por ela apresentados, mostram que para as atividades ligadas ao comércio, as funções públicas mais nobres, eram na sua maioria ocupadas por brancos. Ao mesmo tempo que mascates, ferradores, arreadores, são ocupações marcadas pela diversidade de cor. Funções públicas mais humildes, também abrem espaço para a presença da população “de cor.” As atividades mecânicas e manuais, empregavam brancos, mestiços, pretos e crioulos. Atividades artesanais mais comuns, tais como carpinteiros, ferreiros, barbeiros, etc. tinham uma marcante presença da população de cor. Dado interessante é verificar que, mestiços, na faixa de 80%, tinham o prestigioso ofício de ourives. Músicos, em grande escala, eram mestiços, como também jornaleiros.

Estes dados, extraídos das fontes processuais pesquisadas pela autora, parecem indicar que a cidade de São João del Rei oferecia reais oportunidades de inserção econômica e social à população de cor, especialmente num contexto cultural marcado pela hierarquização racial, em que a cor da pele era definidora de status na sociedade.

³⁰ RESENDE, Edna Maria. Op. Cit. pp. 33-35

³¹ Idem, p. 36

Notamos, todavia, a presença de mestiços em atividades consideradas nobres, como ourives, advogado, professor, médico. Além disso, o fato da cidade oferecer um amplo leque de oportunidades à população, faz-nos especular sobre a existência de uma estrutura social mais aberta, possibilitando, inclusive, a mobilidade social em alguns setores.

A complexidade do contexto sócio-econômico da província, aponta par uma sociedade marcada por relações pessoais, possibilitadas por um ambiente urbano propício – por força das circunstâncias que o geraram – ao estabelecimento de laços de solidariedade e vizinhança. Resende nos aponta que,

*Livres libertos e escravos, brancos, pardos ou pretos, partilhando valores culturais e experiências comuns, viviam e trabalhavam numa cidade onde as atividades comerciais muito mais que um espaço de sobrevivência, constituíam-se no centro da vida social das pessoas.*³²

Comentando sobre esse mecanismo de relacionamento social, presente na vila de São João del Rei, a autora reporta-se ao historiador inglês E. P. Thompson, que destaca a importância da experiência comum compartilhada na formação de uma identidade de interesses entre um grupo social.³³

Ao tratar da sociabilidade na Comarca do Rio das Mortes, em meados do século XIX, Maria Augusta do Amaral Campos, chama a atenção para a presença do espírito barroco do setecentos, como mentalidade aglutinadora das relações sociais, revelada sobretudo através das comemorações religiosas e dos festejos cívicos. São fatores sempre presentes na vida das comunidades das províncias mineiras.³⁴

Aos domingos, aconteciam os encontros sociais mais intensos. As casas das vilas, que ficavam fechadas durante a semana eram abertas, as pessoas colocavam as suas melhores roupas para irem à missa, costume que ainda hoje se vê perpetuar nas pequenas cidades do interior. Oportunidade para os contatos políticos e para a vivência social, tanto para as camadas simples, os trabalhadores rurais, quanto para as grandes famílias.

Luccok, ao passar pela comarca relata a seguinte cena:

³² Ibidem, p. 38

³³ Ver: THOMPSON, Edward. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. V. I

³⁴ CAMPOS, Maria Augusta Amaral. *A Marcha da Civilização*. Op. Cit. p. 34

*Distinguimos um grupo de pessoas, trajadas na alegre maneira da região de vermelho, branco e azul, com guarda-sóis de matizes tão ou mais variegados que os de suas vestes (...) Estavam de regresso de uma igrejinha (...)*³⁵

Terra de contrastes, a província era testemunha dos elementos constitutivos da sociedade escravista. Enquanto atores sociais, sua presença estava restrita ao trabalho, como mão de obra na criação de gado, reprimindo sua participação na vida cultural. Outro segmento social de não menor importância, eram os homens livres pobres, uma vez que formavam um expressivo contingente na agricultura de subsistência e na de exportação, na sociedade oitocentista. Constituíam-se de escravos alforriados e indigentes. Presentes na periferia dos núcleos urbanos, exerciam serviços que implicavam riscos ou relacionados às atividades artesanais. Vivendo, pois, à margem da sociedade, mas junto dela, formavam o chamado “mundo da desordem.”³⁶ Embora assim considerados pela historiografia, estes indivíduos e grupos, partilhavam valores culturais e experiências comuns dentro do complexo contexto econômico-social da província de Minas. O cotidiano dessa sociedade de marginalizados tinha a rua o centro da vida social. Nela estabelecem espaços de lazer e de encontro entre as pessoas. Configura-se, ao mesmo tempo, como foco de tensão e de conflitos, cuja violência estabelecia-se como parte do estilo de vida dessa formação social.

Estudando a violência entre os homens livres pobres em São João del Rei, na primeira metade do século XIX, Edna Resende chama-nos a atenção para o fato de que:

*a mesma surge como um traço marcante e rotineiro, constitutivo da vidas dessas pessoas. (...) ao recorrerem à força para resolverem seus conflitos cotidianos, os homens do século XIX não estavam assumindo uma atitude de resistência consciente à ordem estabelecida, mesmo que, usualmente, fossem vistos dessa forma pelas autoridades. Sensatos eram, na maioria das vezes, impulsivos, guiados por um código de honra que legitimava esses atos violentos.*³⁷

³⁵ LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. P. 285

³⁶ Ver: MATTOS, Ilmar Rochloff de. *O Tempo Saquarema*. Op. Cit. cap. 2.1

³⁷ RESENDE, Edna Maria. *Entre a solidariedade e a violência. Valores comportamentos e lei em São João del Rei, 1840/1860*. Op. Cit. p. 124

Para Resende, o universo cultural, onde se achava inserido esse segmento ... e, porque não, essa sociedade ..., seria o fator explicativo a ser buscado para o entendimento desse comportamento. Correspondendo, dessa forma, cita a autora,

a um sistema de valores centrado na coragem pessoal, a violência era tida como uma conduta legítima e normal, pertencendo à ordem natural das coisas. (...) Na rua tinham lugar tanto as festas religiosas, as procissões, e as alvoradas, quanto os batuques e as comemorações dos dias santos do entrudo. Nessas ocasiões as pessoas se divertiam, estreitando-se o convívio entre escravos, livres e forros. Mas estas reuniões eram ainda espaço para que alfaiates, pedreiros, sapateiros, jornaleiros, carpinteiros, caldeireiros, funileiros, livres ou escravos acertassem suas diferenças.³⁸

Outros espaços também se constituíam em núcleos de convivência e lazer para a sociedade marginalizada do oitocentos: é o caso das vendas, das casas de negócio, das tavernas. As vendas, sobretudo, eram espaços procurados não apenas para aquisição de produtos necessários à sobrevivência, como também importante espaço de lazer coletivo. Dentro do conjunto das permanências, a venda, hoje bar/botequim, pode ser considerada, embora dentro de uma outra cosmovisão e de outro estilo de vida, como um hábito que, ainda se faz presente na vida das cidades do interior de Minas, formando, nas suas periferias, uma geografia do ócio. Juntamente com as festas, compõem o panorama dos espaços de lazer da cidade. Da mesma forma que os festejos populares, o botequim e a antiga venda, ainda remanescentes, estabelecem, a nosso ver, uma possibilidade de democratização dos espaços de lazer na cidade, muitas vezes desprovidas de políticas públicas no atendimento a amplas parcelas da população, quando não excluída, marginalizada desse processo.³⁹

Sobre as vendas existentes na cidade no século XIX, Resende aponta a tentativa, sem sucesso, de fazer incidir sobre elas as Posturas Municipais, com a finalidade de conter a bebedeira, a jogatina e a conseqüente violência daí advinda.

³⁸ Idem, p. 40

³⁹ Ver: ADÃO, Kleber S. O botequim e a geografia do ócio na paisagem urbana da cidade. *Conexões: Educação, Esporte, Lazer*. Campinas, Faculdade de Educação Física da Unicamp n.3, dezembro, 1999. pp 92-102

Relações de solidariedade e violência eram constituintes da trama social, engendrada pela sociedade dos despossuídos do oitocentos. Gerará a preocupação dos governantes, cuja finalidade é a manutenção da ordem e a tentativa de construção de uma sociedade civilizada. O alvo das atenções estava voltado, principalmente, para o disciplinamento e controle dessa camada marginal da sociedade, ou seja, os homens livres pobres. A estes eram destinadas práticas disciplinares, como o recrutamento, a instrução e o trabalho, mediante algumas políticas públicas. Abaixo destes, haviam ainda os escravos; sobre eles o controle se dava sobre seus hábitos e costumes, ficando excluídos, todavia, da instrução.

O discurso civilizador, presente na sociedade mineira do oitocentos, insere-se, entretanto, dentro de um quadro sócio-cultural mais ampliado, que envolve tanto a construção de um novo ordenamento civil, quanto religioso.

3.2 A reconfiguração das práticas de sociabilidade e os novos olhares sobre o urbano.

Ao longo dessa trajetória vimos apontando as bases sócio-culturais que deram uma configuração específica aos hábitos e estilo de vida da população são-joanense no decorrer de sua formação social e de seu processo civilizatório. O contexto, no qual estas se davam foram apresentados levando-se em conta as condicionantes de sua formação, ou seja, as características de sua população, a circularidades das culturas que aqui aportaram, as bases sócio econômicas geradoras de processo de desenvolvimento da condição de vila à cidade, tendo em conta neste aspecto sua privilegiada posição de entroncamento de vários caminhos. Tais especificidades se mostraram presentes na vida da então vila de origem mineradora, cujo desafio foi ultrapassar a fase de decadência do precioso metal dourado, e vir a se constituir em fornecedora de víveres e alimentos para os viajantes que adentravam o sertão mineiro, na esperança de chegarem onde havia ouro e pedras preciosas em abundância. Conseqüência dessa passagem dos aventureiros vindos do litoral foi então a criação de núcleos populacionais, assentados numa cultura e tradição nas quais fé, festa e ordem se traduzem em práticas de devoção e diversão, da mesma forma que se apresentam como mecanismos de lutas e apropriações no plano de sagrado e do profano pelo poder e pelo prestígio.

Entretanto, os tempos mudam, as configurações sociais e políticas vão se ajustando às novas ordenações civilizatórias. O contexto sobre o qual se insere os divertimentos e as práticas de sociabilidade em São João del Rei na passagem do

dezenove para o vinte, reflete novas redes de interdependência. De um lado, o catolicismo festivo e de apelo aos sentidos, próprio dessa sociedade barroca, sofre os efeitos da política de romanização e do esforço civilizador em curso, sobretudo nas primeiras décadas do século XX. O espírito do positivismo reflete o impasse entre a tradição e a modernização impasse este que se fazem anunciar nos jornais circulantes na cidade. Os espaços públicos começam a serem demarcados, “modernas” diversões passam a serem gradativamente introduzidas. O discurso da imprensa seja ela de viés católica ou liberal-conservador, caminha por meios de idéias, ora convergentes, ora divergentes na direção do esquadramento e do controle dos espaços e das práticas de diversão. Entre os perdedores, por exemplo, está a festa e os festeiros de Matosinhos, que acabarão se rendendo ao novo formato festivo, propugnado pelos acólitos da romanização, cuja conseqüência será sua supressão em 1924.

A nova configuração posta com a República, assume na conservadora São João del-Rei reflexos na ordem sucessória do mandonismo político local. Este último fato é marcado por meio da entrada do positivista Basílio de Magalhães na política local. O mesmo irá ocupar o cargo de agente municipal (prefeito) tencionando as relações entre o poder político e o poder religioso na cidade.

É importante que tracemos um panorama da cidade nesse período, com seus usos e costumes, os conflitos entre a cidade ideal e a cidade real, a sua inserção no novo século marcado pelas ideais positivistas de ordem e progresso, com seus conflitos identitários entre tradição e modernidade, ou seja, o conservadorismo de uma monarquia que não se consolidou e o espanto diante de uma ordem republicana nascida da noite para o dia, ante os olhos de uma população atônita.

A imprensa são-joanense do período aponta para esse estado de coisas, revelando os conflitos de uma cidade construída pelas penas dos cronistas revelando aquilo que o historiador Alexandre denomina de “a cidade de papel.”⁴⁰

São João del Rei começa a enfrentar os ventos da modernidade ainda no final do século XIX, mais propriamente em 1881, quando da inauguração da Estrada de Ferro Oeste de Minas. O evento contou com a presença de SM D. Pedro II e numerosa comitiva. A obra empolgou a população da cidade, pois representava a ligação à capital do Império, a cidade do Rio de Janeiro. Foi o primeiro passo para inserir a cidade nos ventos da civilização. Juntamente com a ferrovia vieram o telégrafo, a casa bancária, a

⁴⁰ COSTA, Alexandre J. Gonçalves. *Os Frades na Cidade de Papel. A Ação Católica em São João del Rei 1905-1924*. Dissertação de Mestrado. Campinas, IFCH/UNICAMP. 2000. P. 14

iluminação elétrica, o ringue de patinação, o cinema, o primeiro automóvel, o telefone, o primeiro time de futebol, o hábito dos cafés como espaço de lazer, o teatro municipal, o atelier fotográfico.⁴¹



Festividades do cinquentenário de criação da EFOM

Fonte: Associação São-Joanense de Preservação e Estudos Ferroviários

Assentado sobre essa tradição barroca, a cidade embebia-se, entretanto, dos ares do moderno advindos, do litoral. A estrada de ferro, trouxe gente, muita gente, de imigrantes italianos a turistas e intelectuais; de mendigos a políticos, de comerciantes a artistas em temporada no teatro municipal; caixeiros-viajantes, prostitutas a soldados do 28º Batalhão de Infantaria, vadios a famílias respeitáveis; ferroviários da Oeste de Minas, primeiro núcleo operário da cidade, a tecelões e tecelãs da Cia Industrial Sanjoanense e da Fábrica de Tecidos Brasil.

O espaço urbano vai sendo ocupado ao longo do vale do córrego do Lenheiro. Ali, no local denominado bairro das fábricas, viviam os trabalhadores das fábricas de tecelagem, a maioria italianos. Distanciavam-se dos casarões coloniais do centro, onde viviam advogados, negociantes, médicos, capitalistas, professores, industriais, farmacêuticos, funcionários do escritório da Oeste e de outras repartições públicas, proprietários, jornalistas. Era a elite letrada da cidade que tida entre remediada e abastada, apresentava-se como representante das almas progressistas do povo sanjoanense e fazia arauto de sua opinião.⁴² A estes se juntavam o juiz de direito da

⁴¹ COSTA, Alexandre J. G. op. cit. p. 14

⁴² COSTA, Alexandre J. G. op. cit. p. 15

Comarca, o diretor da estrada de ferro, o promotor público, o comandante do quartel, o juiz municipal, os gerentes das fábricas, o vigário, os maestros das corporações musicais, geralmente negros.



Pátio da Estação Ferroviária e expansão da cidade na direção do Bairro das Fábricas - Fonte : Assoc. São-Joanense de Preservação e Estudos Ferroviários

A cidade apresenta-se já no início do século XX, com uma cidade de negociantes, de comércio de gêneros do país, de papéis, armarinhos, relógios, gados e aves de raça, latas, brinquedos, artigos dentários, tintas, modas, jóias, chapéus de sol e de cabeça, queijos, óculos, fogões, impressos, doces, fumos, calçados, manteiga, molhados finos, café, drogas e preparados, arados, bengalas, cerveja, máquinas de gelo, biscoitos e bolachas, etc.⁴³

⁴³ Idem, p. 15



THE S O U R A I N G L E Z A

DE
R A P H A E L e B E L L I N I




A L F A I A T A R I A C O M L O J A D E F A Z E N D A S

Nesta bem montada alfaiataria, executa-se qualquer trabalho da arte com maxima perfeição, gosto e promptidão. Olliciaes com longa pratica. Corta-se pelos dois systemas: americano e francez. U.iformes para Exercicio, Guarda Nacional, Estrado de Ferro, Collegios, Bandas, Linhas de Tiro etc. — Tailleurs para senhoras — Costumes e manteaux — Preços sem competidores.

RUA MOREIRA CEZAR, 10

Rua Municipal, atual Rua Arthur Bernardes. Nesta rua localizava-se parte expressiva do comércio da cidade

Fonte: André Bello

Uma cidade marcada pela presença masculina na condução de sua vida cotidiana. Homens que ostentavam títulos, patentes da guarda nacional, doutor na faculdade de direito de São Paulo ou Belo Horizonte, na escola de medicina e odontologia do Rio de Janeiro, e farmacêutico em Belo Horizonte. Preparavam-se para o sacerdócio no seminário de Mariana e para os negócios com os pais. Eram

normalmente batizados na Igreja Matriz de N. S. do Pilar. Freqüentavam a sala do júri, os concertos e bailes no salão do Hotel Oeste, as igrejas e os cafés, representavam em clubes dramáticos no Teatro Municipal ... ficavam incomodados com o número de mendigos e vendedores ambulantes que circulavam pelas ruas principais da cidade. Praticavam tiro na linha de tiro do 28º Batalhão de Infantaria, jogavam no bicho, embora criticassem a polícia pela passividade frente ao jogo de bicho e à gatunagem. Divertiam-se jogando bilhar, realizando corridas de bicicleta e a pé no Velo Club. Eram mesários das Irmandades e freqüentadores da loja Charitas. Enfrentavam-se nas disputas políticas e escreviam nos jornais locais.



Rua Duque de Caxias, atual Rua Getúlio Vargas

Fonte: André Bello

Os ares de civilização e de higienização da cidade estavam nas notas que esta elite letrada encaminhava para os jornais locais. Reivindicavam ao poder público a retirada das vistas do espaço público o lixo abundante, que dava à cidade um mau aspecto, desbasta a vegetação farta e alta, acabar com o costume da população de deixar animais soltos pelas ruas, com o som irritante dos carros de boi ... com o *foot-ball* da molecada endiabrada nos largos e adros.⁴⁴ Uma imagem considerada ruim aos olhos dos visitantes e um atentado a hospitalidade e acolhida de uma cidade que precisa atender às exigências da civilização e de foro de cidade civilizada de que goza.⁴⁵

⁴⁴ Foot-ball desastrado. *A Tribuna*. São João del Rei, 5 de março de 1916, ano III, n. 87. P. 2 citado por COSTA, Alexandre, J. G. op, cit. p. 18

⁴⁵ Queixas e Reclamações com a polícia. *O Repórter*. São João del Rei, 29 de outubro de 1907, ano III, n. 33, p.I, citado por COSTA, Alexandre, J. G, op, cit. p. 18

Este segmento se mirava no espelho da civilização, que era a capital da república, exigia então que o agente executivo, “fosse um Passos,” referência ao prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, que abriu avenidas, construiu parques, arborizou a cidade, fez rede de esgotos, regularizou o abastecimento de água e higienizou a cidade.⁴⁶

Na outra ponta, estava o povo, tão citado especialmente como presença maciça nos eventos festivos tradicionais e populares, evidentemente como coadjuvantes, ou então, como página policial ou protagonista de algum episódio pitoresco.

Em casinhas simples ou casebres, em ruas que por vezes não existiam, situados no Segredo, no Bonfim, no Guarda Mor, no Tejuco, no Senhor dos Montes, morros ou ao largo da serra próximo ao Rosário, habitavam libertos, filhos de libertos ou não, gente miúda que se divertia nas vendas, no pagode, nas procissões, que fazia sua fé na cobra e não comemorava o treze de maio; que vivia em relação de amores com a Joana de tal...; marceneiros, alfaiates, curtidores, domésticos, carroceiros, cocheiros, engraxadores, ferradores, tintureiros, coureiros, músicos, lavadeiras, sapateiros, limadores ... , que lavoravam nas orquestras, nos cafês, nas casas da família sanjoanense, na sua venda ou oficina, nos fundos do andar térreo dos casarões comerciais, nas ruas, que se arriscavam nas bêtas..., nas oficinas da ferrovia – ou conduziam e alimentavam suas máquinas.⁴⁷



Rua Stº Antônio, uma das vias de acesso à antiga vila

Fonte: André Bello

⁴⁶ Dr. F. Catão Exigências da Civilização. *A Opinião*. São João del Rei, 10 de agosto de 1907. Ano. I, n. II, p. 1, cf COSTA, A. op cit. p. 19

⁴⁷ COSTA, Alexandre J. G. op, cit. p. 20



Periferia da cidade: Sr. dos Montes em festa

Fonte: André Bello

A cidade vive um conflito de identidade, preservar o passado e suas tradições ou atirar-se de vez nos braços do moderno, da civilização. A atitude de sua elite é carregada de dubiedades, quando se põe frente a essas duas imagens. É condição de sobrevivência, por um lado, preservar sua identidade seu nome. Cognominada de “A Católica,” pela majestade de seus templos, índole de seu povo, magnificência de suas festas e respeito às tradições⁴⁸ que reportam às suas origens, lavradas na matéria bruta das formas de devoção do medievo íbero-lusitano trazidas pelos forasteiros fundadores do Arraial de N.S. do Pilar do Rio das Mortes, erigida à condição de vila em 1713, com o nome em homenagem ao rei português D. João V.⁴⁹

Fé/festa/ordem, deram, portanto, o tom da formação desta população. Fé implantada sobretudo por leigos e não por religiosos de ofício, senhores e escravos, independente de sua condição social. No interior das associações religiosas leigas a tradição sanjoanense foi sendo construída em atritos freqüentes com as autoridades eclesiásticas e à sombra do Estado. Com a queda do Estado absolutista, a relação existente entre a política absolutista portuguesa, implantada na colônia faz declinar o prestígio das associações religiosas leigas nas Minas Gerais, em fins do século XVIII e início de XIX. Cedem espaço para uma nova forma de associativismo, as lojas maçônicas, mais ajustadas aos tempos de luta pelo liberalismo.⁵⁰ Encontra-se presente nos jornais de São João del Rei do século XIX discursos referentes às práticas religiosas

⁴⁸ “D. Silvério.” *A Tribuna*. São João del Rei, 15 de agosto de 1915, ano II, n. 58, p. 1

⁴⁹ Cf. COSTA Alexandre J. G. op. cit. p. 30

⁵⁰ BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder. Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986. P. 181, citado por COSTA, Alexandre J. G. op. cit. p. 31

externas, providas em tempos não tão remotos, época do antigo vigário Amâncio (1857-1879), que as festas gozavam de renome em todo o país.

Em 1915, o jornal “A Tribuna” faz comentários a esse respeito. Critica a frieza e a falta de pompa nas tradicionais festas religiosas da cidade:

Fria e sem pompa dos demais anos, realizou-se a tradicional festa de N.S. da Boa Morte. Nós sanjoanenses, deveras nos entristecemos com o resfriamento destas festas, outrora tão animadas e hoje tão sem brilho. Parece que a festa se acha cada vez mais, morta nesta cidade. (...) Cortarão de vez as tradições dos nossos antepassados e nossos filhos crescem, no indiferentismo absoluto. A procissão de N.S. da Boa Morte parecia mais, um terço da roça tal o diminuto número de irmãos que a ela compareceu e a balburdia por um sem número de virgens de todo o jaez: umas sem grinalda, com um simples vestido de chita pintadinha; simplesmente detestáveis e horríveis, ao lado dela uns marmanjos ou anjos papudos e barbados e até descalços.⁵¹

A alusão feita aos tempos de outrora se refere ao século XIX, o qual é tido pelo cronista como ápice das manifestações de devoção ao modo tridentino, ao contrário do que se via nestes novos tempos do século XX. Ao constatar o processo de decadência posto em marcha na cidade, o articulista do jornal critica o descaso daqueles que deveriam se esforçar para manter o brilhantismo das festas, envolvendo-se em “questões de sacristia”⁵² ou absorvidos em atribuições advindas do processo de parquialização do espaço religioso.

Ainda sobre a decadência das “festas de igreja,” o número 59 do jornal “A Tribuna,” trás a seguinte correspondência de um sanjoanense, como dizem os relatores do jornal, “muito conhecido pelos seus sentimentos religiosos”:

(...) A nossa velha S. João del Rei é, inquestionavelmente, das cidades mineiras a única talvez que ainda conserva as belas tradições da terra mineira, senão quanto aos usos e costumes em geral, sem dúvida alguma quanto ao culto religioso, sendo esta cidade a que

⁵¹ Festa da Boa Morte. *A Tribuna*. São João del Rei, 22 de agosto de 1915, ano II, n. 59, p. 1

⁵² Culto Divino. *O Repórter*. São João del Rei, 19 de dezembro de 1907, ano II, n. 65, p. 1

conserva nas suas festas religiosas, senão a pompa antiga, - a poesia dos tempos de antanho. Se é certo que a geração hodierna menospreza esse apego ao tradicionalismo, menos certo não é que dos nossos patrícios procuram manter a decência, a propriedade, a graça que sempre assistiram em os nossos festejos de igreja. Há, entretanto, alguns que, se mostrando participantes desse grupo de tradicionalistas, nada são mais do que demolidores das antigas usanças, com o que procuram adular as praxes, sem trepidação alguma aceitando cargos nas irmandades e confrarias, não para conservarem o que está estatuído ... nem para lhe aumentar o brilho, mas para irem, a pouco e pouco, reduzindo as nossas outrora, grandiosas festas a coisas ridículas de que pejaria o mais rústico arraial sertanejo. Aparentaram espírito devoto para virem quebrar as nossas tradições desacreditando as nossas festas, de nomeada remotíssima, - é causa que a gente não pode assistir sem vibrar de indignação.⁵³ (grifos nossos)

Embora o discurso dos articulistas aponte para a existência de uma tensão entre o tradicional e o moderno, sobretudo nas práticas de sociabilidade, de viés sagrado e/ou profano, na forma como nelas a população (letrada) participa, torna-se precipitado justificar o discurso da decadência por meio dos influxos modernizadores, expressos através do indiferentismo religioso (acentuado pela onda positivista que vem ganhando força na cidade), da racionalidade laica que afasta as elites das cerimônias religiosas, o deboche da mocidade *up to date*.⁵⁴ Decerto são fatores presentes, mas que não dão conta, por si mesmo, de explicar a tensa convivência entre esses dois discursos. Ao mesmo tempo que está sendo posta a crítica a esse estado de coisas, denota-se nos textos impressos, nos artigos produzidos pelos jornais a convivência entre o discurso da decadência e o discurso da permanência da pompa da festa em expressões, “como de costume,” “como sempre.” O texto abaixo dá bem a dimensão dessa dualidade:

Como católicos e oriundos de uma terra em que o catolicismo sempre medrou sem esforço, por isso que, a índole de nosso povo se

⁵³ Festa da Boa Morte. *A Tribuna*. São João del Rei, 22 de agosto de 1915, ano II, n. 59

⁵⁴ Costa, Alexandre J. G. *Frades na cidade de papel*. Op, cit. p. 32

*manifesta, de geração em geração, constantemente fervoroso e crente, dia a dia mais se acentuando o seu caminho e a sua dedicação à igreja, seria imperdoável o nosso silêncio às pomposas festas das endoenças, realizadas este ano com desusado brilho.*⁵⁵

O desafio de interpretação desses dois discursos revela, segundo os estudos do historiador Alexandre Costa, não uma incompatibilidade, mas uma interdependência entre passado e presente em São João del Rei. Uma relação tensa, carregada de conflitos, na maioria das vezes aplainados pelo espírito conciliador das elites, que degladiam-se verbalmente nas colunas e nos editoriais dos jornais, mas que se encontram nos cafés e nas festas públicas, ombrando lado a lado o esquife do Senhor Morto na Sexta-Feira Santa, ou carregando a andor da santa na festa da Boa Morte.

As notícias descritivas acerca das práticas festivas e demais formas de sociabilidade da boa sociedade local, publicadas nos jornais de diferentes tendências, apontam para a presença de um discurso comum, um ponto de interseção entre as posições conflitantes. É o discurso que reforça a idéia de São João del Rei ser em essência uma cidade tradicional e católica. À luz deste discurso, ser católica a torna, *a priori*, civilizada. A religião é incorporada ao ideal de civilização no discurso dos articulistas dos jornais são-joanenses do alvorecer do século XX. Ela torna-se imprescindível para a concretização deste ideário civilizatório.⁵⁶ A cidade é idealizada como um mundo a parte, que nada contra a corrente do indiferentismo da impiedade que se alastra por todo o país. Na realidade, esse mundo particularizado pelos jornais, onde se vê encerrada São João del Rei, proclamada como a cidade mais católica do Brasil,⁵⁷ representa no contexto macro o trunfo que a igreja católica possui para barganhar com o Estado e com as elites um lugar na República. Ela se apresenta como fonte asseguradora da ordem, que confere estabilidade e identidade à pátria. A religião ameaçada significa a pátria em perigo. É fundamental, portanto, a união dos católicos para corrigir a direção tomada pela República.⁵⁸

⁵⁵ “Semana Santa.” *A Tribuna*. São João del Rei, 30 de abril de 1916. Ano III n. 95, p. 12

⁵⁶ COSTA, Alexandre.J. G. *Frades na cidade de papel*. Op, cit. p. 34

⁵⁷ Nosso rumo é outro. *Reforma*. São João del Rei, 4 de maio de 1913, ano 1, n. 5, p. 1

⁵⁸ COSTA, Alexandre. J.G. op. cit. p. 35

Imagens da cidade e a modernização conservadora

“São João del-Rei. A cidade que não olhou para trás.”

(José Bellini dos Santos)

A representação que se faz de cidade a partir de meados do século XX até o seu primeiro quinquênio, encontra-se expressa nos editoriais e colunas dos jornais impressos que circulam na urbe (diga-se de passagem desde meados do século XIX, por meio da edição do primeiro jornal o “Astro de Minas”). Contribuiu para esse interessante movimento da imprensa na vida da cidade a fundação também no citado século da Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida, a primeira biblioteca pública da Província de Minas Gerais. Além dos jornais, a vida cultural e social da cidade encontra-se registrada pelas lentes do fotógrafo André Bello da Cia fotográfica ítalo-brasileira, bem com nos Almanques e Álbuns cabendo destacar o álbum editado por Tancredo Braga em 1913, o “Almanack de S. João d’El Rey,” organizado por Horácio de Carvalho em 1924. A estes se juntam décadas depois, no ano de 1949, o Opúsculo editado por José Bellini dos Santos “São João del-Rei – a cidade que não olhou para trás.”



Av. Ruy Barbosa: os ares da modernidade chegam à cidade colonial

Fonte: André Bello

Nestes estão expressos um projeto de cidade ao qual se consideram representantes e do qual se fazem arautos. Denominações recorrentes procuram imputar à cidade de origem colonial adjetivos tais como a de “Princesa do Oeste” e de a “Roma de Minas,” os quais ora a elevam à condição de progressista, ora de tradicional. Tais atributos deixam transparecer o conflito identitário decorrente da convivência entre o tradicional, herança do passado colonial e o moderno, por vezes recebido com espanto pelos ventos civilizatórios emanados do advento do século XX.

Tempo ao tempo; e não tardarão os jovens confrades a cantar a palinodia, vindi pedir um lugar junto dos que trabalham por banir preconceitos, uzanças, e costumes obsoletos, que revelam atraso da nossa cidade, de cujos foros de adiantada, progressista e das mais civilizadas de Minas – nós, sãojoanenses, tão ciosos somos.”

(Carnaval Religioso, A Tribuna, Ano I, 06/12/1914, n. 20, p. 2)

O conflito entre a cidade real e a cidade ideal estão presentes nestes canais de circulação da informação que embora sendo de tendências políticas diversas, liberais, conservadores, positivistas, etc., apontam para o citado conflito identitário, ora reforçando ora mitigando. Ainda assim, os ares de civilização estão presentes no jornal. Em alguns momentos ganha destaque de acordo com a ordem mandatária presente, ou seja, conforme o político que assume a condução da cidade. A esse respeito o destaque nos anos de 1920 é para o positivista Basílio de Magalhães. O discurso civilizatório ganha destaque com sua entrada na cena política local. São destacados inúmeros avanços na cidade, como por exemplo a usina hidrelétrica, que estaria a beneficiar não tão somente as residências, mas também as indústrias locais, que estariam a trabalhar com máquinas mais potentes e dessa forma expandiriam a produção e o número de funcionários.

(...) a fim de dotar a Usina hydro-electra de grandes e importantes melhoramentos. A Câmara adquiriu além de um transformador para estabilizar a corrente elétrica, e de um motor

synchronico, para aproveitar o potencial dos geradores (...)” (USINA MUNICIPAL, A Tribuna, Ano XI, 08/03/1925, n. 628, p. 1)

Uma necessidade evidenciada, pelo crescimento de pequenas indústrias como a de laticínio conforma atesta Horácio de Carvalho:

De algumas dezenas de annos a esta parte, o importante município de São João del-Rey tem como uma das suas maiores forças econômicas a indústria de laticínios. Tem se desenvolvido de modo tal e com tão promissão futuro o fabrico da manteirga, do queijo, que constituem hoje, sem dúvida, a mais volumosa exportação do nosso glorioso Estado, quiçá do Brasil. (...) Ainda agora, acaba de ser montado, à rua General Osório, n.87, um estabelecimento para a fabricação de produtos de laticínios que, segundo está delineado pelos srs. Paroche & Bublneau, vae dar a maior expansividade possível a tudo quanto diz respeito a indústria do leite. (Almanack de São João del-REey, 1924).

HOPKINS, CAUSER & HOPKINS

(CASA INGLEZA)

CASA MATRIZ:

BIRMINGHAM
INGLATERRA

RUA MUNICIPAL N. 22
RIO DE JANEIRO

AV. HERMILLO ALVES
S. JOÃO D'EL REY

CASA DE EMBARQUES:

LIVERPOOL
INGLATERRA

IMPORTADORES DE:

MACHINAS, FERRAGENS,
LOUÇAS, INSTRUMENTOS
PARA LAVOURA, GADO
E ANIMAES DE RAÇA,
MATERIAL AVICOLA, ETC.

DEPOSITARIOS DE:

AFAMADOS ARADOS "WIARD"
CARRAPATICIDAS "COOPER"
FLUIDO "COOPER"
ARADOS INGLEZES "HOWARD"
DESNATADEIRAS "ALFA-LAVAL"

AGENCIA EM TODO MUNDO



Filial de São João d'El-Rey (Edificio proprio)

IMPORTADORES DE:

ARTIGOS SANITARIOS,
OLEOS, TINTAS, DROGAS
METAES, E MATERIAES
PARA CONSTRUÇÕES

EM DEPOSITO:

"BICKMORINE", polveroso especifico con-
tra chagas e feridas em todos os animaes.

"CYMAROL" o maravilhoso especifico con-
tra a diarrhea dos bezerros.

TODAS AS VAGINAS E SOROS
DO INSTITUTO

OSWALDO CRUZ,

ARTIGOS VETERINARIOS, ETC.



"CYMAROL" OU A FORTUNA
DOS CRIADORES

Poderoso Especifico contra as Diarrheas dos Bezerros

Milhares de attestados firmados pe'os mais eminentes
criadores demonstram a sua eff. cacia.

PEÇAM PROSPECTOS OU INFORMAÇÕES

"ALFA-LAVAL" A DESNATADEIRA MUN-
DIAL — A PREFERIDA

PELOS FABRICANTES DE MANTEIGA MAIS DE 3.000.000 DE
MACHINAS VENDIDAS.

GRANDE E PERMANENTE STOCK DE: Bateleiras, Salgadeiras, Resfriadores,
Butyrometros, Thermometros, Acidimetros, Filtros, Crenometros, Latas,
Depositos, Baldes, Escovas, etc.

PEÇAM CATALOGOS E ORÇAMENTOS



Casa Inglesa. Av. Hermílio Alves

Fonte: Álbum fotográfico organizado por André Bello

No plano dos divertimentos e das práticas de sociabilidade além das festas religiosas, novos hábitos e comportamentos estarão sendo inseridos na cena urbana, destaque para o aumento do número de cafés, cinemas e a frequência ao teatro. Este, em especial merece destaque pelo fato de ser considerado um dos primeiros teatros construídos pela municipalidade no estado de Minas Gerais, inaugurado em 1893 e remodelado em 1925, na administração de Basílio de Magalhães, conforme informa Antônio Guerra na sua “Pequena História de Teatro, circo, música e variedades em São João del-Rei,” editado em 1968.

As referências às festas religiosas, contendas esportivas, apresentações circenses, passeios e piqueniques nos arredores da serra do Lenheiro, nas cachoeiras e cursos d’água, com destaque para o balneário das Águas Santas, situado nos limites entre São João del-Rei e a cidade de Tiradentes, além dos passeios conduzidos pelos trens da ferrovia Oeste de Minas, denotam a existência das práticas de lazer na cidade ao de sua formação social e urbana.



Parada de trem na Estação César de Pina, Balneário Águas Santas

Fonte: Associação São-Joanense de Preservação e Estudos Ferroviários

Os cafés, como o Café Rio de Janeiro, localizado na Rua do Comércio, no centro da cidade, era um dos pontos de diversão mais frequentados da cidade, principalmente pela elite local e os funcionários do comércio. Consistia de um ponto de encontro para se

tratar de diversos assuntos, desde política até comportamentos, moda, esporte, destaque para as partidas de futebol e novidades em geral.

Apesar do mau tempo, pois chovia continuamente, grande massa popular se aglomerou no Café-Rio-de-Janeiro, onde se fazia ouvir a esplendida corporação musical do 11º Regimento. Reinavam alli o maior entusiasmo e mais justa e insopitável alegria. (A Tribuna, Ano X, 16/01/1924, n. 510.p. 1)



Esquina do Café Rio de Janeiro

Fonte: André Bello

À população mais pobre, era reservado o botequim e as vendas, afastados do centro para as práticas de sociabilidade, bem como para a tomada de conhecimento daquilo que os jornais comentavam. Rebaixados a uma condição inferior eram por vezes, nos comentários da imprensa do período, associados a lugares de jogatina e de baderna ao contrário dos cafés, tidos como sendo fonte de cultura e diversão.

A campanha movida pela policia contra o jogo, para dar resultados efficazes, deve soffrer uma acção continua (...) Esses habituaes do vicio inveterado nas trapaças e nas fraudes pretendem, com o mesmo

ardil que emprega no manejo das cartas charquear-se da lei, buriar o código penal, affrontando a sociedade onde vivem. (A Tribuna, Ano V. 01/06/1919, n. 257, p. 1)

Nada trouxe mais comentários do que a chamada “Festa Esportiva,” caracterizada pela expansão do esporte no país, nos grandes centros urbanos. Muitas foram as práticas vivenciadas por setores da população são-joanense. Contudo, o destaque é para o futebol, enquanto festa esportiva anunciada pelos jornais. Tratado como “Esporte Bretão,” aparentemente não é bem visto pela população, em especial a “boa sociedade” local, devido ser praticado nas ruas, praças e largos, o que segundo seus críticos incomodava os moradores e ameaçava suas residências. Além do que, era considerado um jogo perigoso, tanto para espectadores quanto para os praticantes. Contudo quando se tratava das principais agremiações existentes à época na cidade, como o Athletic Foot-Ball Club (1909); o Minas Foot-Ball Club (1911) e o Clube Desportivo Esparta (1918), formados por alunos do Ginásio Santo Antônio, o que se verifica na imprensa são os constantes aplausos decorrentes de suas atuações dentro e fora da cidade.



Fonte: André Bello

Terá hoje um sensacional embate desportivo que, por certo atthrairá ao ground do Gymnásio Santo Antônio desusada concorrência. Medirão força os primeiros quadros do Club Desportivo Sparta e do Internacional Foot-ball Club, duas poderosas aggremações locaes. (“FOOT-BALL – Esparta X Internacional,” A Tribuna, Ano X, 20/07/1924, n.562, p. 2)

As práticas de lazer envolvendo o público feminino encontram-se presentes por meio da música e do teatro, bem como nas companhias circenses que aportam com frequência na paisagem da cidade eclética. Os ares de modernidade vindos da capital federal, anunciam novidades em relação à prática esportiva feminina. Alguns jornais anunciam com certo entusiasmo a atitude de senhoras da elite feminina são-joanense ao fundarem o “Club Grazia e Fuerza,” associação esta cuja finalidade era permitir às moças da cidade vivenciarem variadas práticas esportivas.

Há treze meses se fundou nessa cidade o Club gracia y fuerza, cujo fim é organizar festas sportivas. Desse club, é composto só de senhoritas, faz partte a fina elite de S. João d’El-Rei. (...) As gentis diectoras do grazia e fuerza convidaram as pessoas presentes para exercitarem-se no alvo, realizando um concurso extra programma. (...) São estas as sócias do grazia y fuerza: Emilia Pereira Coelho, presidente; Carmellita Correa, vice-presidente; Rosa Alves Cabral, 1ª secretária; Dalila Pereira Coelho, 2ª secretária; Maria das Dores Santos, thesoureira; Maria Costa e Marietta Figueiredo; procuradoras: Anna de Almeida, Anna Ribeiro, Fanny Ribeiro, Maria da Conceição Teixeira, Gilda Pereira Coelho, Abigail Pereira Coelho, Cândida Banho e Sylvia Tavares. (“Club gracia y fuerza,” A Tribuna, Ano 1, 18/10/1914, n.13, p.2)

Posteriormente é criado o “Brasil Vôlei-Baal Club,” a fim de promover a prática do voleibol feminino e a disputa de campeonatos contra equipes das cidades vizinhas, como Lavras e Formiga.

“(...) por iniciativa das discintas senhoras e senhoritas de nossa elite social, foi fundado a 5 do corrente, nesta cidade, o Brasil-Volley-Ball-Club, cujo fim é proporcionar às suas associadas e às suas exmas. Famílias jogos de sports, para senhoritas: lacuna essa que a muito se recente o nosso meio social, que assim terá dado mais um passo na civilização moderna, além do desenvolvimento e educação

physica do nosso belo sexo.” (“Foot-ball & Brasil-Volley-Ball-Club,” A Tribuna, Ano V, 13/07/1919, n. 263. P. 2)

Além das festas tradicionais, os divertimentos modernos vão fazer parte do cenário urbano da cidade de São João del-Rei, progressista e zelosa de seus mais caros costumes e tradições. Os ares da modernização vindos do litoral, tendo como espelho a cidade do Rio de Janeiro, encontrarão resistência no tradicionalismo religioso e no conservadorismo das práticas políticas do mandonismo local, que vai gradativamente se deparando com uma configuração social marcada pela inserção de novos atores sociais no cenário da cidade. Juntamente com estes virão hábitos e comportamentos, práticas culturais e sociais, um novo modo de ser e estar na cidade que será alardeado, ora como promotores do progresso e da civilização, ora como responsável pelo desapego aos valores da tradição.



Vista parcial da cidade, ao fundo Capela da Santa Casa em estilo gótico

Fonte: André Bello



Av.Ruy Barbosa: imagens do tradicional e do moderno

Fonte: Foto Milton

Notadamente, o que irá concorrer para o surgimento das modernas práticas de diversão, tais como a festa esportiva, o cinematógrafo, o teatro, os cafés, é o processo de modernização da cidade, esforço este levada a cabo por políticos de destaque pelo catolicismo social movido pelos ventos da Romanização. Tais ordenações anunciam um discurso visando elevar a cidade à condição de progressista e civilizada, sem com tudo desfazer-se dos princípios emanados da tradição.

5. PARA CONCLUIR ...

Uma dos marcos demarcatórios da experiência de modernização da cidade de São João del-Rei inicia-se com a constituição da então Vila de São João del-Rey em 1713, a qual se constituirá, tendo em vista a extração aurífera em importante pólo da província de Minas Gerais. A queda da mineração não significou necessariamente a decadência da vila, à medida que os condicionantes conjunturais e estruturais estabelecidos na região no decorrer do século XIX, possibilitaram à cidade, elevada e este status em 1838 à condição de centro intermediário de comércio de alimentos de Minas Gerais com o Rio de Janeiro. A formação urbana em expansão nesse período do oitocentos, consolida-se na primeira metade do novecentos, ainda que marcada por avanços e retrocessos. Tais períodos tem como fator de destaque o crescimento da cidade, o aumento

da população, a melhoria da arrecadação pública, a implementação de serviços públicos, tais como abastecimento da água, canalização de esgotos e criação de transporte urbano. O comércio encontra-se ativo e em franca expansão.

As contradições e conflitos existentes em torno do movimento de modernização da cidade encontram-se representados por meio dos discursos da população letrada que escreve nos jornais e cujas opiniões ressoam pelos espaços públicos de convivência, ou seja, ruas, cafés, estabelecimentos comerciais e nos eventos cívicos e religiosos.

Os lazeres vão se configurando, ora apontando para as novidades trazidas dos grandes centros e ora representados pelas diversões e devoções coloniais que teimam em permanecer. O passado e o presente da cidade apontam para um futuro pautado pela permanência de algumas práticas de sociabilidade, em especial as práticas festivas de natureza cívica e religiosa, a última em especial, levada a efeito com a pompa e vigor de tempos passados. Por outro lado, a população da cidade caminha na direção dos modernos hábitos de consumo, muito destes ditados pelos meios de comunicação de massa.

O discurso mais do que a implementação de ações efetivas e pontuais, é aquele que se insere no plano das tentativas de revitalização do passado, ou seja, pela não ruptura da tradição e, sim, pela convivência e encontro com o moderno, tarefa essa que implicará na necessidade de implementação de políticas públicas de lazer, com vista ao atendimento das demandas da população atual, ainda carentes desse atendimento, preservando todavia sua memória identitária, seu patrimônio material e imaterial, enfim a forma de viver e conviver da população são-joanense, envolta em seus hábitos e costumes, em sua alegria e vontade de festa.

6. REFERÊNCIAS

FONTES

1. Fontes Impressas.

1.1 Anuários.

- CARVALHO, Horácio. Almanack de São João del-Rei, 1924

1.2 Jornais

Museu Regional de São João del-Rei e Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida.

- Arauto de Minas. São João del-Rei, 1883-1885
- A Tribuna. São João del Rei, 1914-1915-1916-1919-1924-1925
- O Repórter. São João del-Rei, 1907
- A Reforma. São João del-Rei, 1913
-

1.3 Viajantes e Memorialistas

- LUCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

BIBLIOGRAFIA

Livros e Periódicos

ADÃO, Kleber do Sacramento. O botequim e a geografia do ócio na paisagem urbana da cidade. *Conexões: Educação, Esporte, Lazer*. Campinas, SP, Faculdade de Educação Física da Unicamp. n. 3, dezembro, 1999. Pp. 92-102.

ÁVILA, Afonso. Festa Barroca: ideologia e estrutura. *Revista Barroco*. Belo Horizonte, 1986-89, pp. 71-89

CHARTIER, Roger. A história hoje. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, n. 13, pp. 97-113.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Considerações sobre a pompa fúnebre na Capitania das Minas – o século XVIII. *Revista de História*. Belo Horizonte, UFMG, Dept. de História, n. 4, junho de 1994, pp. 3-24.

CAMPOS, Maria Augusta do Amaral. *A Marcha da Civilização: as vilas oitocentistas de São João del Rei e São José do Rio das Mortes – 1818/1844*. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, Dept. de História, 1998. (Dissertação de Mestrado).

CARVALHO, José Maurício de. *Caminhos da Moral Moderna. A experiência luso-brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

CENTURIÃO, Luís Ricardo. A celebração da desordem. In. *A Cidade Colonial no Brasil*. Porto Alegre: EDIPURS, 1999.

COSTA, Alexandre J. Gonçalves. *Os frades na cidade de papel: a Ação Católica em São João del-Rei 1905-1924*. Campinas, SP, IFCH/UNICAMP, 2000. (Dissertação de Mestrado).

DÂNGELO, Jota. Somos festeiros, ainda bem. *Jornal São João del Rei em Casa e Turismo*. São João del-Rei, agosto 1995. p. 8

FRAGOSO, João Luís. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992, Cap. II.

HOLANDA, Sérgio Buarque. (Org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo I, v.2, 1960, pp. 127-134.

LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação – o abastecimento da Corte na formação política do Brasil - 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979.

LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista. Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARTINS, Roberto Borges. *A Economia Escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982.

MATTOS, Ilmar Rochloff de. *O Tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1987.

PAIVA, Eduardo França. *Escravos e Libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias de resistência através dos testamentos*. São Paulo: Annablume, 1995.

PARKER, Stanley. A. O Lazer e a Religião. In. *A Sociologia do Lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Pp. 124-138.

RESENDE, Edna Maria. *Entre a Solidariedade e a Violência: valores, comportamentos e lei em São João del Re, 1840/1860*. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 1997. (Dissertação de Mestrado).

SOBRINHO, Antônio Gaio. *História do Comércio em São João del-Rei*. São João del-Rei: Sindicato do Comércio Varejista, 1997.

SOBRINHO, Antônio Gaio. *Sanjoanidades*. São João del-Rei: A Voz do Lenheiro, 1996.

SOIHET, Raquel. O Drama da Conquista na Festa: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, pp. 44-59.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, v. 1.

TORRES, João Camilo de Oliveira. Ora et Labora. In. *Lazer e Cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1968. pp. 25-31.

DOS AUTORES:

Kleber do Sacramento Adão

Professor do Departamento das Ciências da Educação Física e Saúde, da Universidade Federal de São João del Rei, MG.

Andréa Cristina Silva Nascimento

Graduanda do curso de Licenciatura em Educação Física – UFSJ, bolsista do Projeto de Pesquisa: As práticas de lazer na cidade de São João del-Rei: uma análise dos espaços públicos de lazer oferecidos aos munícipes pelo poder público.

- **Capítulo 2**

Os espaços públicos de Lazer da cidade de São João del Rei: Necessidades e perspectivas

Adalberto dos Santos Souza

A cidade de São João del- Rei originou-se do antigo Arraial Novo do Rio das Mortes. A ocupação do arraial remonta a 1704, quando um paulista chamado Lourenço Costa descobre ouro no ribeirão de São Francisco Xavier.

A descoberta fez com que as fossem distribuídas a várias pessoas que começam a explorar as margens do ribeirão. Algum tempo depois, o português Manoel José de Barcelos encontrou mais ouro na encosta sul da Serra do Lenheiro, num local chamado Tijuco. Naquele local estabeleceu-se o primeiro núcleo de povoamento que daria origem ao Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, mais tarde Arraial Novo do Rio das Mortes.

Já bastante próspera, em 1713 a localidade é elevada a vila e recebe o nome de São João del-Rei em homenagem a Dom João V, rei de Portugal. No ano seguinte, é nomeada sede da Comarca do Rio das Mortes. Desde os tempos de sua formação, desenvolve-se aí uma vasta produção mercantil e de gêneros alimentícios, resultantes tanto da atividade agrícola, quanto da pecuária. Essa faceta vai possibilitar o contínuo crescimento da localidade, que não sofre grandes perdas com o declínio da atividade aurífera, verificado em toda a Capitania das Minas Gerais a partir de 1750.

Nessa época a crise do sistema colonial agrava-se. A exploração do ouro entra em franca decadência, e a Coroa Portuguesa continua a exigir pesados impostos da população. Essa situação conflitante faz crescer o nível de consciência de setores

intermediários da sociedade, levando padres, militares, estudantes, intelectuais e funcionários das principais vilas mineiras, como São João del-Rei, Tiradentes e Vila Rica, a conspirar contra a metrópole.

Em poucos anos, o movimento conhecido como Inconfidência Mineira toma corpo e ganha adeptos em cada arraial e vila da Capitania das Minas Gerais. Grandes planos são traçados tendo em vista a produção de bens de consumo aliada à liberdade comercial, o que descartaria a política monopolizadora da metrópole. A Vila de São João del-Rei é escolhida para abrigar a nova capital. Porém, em 1789 o movimento é frustrado pela denúncia do coronel Joaquim Silvério dos Reis, devedor de somas altíssimas à Fazenda Real.

Graças à vocação comercial de São João del-Rei, a sua feição colonial não é a mesma das demais vilas mineradoras da época. Já em princípios do século XIX, ela se mostra amadurecida comercialmente: lojas instaladas em elegantes casarões oferecem todo tipo de mercadoria, desde as produzidas na comarca até as importadas. O movimento de passantes, caixeiros-viajantes, mulheres e crianças circulando pelas ruas confere-lhe um aspecto alegre e colorido. Também é precoce o surgimento da imprensa, assinalado pela fundação, em 1827, do 'Astro de Minas', o segundo jornal de Minas Gerais na época.

Em 1838 a progressista Vila de São João del-Rei torna-se cidade. Nessa época, possuía cerca de 1.600 casas, distribuídas em 24 ruas e 10 praças. Ainda no século XIX, contava com casa bancária, hospital, biblioteca, teatro, cemitério público construído fora do núcleo urbano, além de serviços de correio e iluminação pública a querosene.

Desenvolve-se, ainda mais, com a inauguração em 1881 da primeira seção da Estrada de Ferro Oeste-Minas, que liga as cidades da região a outros importantes ramais da Estrada de Ferro Central do Brasil. Em 1893 a instalação da Companhia Industrial São Joanense de Fiação e Tecelagem traz novo impulso à economia local, a tal ponto que a cidade é novamente indicada para sediar a capital de Minas Gerais. Em junho do mesmo ano, o Congresso Mineiro Constituinte aprova, em primeira discussão, a mudança da capital para a região da Várzea do Marçal, subúrbio de São João del-Rei. Mas, numa segunda discussão, o projeto inclui Barbacena e também

Belo Horizonte, um planalto localizado no Vale do Rio das Velhas, onde existia o antigo Arraial do Curral del-Rei.

Com a escolha da região do Curral del-Rei em dezembro de 1893, a importância econômica de São João del-Rei diminuiu gradativamente. Mas a cidade não perde seu charme colonial, sendo motivo de atenção dos modernistas brasileiros, que a visitam em 1924. Ela é registrada na obra de algumas das figuras mais representativas do movimento, como a pintora Tarsila do Amaral e o escritor Oswald de Andrade. Em 1943 seu acervo arquitetônico e artístico, composto por importantes edificações civis e religiosas, é tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Shan.

A formação peculiar da cidade, que evoluiu de arraial minerador para importante pólo comercial da região do Campo das Vertentes, é responsável por sua característica mais interessante: uma mescla de estilos arquitetônicos que tem origem na arte barroca, passa pelo ecletismo e alcança o moderno. Em São João del-Rei, é possível apreciar a evolução urbana de uma vila colonial mineira, cujo núcleo histórico permanece bastante preservado em harmonia com as construções ecléticas do século XIX e as mudanças ocorridas no século XX.

Fundação da cidade

São João del Rei foi fundada em fins do século XVII, por taubateanos liderados por Tomé Portes del Rei, que, por isso, é considerado seu fundador.

Em 1709, a cobiça pelo ouro gera discórdia entre portugueses e paulistas, dando causa à Guerra dos Emboabas, acontecendo o triste episódio do "Capão da Traição" quando os paulistas foram emboscados e chacinados pelos portugueses.

Em 08 de dezembro de 1713, arraial alcançou foros de vila, com o nome de São João del Rei, homenagem a D. João V, e também passa a ser sede da Comarca do Rio das Mortes.

O ouro, a pecuária e a agricultura foram os fatores de desenvolvimento e progresso da vila e, aos 6 de março de 1838 é elevada à categoria de cidade.

São João del Rei participou sempre das decisões mineiras e nacionais.

Em 1833, na Sedição Militar de Ouro Preto, em 1842, na Revolução Liberal e, sendo sede do 11ºBI - Batalhão Tiradentes, participou das revoluções de 1930 e 1964. Combateu na Itália, triunfando em Montese e Castelnuevo. Aqui nasceram os grandes heróis nacionais: Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes - o Mártir da Independência e Patrono Cívico da Nação Brasileira; Bárbara Heliodora Guilhermina da Silva - a heroína da Inconfidência São João del Rei é conhecida como um entroncamento de caminhos, desde a expedição de Fernão Dias, que em 1674 abriu a trilha mais tarde conhecida como o Caminho Velho (de São Paulo à Minas). Nos últimos anos do século XVII, o taubateano Tomé Fortes del Rei estabeleceu-se na beira deste caminho, cobrando pedágio na passagem do Rio das Mortes, cultivando roças e criando gado.

Posteriormente o chamado Caminho Novo, que vinha do Rio de Janeiro, também passava pela atual São João del Rei, palco de fatos históricos nacionais, como a Guerra dos Emboabas e Inconfidência Mineira. Em 1730, a famosa Picada, partia justamente de São João del Rei, atingindo a divisa goiana em Paracatu.

Depois, em 1872, foi criada a Estrada de Ferro Oeste de Minas, para complementar a Estrada de Ferro Leopoldina, que vinha do Rio de Janeiro e chegando à São João del Rei seguia para as lonjuras de Pitangui e Paracatu, rastreando a velha Picada de Goiás.

Mas São João del Rei não vive só de passado. Sabe invocá-lo, orgulhando-se dele, encontrando nele a força do ideal e de amor à liberdade e à justiça, como seus filhos Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes e o Presidente Tancredo Neves.

[A Oeste de Minas e o crescimento da cidade de São João del-Rei \(1881 - 1900\)](#)

Com a chegada da ferrovia e, principalmente, com sua expansão, a cidade de São João del-Rei passa a concentrar grande parte de sua expansão urbana acompanhando os trilhos, tendendo progressivamente aproximar-se do arrabalde de Matosinhos e do núcleo de imigração das colônias do Marçal e do José Teodoro.

Conforme indica Graça Filho, o núcleo urbano de São João del-Rei encontrava-se, no último quartel do século XIX, em acelerado processo de urbanização. Numa análise rasteira do crescimento da cidade a partir de fins do oitocentos é possível verificar a decisiva influência da ferrovia como guia deste crescimento.



Notamos no mapa acima que a área marcada que apresentou crescimento a partir de fins do século XIX se concentra na área do entorno da estação ferroviária. Podemos afirmar que a ferrovia influenciou diretamente como orientadora deste crescimento, já que para seu funcionamento era exigido um contingente enorme de

mão-de-obra na operação e nas oficinas inauguradas em 1882, estes trabalhadores passaram a habitar o mais próximo possível do local de trabalho. Além disso, casas comerciais dos mais variados tipos se instalaram nas proximidades da estação, hotéis e casas comerciais de todo tipo. O eixo do comércio foi aos poucos se deslocando para a rua Paissandú.

Com a chegada da ferrovia na cidade várias melhorias foram introduzidas nos serviços urbanos. Não perdendo de vista que este período, de fins do Império e início da República, foi, em várias regiões do país, de modernização da indústria e da introdução de melhoramentos nos serviços urbanos.

O periódico “A Pátria Mineira”, em fevereiro de 1892, faz um balanço do que ocorrera nos dois anos anteriores, o que dá noção do crescimento ocorrido em tão pouco tempo:

“No decurso dos dous ultimos annos em nossa cidade mais de cem prédios; abriram-se diversos hotéis (...); fundaram-se duas companhias industriaes e um banco (...); estabeleceram-se mais tres relojoarias (...); mais trez (sic) alfaiatarias; diversas officinas de sapateiros; tres institutos de educação (...); organizaram-se diversas associações, sendo duas de beneficencia; finalmente abriu-se mais uma rua aprasivel, a das Mangueiras.

Por outra parte, apesar do augmento das construcções, não se ncontram predios desoccupados; os alugueis das casas têm subido de preço, há emprego e serviço para quntos procuraram trabbalho e não obstante o alto preço de todos os generos, tem desaparecido em grande parte a mendicidade, que nos sabbados infestava as ruas da cidade”.

Parece que a cidade manteve um bom ritmo de melhoria. Em fevereiro de 1909, o periódico “A Opinião” afirma que:

“(...) vivemos em uma cidade que, por seu commercio e sua população occupa talvez o terceiro ou quarto lugar no Estado de Minas (...), poucos municipios mineiros terão uma renda superior á de S. João d’El-Rey”

O serviço de telégrafos foi feito pela Oeste de Minas, para “qualquer partedo mundo em que tenha chegado o fio telegraphico”, até 1896, quando foi inaugurada aqui uma estação do Telégrafo Nacional.

Em 1887 foram feitos melhoramentos nos sistemas de captação e distribuição de água na cidade com a participação do engenheiro da Oeste, Hermillo Alves . Em 1893, a Câmara cria uma empresa para cuidar da canalização de água potável e para promover o calçamento na cidade . Em 1915 foi feita uma grande ampliação nestes sistemas de captação de distribuição de água, passando atender ao Bairro das Fábricas e Matosinhos, além de se modernizar e ampliar também a rede de captação de esgotos. Entre 1887 e 1915, estes bairros, principalmente o bairro das Fábricas, passaram de algumas chácaras esparsas à consideráveis concentrações populacionais como podemos conferir na ilustração abaixo. Em 1893 inaugurou-se o Teatro Municipal. Em 1900 foi inaugurado em São João o serviço de iluminação elétrica, encampado pelo município no mesmo ano. A oferta de energia elétrica, segundo Augusto Viegas, proporcionou à cidade um “surto de progresso que de então por diante experimentou”

A chegada de indústrias ocorreu pela presença da ferrovia. Estas indústrias se instalaram às margens da ferrovia de modo a facilitar a chegada de matérias-primas e o escoamento da sua produção. No período abrangido por esta monografia se instalaram às margens da ferrovia a Companhia Industrial Sanjoanense e a Ferreira Guimarães & Cia (Fábrica de Tecidos Brasil) , ambas na av. Leite de Castro, e uma fábrica de laticínios em Matosinhos. Gaio Sobrinho aponta o surgimento de fábricas em outros segmentos e em outros locais da cidade neste período de 1881 a 1915: fábricas de massas alimentícias, de móveis e colchões, de bebidas, de artefatos de folhas de flandres, alfaiatarias, entre outras.

A Cia. Industrial Sanjoanense contou por vários anos com um ramal ferroviário de alguns poucos metros que entrava no pátio da fábrica. Junto à fábrica desta empresa foi criada uma vila operária que, sem dúvida, deu grande impulso ao povoamento desta região.



Foto da década de 1920. Acervo do NEOM-ABPF.

A foto acima dá uma noção de como o crescimento da cidade foi orientado pela ferrovia. A avenida Leite de Castro, com uma pista de cada lado da ferrovia, concentrou a maior parte do crescimento populacional da cidade até o surgimento de outras indústrias no arrabalde de Matosinhos, que passava então dividir este crescimento. Esta avenida termina nas proximidades do núcleo colonial do Marçal.

Em 1891 foi fundada a Companhia Agrícola e Industrial Oeste de Minas, em cujos estatutos se propunha “promover a cultura da uva em São João del-Rei, Tiradentes, Bom Sucesso, Lavras e Oliveira. (...). Fabricar vinho, álcool e vinagre (...). Cultivar mandioca e anileira (...). Explorar a indústria de cera e cerâmica”. Esta empresa se propunha atuar em toda a área abrangida pela E.F. Oeste de Minas e contava com a promessa do governo de promover a imigração. De fato, ela trabalharia fundamentalmente com mão-de-obra de imigrantes que seriam instalados em colônias ao longo da ferrovia.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

(site da UFSJ)

Fundada no início do século XX, por "Manoel Soares de Azevedo", a Associação Comercial e Industrial de São João del-Rei (ACI del- Rei) reflete a força do comércio local e experimenta constante progresso, permanecendo em ótima colocação entre as associações organizadas do país. No dia 1 de Janeiro de 2003 a Associação Comercial e

Industrial de São João del-Rei (ACI del-Rei) completou 100 anos. Ela é a terceira mais antiga entidade do Estado de Minas Gerais; sendo a primeira a de Juiz de Fora, fundada em 1896 seguida da Associação Comercial de Minas (1901). Sua história está intimamente ligada ao crescimento da cidade.

ACI del-Rei que, por um século, vem participando ativamente da vida econômica do município, contribuindo, influenciando e buscando alternativas que levem ao desenvolvimento da cidade como um todo. ACI del-Rei, consciente de que é necessário criar oportunidade de trabalho e de vida para o são-joanense, evitando sua emigração em busca de melhores condições, tem incentivado sistematicamente a efetivação no município do turismo como sua principal atividade econômica. Suas últimas diretorias acreditam nas potencialidades locais de artesanato, de micro, pequenas e médias empresas e querem explorar a sua grande vocação, cuja indústria não poluente e que a cada dia tem se tornado mais promissora, pode significar, pelo potencial da cidade, a sua verdadeira solução.

Funcionário que forneceu os dados (Giovanni- Secretária da cultura e turismo – 33727338)

Grupo: Livia, Fabíola, Luana, Renata.

- **Informações sobre a cidade de São João del-Rei**

Fundada em 1705 nas regiões montanhosas de Minas Gerais, especificamente no Campos das Vertentes, São João Del-rei se destaca entre as cidades mais importantes do patrimônio histórico brasileiro. Com seus casarões e artes barrocas, a cidade tornou-se importante atrativo turístico da região.

Antigamente sua população era constituída por fazendeiros, escravos, mineradores e soldados, dentre outros, o que permitiu a miscigenação e expansão da sua população até os dias de hoje.

- **População**

A cidade de São João Del Rei possui uma população de aproximadamente 86.000 habitantes, segundo pesquisa do IBGE em 2009. Possuindo uma densidade de 56,7 hab./km².

Atualmente, as principais atividades econômicas da cidade são: indústrias (estanho, produtos alimentícios, vestuários, calçados, esquadrias, mobiliário, móveis

coloniais e modernos, peças de estanho, queijo mineiro e fábricas de pinga artesanal), artesanatos, bordadeiras, turismo, entre outros.

– **Características da região**

São João Del Rei encontra-se a 1.338 metros de altitude acima do nível do mar, sendo o ponto mais elevado do Morro do Chapéu (Distrito de Emboabas). Atualmente, sua região é constituída de minério, areia, calcário, quartzito, argila, quartzo, cassiterita e manganês. No passado, não muito distante, possuía muito ouro em seus arredores, o qual gerou grandes conflitos e disputas, uma delas conhecida como a famosa “Guerra dos Emboabas”; na qual é recordada através de monumento histórico na praça do bairro Matosinhos (atualmente em reformas).

São João Del-rei está inserida na bacia do [Rio Grande](#), sendo o [Rio das Mortes](#) o principal dentre aqueles que banham a cidade, localizando-se num grande vale, entre a [Serra de São José](#) (leste) e a [Serra do Lenheiro](#) (oeste).

Seu clima é caracterizado por uma média anual de 19,2°C, sendo a máxima temperatura de 38°C e a mínima de 3°C.

– **Área**

São João Del Rei possui uma área de 1.463,593 [km²](#). Esta vasta área agrega indústrias (nas áreas de têxteis, metalurgia, alimentícia, entre outras), agricultura, comércio, o [11º Batalhão de Infantaria de Montanha](#) (unidade do Exército especializada em combate em ambiente de montanha e o único do Brasil com que realiza essa competência), escolas, universidades (dentre elas uma das mais importantes de Minas Gerais - UFSJ), ferrovias, estradas, aeroporto, entre outros.

– **Aspectos sociais**

A origem da cidade vincula-se à exploração do ouro no início do século XVIII e ainda mantém em sua arquitetura, valiosa tendência [colonial, porém eclética](#), o que a faz: “Antiga e contemporânea, erudita e popular”. Possui atividades e [manifestações culturais intensas](#) e [importantes projetos sócio-culturais](#) de preservação e memória, incluindo belíssimas igrejas barrocas, largos e praças.

Têm grande tradição no campo da música e possui duas das mais antigas orquestras sacras bicentenárias das Américas. Os músicos, de todas as idades integram bandas de diferentes estilos, grupos de serenatas, saraus, chorinho e manutenção de práticas folclóricas. Também conhecida como “Cidade dos Sinos”, mantém sua tradição desta linguagem há aproximadamente 250 anos. Única cidade do mundo que preserva integralmente [antiqüíssimos rituais](#) da [Semana Santa](#), museus singulares, [bibliotecas com obras raras](#), grupos de dança, teatro, [serras, cachoeiras, grutas, pinturas rupestres](#), exposição nacional de orquídeas, carnaval.

Contribuição riquíssima da [Universidade Federal](#) com diversos projetos extensivos à comunidade local e eventos, incluindo o [Inverno Cultural - um dos maiores festivais de cultura de Minas Gerais](#).

São João del-Rei realiza um programa sócio cultural desde dezembro de 2000, desenvolvendo uma política sócio-cultural em diversos locais públicos e espaços culturais da cidade. Inúmeras atividades artístico-culturais integram artistas/grupos culturais/entidades/instituições/bairros através de eventos de fim de ano, com iluminação especial natalina, instalações cenográficas, Semana Santa, resgate do carnaval de antigamente, desenvolvimento de pesquisas e de exposições itinerantes a céu aberto. Apresentações diversas com grupos teatrais e de música, Encontros como o de Música de Raiz, Folia de Reis e Pastorinhas, de Chorinho, de Música Popular Brasileira, de Bandas Carnavalescas de marchinhas antigas, entre outros. Oficinas vivas de Tapetes de Rua, de rendas e bordados, flores de palha com artistas e diversos grupos culturais. Afinadas com os temas escolhidos, fruto de pesquisas que ajudam a reforçar a idéia de que eventos são oportunidades de se repensar a nossa história, de gerar trabalho e renda, de se exercer a cidadania, de se apropriar da nossa identidade – não apenas entretenimento.

A cidade também conta com um teatro municipal que foi construído em 1893. Passou por uma grande reforma entre 1922 e 1925. Palco difusor da cultura regional até a década de 1970, chegou aos anos 1990 abandonado e sem condições técnicas de receber espetáculos. Em 1998, através do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, contando com o apoio da iniciativa privada, foi possível a sua recuperação e modernização. As obras foram finalizadas em junho de 2003. Em pleno funcionamento

e com rica programação, atualmente o teatro oferece espetáculos variados, a maioria deles com entrada franca.

REFERÊNCIAS

Disponível em: <<http://www.saojoaodelreitransparente.com.br/galleryGroups/view/12>>
Acesso em 03 de maio de 2010.

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Theatro_Municipal_\(S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_del-Rei\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Theatro_Municipal_(S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_del-Rei))> Acesso em 03 de maio de 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL REI

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO

Grupo: Ana Barbosa Zanoti, Andréa, Carla Monteiro Souza, Iara Zilda de Carvalho, Tamyres Sandim B. Tavares, Thalita Rodrigues Ferreira

- Calendário de Festas de São João-del Rei: origem e características

JANEIRO

1º Domingo - Epifania - 8:30 horas - Missa Solene 19:00 horas - Profissão, Rasoura do Menino Jesus, Te Deum Laudamus, Bênção SS. Sacramento.

Dias 11 a 19 - Festa de São Sebastião - 19:00 horas - Missa e Novena Solene.

Dia 20 - 19:00 horas - Missa Solene e Procissão, com a Orquestra Lira Sanjoanense. Local: Catedral Basílica de N. Sra. do Pilar.

Dia 31 - Missa, Novena e Procissão. Local: Igreja Matriz de São João Bosco.

FEVEREIRO

Carnaval/Festa Popular

Preparação: Ensaio de baterias das Escolas de Samba em vários pontos da cidade.

Lançamentos de Sambas de Enredo. Escolha da Rainha e Princesas do Carnaval.
Carnaval: Bailes de clube e de ruas.

Desfiles das Escolas de Samba 1A e 1B. Desfiles de Bandas e Blocos.

MARÇO

As Sextas-feiras, às 19:00 horas - Via Sacra de Rua Local: Capelas Passos da cidade.

Encomendação de Almas - Sextas-feiras às 23:00 horas. Local: Cemitérios centrais da cidade e encruzilhadas.

Solenidades de Passos.

Depósito de N. Sra. das Dores para a Igreja do Carmo.

Depósito do Sr. dos Passos para a Igreja de São Francisco de Assis.

Procissão do Encontro - Escadaria da Igreja de N. Sra. Das Mercês, retornando à Catedral.

19 horas - Centenário de N. Sra. das Dores.

Sexta-feira - 19:00 horas - Procissão de N. Sra. das Dores.

Trajetos: Capela – Passos

Semana Santa

Domingo de Ramos:

- 9:30 horas - Bênção de Ramos (Igreja N.Sra.do Rosário) (logo após, Procissão de Ramos para Catedral).

- 10:00 horas - Missa Solene (Canto da Paixão).

-17:00 horas- Procissão Senhor do Triunfo

Segunda e Terça-feiras Santas: 19:00 horas.

- Via Sacra Solene com orquestra.

Quarta-feira Santa: 19:00 horas - Ofício das Trevas.

Quinta-feira Santa: - 9:30 horas - Missa Solene do Crisma e Bênção dos Santos Óleos - 17:00 horas - Missa Solene da Ceia do Senhor.

- 20:00 horas - (atrás da Catedral) Solenidade do Lava-pés; logo após visitação às Igrejas. (Quadros Bíblicos).

Sexta-feira da Paixão: - 8:30 horas - Ofício de Matinas e Laudes.

- 12:30 horas - Sermão das Sete Palavras.

- 15:00 horas - Canto da Paixão - Adoração da Santa Cruz.

- 20:00 horas - Descendimento da Cruz, na escadaria da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, em seguida, solene Procissão do Enterro percorrendo o centro histórico da cidade.

Sábado Santo: 8:30 horas - Ofício de Matinas e Laudes; 20:00 horas - Vigília Pascal.

Domingo da Ressurreição: - 9:00 horas - Missa Pontifical Solene da Ressurreição.

- 16:00 horas - Procissão da Ressurreição.

- 19:30 horas - Coroação de Nossa Senhora do Pilar, com a participação da Orquestra Ribeiro Bastos.

Salão de Artesanatos: Durante a Semana Santa Local: Salão Nobre da Prefeitura de São João del-Rei.

ABRIL

Dia 14 - Comemoração da Tomada de Montese.

-11°. BIMth, com desfiles, concertos, visitasões e exposições.

Dias 15 a 21 - Semana da Inconfidência.

- Chegada do Fogo simbólico, enduros, concertos, exposições.

Dia 21 - Homenagens a Tiradentes e ao Presidente Tancredo Neves.

- Salão de Carros Antigos e Motos Local: Rotunda da Rede Ferroviária.

- Salão de Canários Roller e Pássaros Exóticos Local: Salão Nobre da Prefeitura.

MAIO

Dia 1 - Festa de São José Operário.

- Missa e procissão.

Local: Igreja Matriz de São José - Dia do Trabalhador.

Torneios e outros:

Dia 24 - Comemoração a Bárbara Heliodora.

Seresta Imperial, Palestras, Concertos e outros.

JUNHO

Data Móvel - "*Corpus Christi*".

- 9:30 horas - Missa Solene - Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar.

- 15:00 horas - Procissão centro histórico da cidade com ruas enfeitadas.

De 31/5 a 12 - Festa de Santo Antônio.

- Missa e trezena.

Dia 13 - Missa Solene com a Orquestra Lira Sanjoanense e Procissão - Local: Capela de Santo Antônio.

Última semana de Junho - Festejos juninos, com quadrilhas e shows diversos.

JULHO

De 01 a 31 - Torneio de Inverno.

- Modalidades futsal: mirim, juvenil e adulto - local: Ginásio do Athletic Club.

Festival de Inverno Cultural: - oficinas, cursos, exposições, música, teatro, shows, Circo e outros.

De 07 a 15 - Festa de Nossa Senhora do Carmo - Missa e Novena, com a Orquestra Ribeiro Bastos.

Dia 16 - 9:30 horas - Missa Solene (Dia de Minas Gerais).

- 18:00 horas - Procissão; logo após, *Te Deum Laudamus* e Bênção do Santíssimo Sacramento.

AGOSTO

- 1º Domingo - Solenidades em Honra ao Senhor Bom Jesus do Bonfim.

- 19 horas: Missa e Novena - 17 horas: Procissão.

- Dias 5 a 13 - Festa de Nossa Senhora da Boa Morte.

- Missa e Novena, com a Orquestra Lira Sanjoanense.

- Dia 14 - 19:00 horas - Procissão do Trânsito de Nossa Senhora da Boa Morte.

- Dia 15 - 9:30 horas - Missa Solene da Assunção de Nossa Senhora da Glória.

- 17:00 horas - Procissão de Nossa Senhora da Glória - Local: Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar.

Semana do Exército - desfiles, palestras, concertos e outros. Semana do Folclore

- palestras, danças, teatros e outros.

Início do mês: EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA (DEL REI EXPO) com shows, rodeios e participação de várias cidades.

SETEMBRO

- 1º Domingo - Solenidades em Honra ao Senhor Bom Jesus do Monte.

- 19:00 horas - Missa e Novena - 17:00 horas – Procissão.

- De 01 a 07 - Semana da Pátria.

- Comemorações Diversas.

- Dia 07 - Desfile da Pátria (com a participação das Escolas Federais, Estaduais, Municipais, Particulares, Exército e outros).

- De 12 a 17 - Quinzena das Chagas de São Francisco de Assis - às 19:00 horas - Local: Igreja de São Francisco de Assis.

- Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos - de 05 a 13 - 19 horas - Missa e Novena.

- Dia 14 - 15 horas - Missa solene com a Orquestra Lira Sanjoanense.

- 18 horas - Procissão, Bênção do Santíssimo Sacramento - Local: Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus de Matosinhos.

- De 15 a 23 - Festa de Nossa Senhora das Mercês - 19 horas - Missa e Novena.

Dia 24 - 10 horas - Missa Solene.

- 18 horas - Procissão, *Te Deum Laudamus*, e bênção do Santíssimo Sacramento - Local: Igreja de Nossa Senhora das Mercês.

- De 26 a 29 - Tríduo de São Miguel Arcanjo.

Local: Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar.

- Semana da Árvore - de 20 a 25 - Passeio ciclístico, caminhadas, exposições, palestras e teatro. (locais diversos).

OUTUBRO

- De 25/09 a 03/10 - Festa de São Francisco de Assis - 19:00 horas - Missa e Novena.

- Dia 04 - 9:15 horas - Missa Solene, com a Orquestra Ribeiro Bastos.

- 17:00 horas - Procissão, *Te Deum Laudamus* e bênção do Santíssimo Sacramento.

- Último Domingo - Festa de Nossa Senhora do Rosário - 19:00 horas – Procissão - Local: Igreja Nossa Senhora do Rosário.

- Solenidades em Honra de Nossa Senhora do Pilar (Padroeira da Diocese e da Cidade).

- De 03 a 11 - 19 horas - Missa e Novena.

- Dia 12 - 9:30 horas - Missa Solene com a Orquestra Lira Sanjoanense.

- 17 horas - Procissão, *Te Deum Laudamus* e bênção do Santíssimo Sacramento.

- De 09 a 17 - Festa de São Geraldo - Missa e Novena.

Dia 18 - 16 horas - Missa Solene.

- 18 horas – Procissão - local: Igreja de São Geraldo.

- De 19 a 27 - Festa de São Judas Tadeu - 19 horas - Missa e Novena.

- Dia 28 - 16 horas - Missa Campal.

- 18 horas – Procissão.

- Local: Igreja de São Judas Tadeu.

- Semana da Criança - Rua de Lazer, teatro de rua, exposições e diversos)
- Salão de Orquídeas (data móvel).

NOVEMBRO

- De 02 a 15 - Aniversário dos Cemitérios - Missas e visitas.
- De 16 a 22 - Semana da Música.

Concertos: Bandas, Orquestras e Corais - local: diversos.

- Dia 22 - Dia de Santa Cecília (padroeira dos músicos) - 19:00 horas - Missa com as Orquestras e Corais; logo após, procissão.

Local: Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar.

DEZEMBRO

- De 01 a 15 - Comemorações do Aniversário da cidade - Baile, teatros, concertos, exposições, shows e outros.

- De 29/11 a 07/12 - Solenidades em honra de Nossa Senhora da Conceição - 19:00 horas - missa e Novena.

- Dia 08 - 9:15 horas - Missa Solene a Nossa Senhora da Conceição e homenagem ao aniversário de São João del-Rei, com a Orquestra Ribeiro Bastos.

- 18:00 horas - Procissão, *Te Deum Laudamus* e bênção do Santíssimo Sacramento - local: Igreja de São Francisco de Assis.

- De 16 a 24 - 19:00 horas - Missa e Novena Solene de Natal.

- Dia 24 - 00 hora - Missa do Galo com a Orquestra Lira Sanjoanense.

- Dia 25 - 10:00 horas - Missa solene com a Orquestra Lira Sanjoanense.

- 19:00 horas - *Te Deum Laudamus* e bênção do Santíssimo Sacramento - local: Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

- De 20 a 24 - Comemorações de Natal, com concertos de orquestras e corais - locais diversos (teatro, ruas históricas e comércio).

- REVEILLON: comemorado nas ruas e bares da cidade, com queima de fogos e muita festa!

FESTAS

FOLCLORE

A História do Folclore

Um cientista britânico chamado Willian John Thoms estava pesquisando sobre lendas, costumes e tradições, quando resolveu escrever uma carta para uma revista ,em Londres .Willian pediu que os leitores da revista mandassem para ele coisas sobre “folk-lore” ou folclore.

“Folk”, significa povo e “lore” significa saber. Daí, quando chegou no Brasil, virou uma palavra só, que significa “sabedoria, conhecimento do povo”.Como a carta foi publicada no dia 22 de Agosto de 1846,todo o mundo passou a comemorar a data como Dia Mundial do Folclore.

Festas Folclóricas

CARNAVAL

A palavra Carnaval dentro da etimologia vem do latim medieval Carnelevarium, Carnilevaria, Carnilevarem, que significa véspera de quarta-feira de cinzas, tempo em que se iniciava a abstinência de carne.A variante dialetal Carne vale,que evoluía do latim medieval, deu origem ao italiano Carnaval, século XVI.Supõe-se que a segunda parte do vocábulo pertença ao domínio popular ,do latim Vale, adeus;Daí Carnaval, adeus à carne.

Carnaval: Festa de Brilho e Alegria!

As festas carnavalescas têm raízes em celebrações do Império Romano chamada Saturnálias, realizadas desde antes do nascimento de Cristo. Com o tempo,as

comemorações se espalharam por toda a Europa. Das festas Dionisiacas da Grécia Antiga ,aos bailes de máscaras do Renascimento oriundos do teatro clássico grego, e que inspiraram os carnavais de salão de Veneza, na Itália.

Da Europa para o Brasil trazidos pelos colonizadores portugueses, as comemorações por aqui se resumiam a jogar água ,farinha,tinta e lama uns nos outros.

Atualmente, é a maior manifestação de cultura popular.Em cada região, existe uma maneira diferente de comemorar.A serpentina é de origem francesa e chegou ao Brasil em 1892.Já o confete veio da Espanha, mas também aqui em 1892.

Com o desenrolar dos tempos ,passaram a surgir os primeiros grupos organizados: os ranchos onde predominavam os foliões mais populares.Em ano que não conseguimos determinar, foi fundado uma entidade formada pela elite social: o “clube X”,onde pontificava o folião Carlos Luís Guedes, coadjuvado por outros líderes como José Bellini dos Santos ,Derme Val Sena,José Viegas e Major Américo Santos.

Bandas e Blocos tradicionais de São João Del Rei

Bandalheira- criada nos anos 70,época de ouro do carnaval sanjoanense, a bandalheira retornou às ruas ,depois de uma década sem desfilar.

Deixe o Mundo Girar-O bloco surgiu em 1998, formado por grupo de amigos que queria aproveitar o carnaval sem preocupação.

Se mamãe deixar-criado em 1998,o bloco é acompanhado pelas bandas do quartel e Teodoro de Faria.As fantasias tradicionais do bloco são roupas de bebê.

Lesma Lerda- com 27 anos, o bloco surgiu na época da repressão, com obletivo de protestar contra os atos da ditadura.O nome Mesma Merda teve o registro proibido e por isso os fundadores procuraram uma expressão que soasse parecido.

Pirulito - Saiu às ruas de São João ,durante o desfile, são distribuídos folhetos explicativos sobre a AIDS e preservativos.

Domésticas- Há 24 anos, os homens saem vestidos de mulher.O diferencial do bloco é o concurso de fantasias nas categorias originalidade e luxo.

Pão Molhado-o bloco começou há quase 28 anos, com um grupo que se reunia para compor e tocar samba.O destaque do bloco é um pão de sal de três metros e a distribuição de pãezinhos ao público.

Copo Sujo- o bloco foi criado em 1987 como um ato de resistência á decisão da Administração Municipal de que não haveria desfile naquele ano.

Alvorada- Há 28 anos um grupo de amigos que não queria perder tempo para animar o Carnaval saiu às ruas às 5 h, no primeiro dia festivo.O alvorada marca o início do carnaval oficial e tem como destaque o foguetório e as fantasias de pijama e camisolas que buscam mostrar que os foliões acordaram com os foguetes e saíram logo para a rua.

Unidos da Cambalhota-o bloco surgiu no ano de 2001, com a mania de um grupo de amigos que no auge da euforia dos encontros viravam cambalhotas pelo chão.

Bloco das Piranhas- Inspirado em um bloco carioca com mesmo nome, o bloco foi fundado em 1973 por um grupo de amigos do bairro Águas Férreas.Participam do desfile, homens vestidos de mulher e transformistas.

Recordar é viver-o bloco surgiu em 1999 com o objetivo de resgatar os antigos carnavais.Criado por um dos mais conhecidos carnavalescos de São João,o Quati, o bloco sai às ruas fantasiado com grandes bonecos, cabeções e os famosos bois gordos, que fazem a festa ao som das antigas marchinhas.

Vamos a La Playa-O bloco surgiu no início da década de 90.Usando roupas de banho,bóias,pranchas e outros artigos que lembrem o mar, os componentes invadem a “praia”sanjoanense, como é conhecido o Córrego do Lenheiro.

Bloco típico “Os Caveiras”-tradicional agremiação que desfila aos sábados e as segundas de carnaval, foi fundado em 1959.Dos mais tradicionais da cidade é um bloco que mostra o modo bem divertido de encarar a morte desfilando com fantasias que retratam esqueletos, múmias, urnas, fantasmas.

São Dimas-foi criado em 1998 por um grupo de ritmistas. Com bateria e samba enredo próprio, faz uma crítica à discriminação que eles acreditam que o bairro sofre.

Bloco Unido de Chagad Dória-em Matosinhos existiu um bloco com este nome, fundado no ano de 1967 e que desfilou até o ano de 1971.

Bloco Disneylândia - próximo ao bar bico de lacre , era composto por crianças que se fantasiavam de personagens de Walt Disney para desfilarem na avenida.

Escolas de Samba

Na década de 70 e 80 surgiram várias escolas: Girassol, Mocidade do Bonfim, São Geraldo ,Bate- paus,Irmãos Metralhas, etc..

MINAS FOLIA

A Secretaria De Turismo De Minas Gerais, em reuniões com secretários de turismo das cidades históricas, criaram o carnaval integrado para unificar os festejos de momo, prestigiando o carnaval tradicional.

É um evento integrado por mais de 60 cidades que participam dos circuitos turísticos promovidos pelo Estado, com o intuito de proporcionar alternativas para o carnaval, pois pesquisas demonstram que o carnaval, como anda, está saturado.

FESTA DA CONGADA

Congada De Nossa Senhora Do Rosário Do Rio Das Mortes

As músicas desta festa retratam a fé do povo em Nossa Senhora, entoando hinos de louvor com ritmo e cadência penetrante e agradável levando as pessoas a dançarem no embalo do compasso. Algumas músicas são “cantos de lamento”, pois são embasadas no balanço do navio negreiro e o ritmo no balanço das ondas do mar, e as letras falam sobre a dor da partida, da saudade, através de versos sem rima e sem obediência às regras gramaticais, pois queriam demonstrar mais a fé do que a aparência. Algumas músicas provocam uma reflexão sobre o sofrimento dos escravos em remar o navio sob chicotadas.

Eram usados como instrumentos musicais tambores de madeira e couro de boi, couro de gato ou coelho, pandeiros e reco-reco; atualmente utiliza-se também sanfona, violões, cavaquinhos e banjos. O grupo tem vários componentes enfileirados de forma

indiana em duas filas. Os “caixeiros” ficam no meio do grupo fazendo cambalhotas e saltos, além de espantar algum intruso que queira estragar a festa.

CONGADO - Reunião de congos. Grupo folclórico com origens culturais africanas e européias. Conta de vários dançantes que tocam instrumentos, cantam e dançam sob a direção do capitão que canta solista e organiza o grupo.

CAPITÃO-MOR – Título honorário dado a um dos Capitães do Congado convidados para a festa.

FESTA DA FOLIA DE REIS

São comemorações tradicionais da cidade que ocorrem no mês Janeiro, onde os grupos folclóricos saem às ruas entoando cantos alusivos aos três reis magos, e fazem visitas às casas das pessoas festejando a chegada do Menino Jesus.

FESTAS JUNINAS

Observado relatos históricos de São João Del Rei, essas festas já eram consagradas e recebiam apoio das autoridades municipais, em 1728 o Senado da Câmara se posicionava a favor do incentivo à tais festas. Atualmente são eventos tradicionais que contam com um número cada vez maior de adeptos, participando das quadrilhas e danças.

FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

O Divino Espírito Santo é festejado em São João Del Rei, no bairro de Matosinhos, desde 1774, por ocasião do Domingo de Pentecostes. A festa cresceu de tal forma que o Papa Pio VI concedeu-lhe o título de Júbilo Perpétuo. Atrairomeiros de toda parte. Abrangia uma grande riqueza folclórica e atrações como Cavalhadas, Danças das Fitas, Danças dos Velhos, Contra-Danças, Bandas de música, Orquestras, etc.

A cada ano elegia-se e coroava-se um Imperador para ocupar o cargo de festeiro principal, também havia imperatriz. E a característica marcante era a existência de um Imperador Perpétuo, que não perdia o cargo com a chegada de outro Pentecostes, trata-se de Santo Antônio de Pádua, escolhido pelos comerciantes locais.

Componentes da festa:

SALVA – Espécie de bandeja com vários detalhes e uma base de sustentação. Sobre ela deposita-se a coroa e o cetro quando estão fora de uso.

IMPÉRIO DO DIVINO – Espécie de barraca ou capelinha armada por ocasião da festa, em cujo interior está o altar em que se expõe ao público a imagem do Divino Espírito Santo e suas insígnias.

IMPERADOR PERPÉTUO – Os sanjoanenses escolheram Santo Antônio como coadjuvante do Divino Espírito Santo, a imagem de ambos participa das procissões em uma liteira ricamente adornada.

CORTEJO IMPERIAL - Cortejo processional partindo da igreja que sedia a festa e vai em busca do Imperador para este assistir a missa solene e para acontecer a sucessão do cargo de imperador.

ESTANDARTE DO DIVINO – bandeira simbolizando uma corporação. Tem uma haste de sustentação central e vertical, cruzando-se com outra horizontal. Abre os cortejos da festa do Divino.

ALFERES DA BANDEIRA – pessoa responsável pelo estandarte, carregando-o a cavalo, nas procissões e Cortejo Imperial.

BANDEIRAS DO DIVINO - Pano preso no alto ou de um lado por uma haste que lhe sustenta e serve para apreensão. Sempre vermelha, com a pombinha branca, para lembrar o Divino.

PORTA-BANDEIRA E MORDOMO – Vinte porta-bandeiras levam nas procissões da festa as bandeiras do Divino. O mordomo leva o estandarte de menor porte.

MASTRO – Madeiro alto, esquivo, reto, enfeitado, que se finca junto a igreja em que se festeja.

ORATÓRIO DE PESCOÇO – Espécie de nicho ou caixa especialmente destinada a guardar a imagem de um santo que é oferecido a beijar.

CAVALGADA – Reunião de cavaleiros que desfilam pelas ruas da cidade precedidos pelo Alferes da bandeira com o estandarte, e acompanhados por uma folia do Divino ou Tirador desta, visitando também algumas casas e colhendo donativos.

JUÍZES DE PRENDA – Pessoas responsáveis por solicitar nas casas donativos para a festa.

FOLIA DO DIVINO – Grupo folclórico que, levando uma bandeira do Divino Espírito Santo visita as casas cantando os louvores e saudando o dono do lar. Anunciam a festa entre o domingo de páscoa e de pentecostes (ciclo do Divino). É constituída pelo mesmo padrão das folias de Reis, São Sebastião, N. S. Aparecia, etc).

REINADO – Conjunto de figuras reais, cujos cargos são fictícios na festa do rosário, nomeados como Reis e Rainhas, Príncipes e Princesas. Sua introdução na festa do divino possibilitou uma melhor integração dos termos dos congados a este cortejo.

CAPITÃES DE MASTRO – A função dos capitães de mastro é dirigir os rituais de levantamento e descimento dos mastros do Divino, podendo ser ajudados pelo imperador.

MEIRINHOS E MESTRE-DE-CAMPO – Responsáveis por auxiliar a comissão Organizadora no controle dos eventos da festa durante sua realização atuando, quer como mediadores, quer como orientadores.

DANÇA-DE-FITAS – Grupo folclórico de origem europeia que executa números de dança em torno de um pau na vertical, de cujo topo pendem longas fitas.

FESTAS RELIGIOSAS

SEMANA SANTA

A Semana santa é uma das tradições mais conhecidas de São João Del-rei que atrai turistas de todas as partes do mundo. É uma celebração cheia de emoção, dramatizações, e principalmente religiosidade. Nesta celebração temos:

ENCOMENDAÇÃO DE ALMAS – uma tradição Portuguesa de rezar pelos mortos. Acontece durante as três sextas-feiras da Quaresma, percorre cemitérios, igrejas e encruzilhadas, rezando, cantando e batendo a matraca.

TAPETES E DE SERRAGEM E PÓ DE CAFÉ – As ruas por onde passam as procissões do enterro são enfeitadas com belíssimos tapetes confeccionados com serragem, pó de café e pigmentos coloridos que ornamentam e cobrem o chão. Alguns locais onde se confeccionam os tapetes são: Em frente a Igreja do São Francisco e Rua Getúlio Vargas.

OFÍCIO DE TREVAS – Ouve-se um ruído e todos batem os pés no chão: Ofício das Trevas, na noite de Quarta-feira, é sem dúvida uma das impressionantes cerimônias da Semana Santa. A cidade é a única do mundo que ainda mantém a cerimônia em latim. O ofício representa o sofrimento vivido por Jesus no Jardim das Oliveiras.

SINOS – Os sinos com suas toques e dobres têm mantido uma linguagem peculiar ainda conhecida de muitos sanjoanenses. Desde os tempos coloniais, os sinos de transformaram em verdadeiras “gazetas de Bronze” e, diariamente, noticiavam os acontecimentos religiosos

A LINGUAGEM DOS SINOS – Modalidades dos toques: Dobre simples (Uma pancada só em cada movimento); Dobre duplo (provocam pancadas a cada movimento); e Repiques (movimento feito pelo bater dos balados com o sino parado).

REGISTRO DO TOQUES:

1- Aviso de missas:

- a) Meia hora e 15 min antes da hora marcada para a celebração, é dado um sinal no sino pequeno, em pancadas seguidas. No final de cada toque de entrada, as pancadas espaçadas indicam quem será o celebrante
- b) Se for missa festiva, repique depois da entrada, no final a indicação de quem vai celebrar. Se houver sermão em missa cantada, há dobre do sino grande.
- c) Na hora da consagração, 1 pancada em cada sino.
- d) No final da missa, repique

- e) Havendo Benção do Santíssimo, em qualquer situação, haverá repique no meio do “tantum-ergo” e repique ligeiro baixo durante a benção.
- f) Havendo Benção do santíssimo, em qualquer situação, haverá repique no meio do “tantum-ergo” e repique ligeiro baixo durante a Benção.

2-Em qualquer ato haverá o toque de ‘entrada” referido na letra “a” (18 ou mais pancadas)

3-Novenas e mês de maio

- a) Repique às 12h, 15h e 18h. Terminado o ato, repique e depois o toque de “almas”, no sino grande (9 pancadas espaçadas)

4-Chamadas de irmãos

- a) Para enterros e procissões: 18 pancadas ou mais, no sino grande.
- b) Para eleições ou definitórios: 9 pancadas no sino grande: 1 hora, 30 min e 15 min antes do horário estabelecido.

5- Festas em homenagem aos santos

- a) Na véspera de festa de um santo que vai ser homenageado, repique às 20h, no sino grande, com dobre na igreja onde vai ser realizada a festa.

6-Finados

- a) Na véspera de finados, às 12h e 20h, dobre de defuntos (1 pancada em cada sino)
- b) No dia de “finados”, dobre de 2 pancadas na hora da celebração da Missa
- c) As 12,15 e 18 horas, dobre em todas as igrejas.
- d) Nas vésperas de aniversários dos mortos de cada Ordem ou Irmandade, haverá dobre de defuntos (2 pancadas), às 20 horas
- e) Na hora da missa e do Liberta-me, dobre.

7- Enterro de irmãos

- a) Homens- três dobres de 1 pancada
- b) Mulheres- dois dobres de 1 pancada

- c) Crianças (menos de 7 anos), repique festivo, na hora do enterro.
- d) Se o homem for mesário, dobre na hora em que se tomou conhecimento do falecimento e na hora do enterro (3 dobres e duas pancadas)
- e) Se a mulher for mesária, idem, dois dobres de duas pancadas
- f) Se o irmão prestou grandes favores à ordem ou irmandade, dobres de 1 em 1 hora, a critério da mesa.
- g) Falecimento do Papa, dobre de hora em hora, em todas as igrejas
- h) Idem do Bispo, dobres de 3 em 3 horas
- i) Idem Vigário, dobres de 4 em 4 horas
- j) Idem do Padre, 5 dobres comuns

8- Agonia

- a) No sino da ordem ou irmandade onde o moribundo é irmão, 9 pancadas no sino médio, bem espaçadas, de 15 em 15 min.

9- Agonia

- a) Rebate- pancadas no sino grande, seguido do médio, ligeiras com pequenos intervalos.

10- Incêndio

- a) Dia 24, às 22 horas, dobres. Às 23h e 23h e 30 min, entrada. Finda a missa, repique.

11-Passagem de ano

- a) Havendo Missa, obedecem-se as mesmas disposições do dia de Natal.

12-Quaresma

- a) Na igreja, onde houver “Via-Sacra”, dobre às 15 e 18 horas, 1 pancada no sino médio.
- b) Durante a “Via-Sacra” 1 pancada no sino médio cada vez que mudar de estação.
- c) Na décima estação, três dobres, indicando a morte de Cristo.

13- Festa dos passos

- a) Na Sexta feira das Dores, às 5h e 15 min, Matinas (9 pancadas nos sinos grandes dos Passos e do Carmo, seguida de dobres); ao meio dia, 15 e 18h e na hora da procissão, dobre; no momento em que a imagem sai da igreja, o sino dobra mais rapidamente.
- b) No Sábado dos Passos repetem-se os dobres, porem, os de são Francisco substituem os do Carmo que ficam em silencio.
- c) No domingo do “Encontro”, repetem-se tudo nas igrejas (Pilar, Carmo, e São Francisco)
- d) Ao meio dia, dobre nas 3 igrejas.
- e) Às 16h e 30 min, toque de chamada de irmãos para a procissão das 17 horas.
- f) Na saída da procissão, dobre nas igrejas do Carmo
- g) Quando a procissão de N. Sr. Dos Passos atinge o “Passo” da Rua da Prata, os dobres param Terminados o Repensório e o Moteto, reiniciam os dobres ate que o cortejo atinja a Ponte do Rosário ate o “Passo” daquela praça. Terminada a cerimônia, dobres ate atingir a Catedral. Nesse ponto, entram os sinos dos Passos e Sacramento que tocam ate a procissão passar ao lado da Catedral. Ao atingira Praça Barão de Itambé, entra o das Mercês que toca ate a “Passo” daquela praça. Terminado o “Encontro” (Sermão do Encontro), toca novamente ate chegar ao Largo da Cruz, entrando em funcionamento o sino do Carmo, ate que a procissão atinja o “Passo” da Rua Direita. Terminado o ato ali, toca novamente ate as proximidades do sobradão da D. Amélia Ferreira, Quando descai para a entrada dos sinos dos Passos e sacramento, ate a entrada da procissão.

14- Semana Santa

- a) Na Quinta feira santa, depois do Glória as Missa as Instituição da eucaristia até a Glória da ressurreição, nenhum sino toca, seja qual for o motivo
- b) Na ressurreição tocam os sinos de todas as Igrejas

15-Festa da boa morte

- a) No final da última novena, toque de matinas do trânsito de Nossa Senhora (repique: Senhora é Morta), esse repique é usado até a Glória de 15 de agosto com repiques festivos em todos os sinos da catedral.

16- Toque de Parto

- a) 9 pancadas, no sino médio da igreja das mercês, de meia hora até o ‘delivrance’

17-Angelus

- a) 9 pancadas no sino do santíssimo sacramento, às 18 horas, diariamente

18-Almas

- a) 9 pancadas no sino das Almas, às 20 horas, diariamente

19- Ave Maria

- a) 9 pancadas no sino das almas, às 21 horas, espaçadamente.

20- Chamada de sineiro e cristão

- a) 3 pancadas no sino Pequeno, espaçadas, diversas vezes até ser atendido

21-Relembrando a morte do senhor

- a) Um dos dobres que tem desafiado a ação do tempo, é o que nos faz lembrar a morte do Senhor. Todas as sextas, às 15 horas, o sino dos Passos, com sua voz melodiosa, nos traz a lembrança a hora da morte de Jesus. Ao ouvir o dobro os sanjoanenses se benzem, e antigamente raras eram as casas em que não se observava o costume de queimar incenso.

Passos da via-sacra

São 5 os passinhos da via sacra em São João Del Rei, o primeiro fica na rua Padre José Maria Xavier, o segundo na Rua Getulio Vargas, o terceiro na Praça da Mercês, o quarto no Largo da Cruz, e o ultimo no final da Rua Getulio Vargas.

A procissão percorre esses passinhos, saindo do São Francisco, indo até a Catedral Basílica de N.S. do Pilar.

4.3 Eventos culturais

Inverno cultural: é realizado pela FUNREI desde 1988, funciona como espaço de aprendizagem, criação, reflexão e divulgação da cultura brasileira e, em especial, a mineira.

Acontece durante o mês de Julho, com uma programação democrática, só em 1997 foram oferecidos 24 espetáculos entre teatro, música e dança, 14 exposições de pinturas, desenhos, fotos, esculturas e artesanato, 46 cursos e oficinas, e também foi a primeira vez que o evento teve apoio do Ministério da Cultura.

A partir de 1994 a filosofia de trabalho da vice-diretoria de assuntos comunitários foi levar o máximo de eventos possíveis para as periferias da cidade.

O inverno cultural mobiliza de forma plena a comunidade com participação massiva da população e dos turistas em todos os eventos, lotando teatros, ruas, oficinas, cursos, exposições e palestras.

Encontro de carros antigos: é um evento realizado no mês de dezembro, comemorando assim o aniversário da cidade, acontece nas dependências da rotunda da Rede Ferroviária Federal.

Os colecionadores apresentam suas raridades, nacionais e importadas, atraindo milhares de visitantes.

CURIOSIDADES

A história do automóvel na cidade começa em 1913, quando se inaugurou o primeiro automóvel que percorreu o centro urbano, era um domingo, primeiro de agosto.

1. REFERÊNCIAS

2. [Biblioteca Municipal Batista Caetano D'Almeida](#) –São João Del – rei.

Grupo: Francis, Joana, Luciana, Rodrigo, Stéphane.

3.

4.

- Espaços e equipamentos públicos de lazer em São João del-Rei

Espaço Público é todo aquele que é de comum direito a todos os cidadãos e não possui restrições nem privações para seu uso. São João Del rei pelo fato de ser uma cidade histórica e de crescente visibilidade no cenário nacional, tem investido no bem estar de sua população e uma dessas formas de investimentos é a construção, restauração e revitalização de seus espaços públicos de lazer.

Aqui daremos ênfase às áreas de gratuito acesso onde cada qual pode desfrutar da melhor maneira que lhe convier desde que não degradem o patrimônio. A seguir listaremos alguns locais, na maioria largos e praças, disponíveis em nossa cidade para lazer e começando-se então pelo quesito largos e praças temos:

Largo da Cruz - Praça Dr. Paulo Teixeira - Centro

Largo do Carmo – Praça Dr. Augusto das Chagas Viegas - Centro

Largo do Cruzeiro – Praça Francisco Nestor dos Santos - Centro

Largo do Rosário – Praça Embaixador Gastão Cunha - Centro

Largo do São Francisco – Praça Frei Orlando - Centro

Praça Afonso Arinos - Tejuco

Praça Afonso Dalle - Fábricas

Praça Barão Itambé - Tejuco

Praça da Biquinha - Tejuco

Praça Carlos Gomes - Tejuco

Praça Cristo Redentor – Senhor dos Montes

Praça da Estação - Centro

Praça do Coreto - Centro

Praça Dom Helvécio - Fábricas

Praça dos Expedicionários - Centro

Praça Dr. Antonio das Chagas Viegas - Centro

Praça Dr. Fausto Mourão - Centro

Praça Dr. Salatiel - Centro

Praça Duque de Caixias - Centro

Praça Eduardo Rodrigues Vale – Senhor dos Montes

Praça Francisco Neves - Centro

Praça Guilherme Milward - Bonfim

Praça Inácio Alvarenga - Tejuco

Praça José Nicolau Dinalli - Fábricas

Praça Monsenhor José Maria Fernandes – Senhor dos Montes

Praça Nossa Senhora da Penha – Colônia do Marçal

Praça Nossa Senhora de Fátima - Matosinhos

Praça Pe.José Antonio Assis Teixeira - Tejuco

Praça Raul Soares - Matozinhos

Praça Santa Terezinha - Matozinhos

Praça São Geraldo – São Geraldo

Praça Senhor Bom Jesus do Matozinhos - Matozinhos

Praça Severiano Resende – Centro

Praça Três Heróis da FEB - Centro

No que tange o assunto largos e praças não se encontram equipamentos específicos sendo utilizados diretamente no auxílio ao lazer,os equipamentos utilizados (mangueiras,tesouras de poda,vasos de planta,regadores etc.) são no intento de limpeza,ornamentação, manutenção e/ou preservação de tais locais.Devido a grande proporção de largos e praças torna-se difícil a manutenção e conservação das mesmas,por isso na maioria dos bairros são os moradores que zelam por estes espaços,solicitando auxílio da prefeitura ou outras autoridades apenas em casos que não lhe são cabíveis providências tais como troca de bancos e lixeiras,remoção ou plantio de árvores e reestruturação do espaço.

Bibliotecas

Para aqueles que são adeptos da leitura como fonte de lazer tem-se a opção das bibliotecas, onde as obras lá existentes são de gratuito acesso para atender os mais variados intuitos dos leitores e/ou pesquisadores. Em se tratando de bibliotecas temos:

Biblioteca Municipal Baptista Caetano D’Almeida – Centro

Bibliotecas da UFSJ nos campi:

Campus Dom Bosco – Fábricas

Campus Santo Antônio – Centro

Campus Tancredo de Almeida Neves – Colônia do Bengo

Além de livros temos como equipamentos nestes locais cabines e/ou espaços de estudo, computadores e escaninhos para guardar pertences dos freqüentadores. No caso da Biblioteca Municipal Baptista Caetano D’Almeida sua gerência e manutenção ocorrer por meio de recursos municipais (prefeitura), já as bibliotecas – dentre outras instalações - da UFSJ são mantidas pelas prefeituras dos campi que designam funcionários para realização de tarefas diversas necessárias a harmonia e conservação do local, e os recursos financeiros para manutenção são oriundos do governo federal.

Torna-se cabível aqui enfatizar a ressalva de que na UFSJ não apenas as bibliotecas são disponíveis à utilização pública, mas também as quadras, campos de futebol, pista de atletismo e suas adjacências.

Parques Infantis

Como parte do lazer infantil têm-se o parquinho da Praça da Biquinha - Tejuco e é de livre acesso a qualquer momento. Nele as estruturas são adequadas ao público que os freqüenta, as crianças, e os equipamentos (balanços e outros brinquedos) são utilizados corretamente no intento de prover diversão aos pequeninos; quem mantém a estrutura é a prefeitura municipal.

Outros espaços

Imediações do Conjunto Habitacional INOCOP – Matosinhos

Oferece a população

Referências Bibliográficas:

Mapa elaborado pela secretaria Municipal de Governo e Desenvolvimento Econômico de São João Del Rei- ano 2008

Equipe Técnica: Adilson Edgard, Camila Paiva, Edmar Inácio, Larissa Resende, Luiz Lara, Mário Nunes, Ronildo Assis, Tânia Câmara, Tiago Chaves.

Grupo: Aline Mayara de Moraes Cardoso, Eliane Cristina Silva, Hebert Rafael Silveira, Kátia Aparecida de Jesus, Mariana Pinheiro da Costa, Simone Aparecida Santos.

- Principais pontos turísticos de lazer

Introdução

São João del-Rei foi fundada em 1713, mas, diferente de outras cidades históricas mineiras, conseguiu saídas imediatas após o final do ciclo do ouro, por isso acontece uma junção harmônica entre o antigo e o moderno na cidade.

Até hoje São João del-Rei tem como principal fonte de renda o turismo, por causa de suas igrejas, museus, pontes e casarios no centro histórico. Turistas do mundo todo visitam a cidade principalmente na Semana Santa e carnaval, que é considerada uma das melhores de Minas Gerais.

Igrejas

Talvez São João del-Rei seja tão famoso por causa de suas igrejas. O auge de visitas aos templos religiosos acontece na Semana Santa, principalmente na quinta-feira santa, onde todas as igrejas da cidade abrem as portas para a visita dos turistas e moradores devotos. O público de turistas que visitam as igrejas são na sua maioria adulto/idosos religiosos. Também acontecem várias excursões escolares para São João del-Rei em todas as épocas do ano.

A Igreja de São Francisco de Assis é com certeza a mais famosa da cidade. Ela está localizada na Praça Frei Orlando e fica aberta para visitas diariamente das 8h às 11h e das 14h às 16h. A igreja segue a tendência curvilínea do rococó e tem uma fachada ricamente ornamentada. É uma construção arrojada, principalmente olhando a época que foi feita e pelo fato de ser de pedra lavrada. No arco da porta principal tem a cabeça de Cristo esculpida. A capela-mor tem dezesseis metros de comprimento por oito de largura e tem forma retangular. No seu interior tem um lustre de cristal colorido, o único igual a ele está no museu de Versalles, em Paris. Outro fator de grande interesse dos turistas pela igreja é o túmulo do ex-presidente do Brasil Tancredo Neves que fica no cemitério logo atrás dela. Na praça em frente à igreja havia várias palmeiras centenárias, mas uma forte chuva em 2008 derrubou uma delas. Agora novas palmeiras foram plantadas, o que tirou um pouco do charme da Praça Frei Orlando.



A Igreja Nossa Senhora do Carmo está localizada no Largo do Carmo. O horário de visita é de 7h às 11h e das 17h às 20h diariamente. A igreja foi erguida na época áurea do rococó e traz inovações do estilo, como a portada ricamente elaborada e as torres octogonais. O seu interior é espaçoso e possui duas portas que se comunicam com os cômodos laterais, o que não acontece nas outras igrejas. O Cristo Inacabado se encontra no definitório. Ele tem 2 metros de altura e não se sabe quem é o autor dessa obra de arte esse nome porque perceberam o tão escultural. Ele é conhecido por não tem os dois braços, pois pesado ele seria.



A Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar também conhecida como Matriz está localizada na Rua Getulio Vargas e tem como horário de funcionamento das 6h às 11h e das 17h30min às 20h. Seu interior tem características do barroco mineiro em suas pinturas e se destaca por causa de suas talhas de ouro. Seu teto é considerado a maior superfície pintada do barroco mineiro. Também tem duas famosas pinturas de Leonardo da Vinci importadas diretamente de Portugal. As duas orquestras bicentenárias sanjoanenses se revezam no coro da igreja.



A igreja de Nossa Senhora do Rosário está localizada na Praça Embaixador Gastão da Cunha. Seu horário de visitação   de terç a a quinta das 8h às 11h. Ela é considerada a igreja mais antiga da cidade. A igreja é bem espaçosa e tem iluminação natural por quatro óculos, dois em cada lado. O seu interior é bem simples e no altar-mor tem uma bonita imagem de Nossa Senhora do Rosário.



Outra igreja de grande importância em São João del-Rei é a de Nossa Senhora das Mercês. Ela está localizada na Praça Dom Pedro II e está aberta para visitação das 7h às 11h e das 17h às 20h. O acesso à igreja se dá por uma grande escadaria a sua frente. O seu interior é bem pequeno. A igreja só tem uma torre, a única do centro histórico com essa característica. No altar-mor tem uma bonita imagem da padroeira que atrai muitos devotos e sua festa é bem conhecida por todos. Na semana santa, o ritual de descendo da cruz acontece em suas escadarias e é visto por centenas de fiéis.



Museus

O
de São



Museu Regional
João del-rei está
localizado na

Rua Marechal Deodoro em um bonito sobrado de três andares. O público que frequenta o museu é bem diversificado. Várias excursões escolares vêm até São João para visitá-lo. O museu fica aberto para visita de terça a domingo das 8h às 12h e das 13h30min às 17h30min. Em seu acervo estão várias peças dos séculos XVIII e XIX, como móveis, imagens e objetos industriais. As peças de destaque é o antigo órgão da Igreja Nossa Senhora do Carmo e uma imagem de São Sebastião atribuídas a Aleijadinho. O museu ainda tem um acervo de jornais, fotografias e documentos cartoriais da antiga Comarca do Rio das Mortes.

Outro museu importante de São João del-Rei é o Memorial do Tancredo Neves que está localizado na Rua Padre José Maria Xavier. O Horário de visita é das 13h às 17h nas quartas e sextas e das 9h às 17h nos sábados e domingos. O valor da entrada é de R\$ 2,00. O museu, através de fotos, arquivos, documentos, cartas, diplomas, traça um panorama cronológico da vida de Tancredo Neves. No museu existe uma sala que esta reproduzido, com a mobília oficial, o escritório dele no Solar dos Neves. O ponto alto da visita é o ultimo ambiente, onde mostra a máscara mortuária dele e também jornais falando de sua morte. Em 2010 se comemora o centenário de Tancredo Neves e como homenagem fizeram, do lado de fora de seu Memorial, uma escultura idêntica a Tancredo sentada em um banco, como a de Carlos Drummond de Andrade na orla de Copacabana.



Complexo Ferroviário

A viagem de trenzinho de São João del-rei a Tiradentes é mundialmente famosa. Ela faz a alegria de crianças, adultos e idosos. As épocas que têm mais procura são na semana santa e quando tem festivais em Tiradentes, como o de Gastronomia e o de Cinema.

O Complexo Ferroviário está localizado na Rua Quintino Bocaiúva e apresenta três distintas partes: a Rotunda, o Museu Ferroviário e a Maria Fumaça.

No interior da Rotunda ou Coliseu estão 25 linhas ocupadas por máquinas Baldwins, além de uma máquina a vapor cortada ao meio para mostrar seu funcionamento.

No Museu Ferroviário está a primeira locomotiva, na qual viajou Dom Pedro II. Também tem um vagão fúnebre além de várias ferramentas usadas na reparação das máquinas. O museu fica aberto das 9h às 12h e das 13h às 17h30min.

A Maria Fumaça é uma locomotiva Baldwins fabricada nos EUA. Ela anda a 30 km por hora. Ela sai de São João del-rei às 10h e às 14h15min e sai de Tiradentes às 13h e às 17h. A viagem tem 12 km e dura cerca de 30 min.

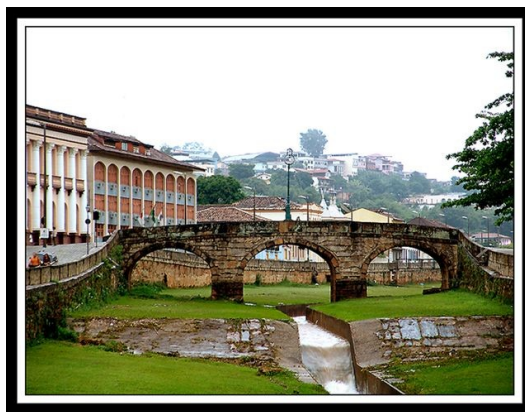
É em São João del-rei que se encontra o maior centro de preservação da memória histórica ferroviária nacional, cerca de 35.000 metros quadrados e a EFOM (Estrada de Ferro Oeste de Minas) entrou pro Guinness Book como tendo o trem de passageiros mais antigo em funcionamento no Brasil.



Pontes de pedra

As pontes de pedras eram de suma importância no desenvolvimento e progresso do arraial, pelo fato do Córrego do Lenheiros atravessar bem o centro da cidade. Hoje em dia são duas pontes, a da Cadeia e do Rosário.

A ponte da Cadeia está localizada na Rua Manoel Anselmo. Ela é bem estreita, mal passa um carro por ela. Tem três grandes arcos e no meio dela tem uma cruz sobre uma penha introduzida no corrimão. No passeio da ponte tem um acento no meio dela dos dois lados.



A ponte do Rosário está localizada na Rua Rosino Baccarini e foi o terceira ponte de pedra del-Rei.



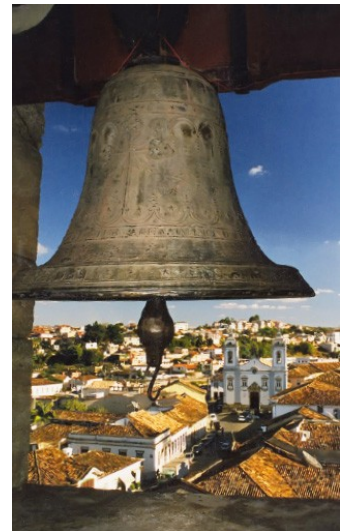
construída em São João Também tem três arcos, o

do meio era o maior deles. No meio da ponte tem uma cruz e com acento no meio da ponte dos dois lados.

Havia uma terceira ponte, a da Santa casa, que hoje em dia é subterrânea.

Sinos

São João del-Rei é conhecida como a cidade onde os sinos falam, pois é a única cidade do Brasil que ainda são ouvidos sinos de dia e de noite com variedades de toques. Cada sino tem um nome (todos tem o nome fundido), uma história e um som. Através da linguagem dos sinos da para saber quem vai celebrar a missa e até qual a idade e o sexo de quem morreu.



Outros pontos turísticos importantes

Chafariz da Legalidade



O Chafariz está atualmente na Praça dos Andradas, onde se encontra escondido da exposição pública, além de ser frequentemente alvo de vândalos. No local onde está atualmente ele nunca jorrou uma gota de água.

Solar dos Neves

O solar está localizado na Rua Getúlio Vargas e pertence a família de Tancredo Neves. Ele morou lá por muito tempo. É uma casa antiga, mas muito bem conservada.



Solar dos Lustosa

O solar está localizado na Praça Embaixador Gastão da Cunha. Ele pertence a família do dentista Paulo Lustosa, o criador da Cera Dr. Lustosa para dor de dentes. A cera é conhecida mundialmente desde 1922 e é feita artesanalmente até hoje. O consultório, a biblioteca e o laboratório do dentista foram transformados em um pequeno museu.



Teatro

O teatro Hermílio Alves arquitetônico

municipal

está localizado na Rua Apresenta um estilo eclético. Ficou por muito tempo sem ter condições de receber grandes espetáculos, mas depois de sua recuperação e modernização em 2003 passou a ser novamente um grande atrativo da cidade. Com programação com espetáculos variados, maioria deles com entrada franca.



Referências

1. ALVARENGA, Luís de Melo. Igrejas de São João del-Rei: Minas Gerais/Luís de Melo Alvarenga. Petropolis, RJ: PUC-MG, USCO, 1963. 62,[1]p: il.
2. ALVARENGA, Luís de Melo. Rápido passeio pela cidade colonial mineira de São João del-Rei. Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo. Governo de Minas Gerais. Turminas. Governo Hélio Garcia. Museu Rates Sacras de São João del-Rei. 1984
3. ALVES, Yves J. F. O Batismo da Inconfidência. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei. São João del-Rei, v. 7, 1992. p. 39-47.
4. AQUINO, Almir de Rezende (Padre). Álbum de São João del-Rei.
5. ÁVILA, Affonso. Iniciação ao Barroco Mineiro. Com a colaboração da historiadora Cristina Ávila. São Paulo, Nobel, 1984.
6. BRASILEIRO, Vanessa Borges. São João del Rei: uma proposta alternativa de leitura do patrimônio ambiental. Monografia Final do Curso de Especialização em Urbanismo, Escola de Arquitetura da UFMG, 1995.
7. BRAZIN, Germain. Barroco e Rococó. Trad. Álvaro Cabral, ver. Hildegard Feist. São Paulo, Martins Fontes, 1965.
- DÂNGELO, André Guilherme Dornelles. Francisco de Lima Cerqueira e a arquitetura rococo da Igreja de São Francisco de Assis de São João Del Rei./André Guilherme Dornelles Dângelo. Ouro Preto, MG: UFOP, 1997. 79p: il.
- DÂNGELO, André G. D. Sinos da Quaresma. Estado de minas, 28 de fev. 1998, Caderno Pensar. Belo Horizonte, p. 1-2.
8. Dangelo, Jota. São João del-Rei . Sirva-se do passado e do presente. **Atitude cultural.** Disponível em: <<http://www.saojoaodelreitransparente.com.br/works/view/108>> Acesso em 05 mai. 2010.
9. JARDIM, Márcio. Aleijadinho. Uma Síntese Histórica. Belo Horizonte, Stellarum, 1995.

10. Marco Antônio Nascimento. Secretaria de esporte e lazer. Prefeitura de São João del Rei.

Grupo: Bruno Jorge, Karine Ferreira, Daniel Ferreira, Mateus Sant'Ana, Thiago Detomi

- Identificar os locais onde ocorre a prática de esportes na natureza

Trilha das águas (caminho para se chegar á serra de Tiradentes)

A Trilha das águas constitui-se de uma calçada, a qual foi construída pelos escravos por volta de 1850, para escavação de ouro, este era levado para as fazendas mais próximas. Seguindo este caminho, há também uma muralha em formato de “S”, que foi construída pedra sobre pedra, também feita pelos escravos, com intuito de dividir as terras entre os donos. Nesta trilha há o arquieduto, que servia para lavagem de ouro.

Na trilha dos escravos, perto de Tiradentes, por volta de 1880-1890, esta trilha facilitava a decida do ouro e também para passagem de animais de grande porte. Nesta trilha, conta-se a seguinte lenda: na época da Inconfidência Mineira um mensageiro contendo uma mensagem de suma importância que saindo de São João Del- Rei para Resende Costa,, no meio do caminho arrumaram uma emboscada, mataram- o e destruíram a mensagem. “Esta lenda ficou conhecida como ‘a cruz do carteiro’”, que hoje é representada por uma cruz existente na trilha. Conta-se a lenda que para aliviar a alma dele (mensageiro), quem passa por lá joga-se uma pedra.

Antes de chegar em Tiradentes, há a Cachoeira da Coca- cola, é dado esse nome devido a cor da água. Há a beleza de lagos para nadar, além das belezas naturais.

O público que costuma freqüentar a Trilha das Águas são os turistas que gostam de caminhadas ecológicas, escolas (para passeio), ciclistas (para trilha), e aventureiros.

É uma trilha acessível a todas as pessoas, não representa perigo, é um lugar conservado, principalmente por fazer parte da história, e também pela beleza natural.









Mirante de São João Del rei (saída do bairro Tejuco)

É um lugar alto, que proporciona uma ampla vista de São João Del Rei e as formações rochosas. O público que mais frequenta são os ciclistas e motoqueiros (trilha).

É um lugar de difícil acesso por representar perigo.





Fazenda do Pombal

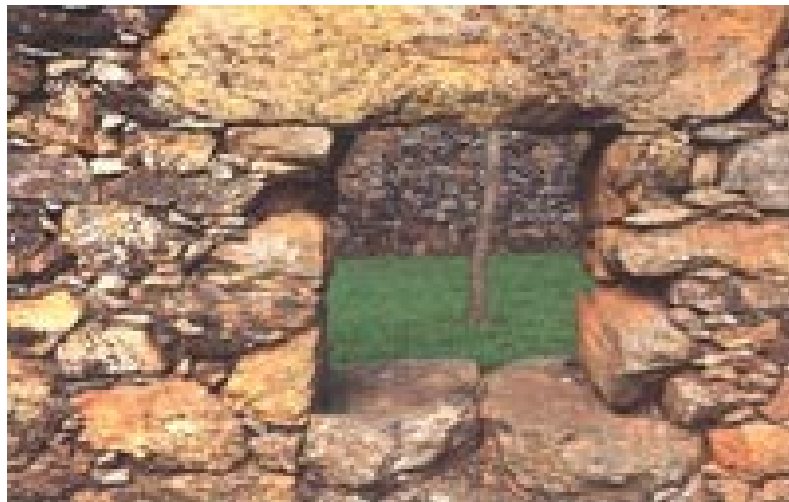
Antiga moradia de Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), lá só se encontram as ruínas da fazenda. Percorrendo este caminho encontra-se a Ferrovia do Aço da MRS (Transporte de minério para os estados de MG, RJ, SP), e também chega-se ao distrito do Rio das Mortes, onde ocorreu a guerra dos Emboabas.

A Fazenda do Pombal fica localizada BR-494. Para chegar lá, pega-se a estrada para Ritópolis, anda cinco quilômetros, entra à direita em estrada não pavimentada e anda mais quatro quilômetros.

O público que frequenta são os turistas, ciclistas e os próprios residentes das cidades vizinhas.

É um lugar de fácil acesso, ainda conservado devido a sua importância histórica.





Casa da Pedra

A Casa da Pedra é um conjunto de formações rochosas simula surpreendentes cavernas, galerias e salões, que se assemelham ao interior de uma construção antiga. A pequena abertura convida para um passeio instigante. Atrás desta formação rochosa, surgem outras com amplos salões e galerias. Lado a lado, os rochedos vão formando salões de pedra a céu descoberto. Outros espaços desenham recortes de luz e sombra, revelando formas e cores surpreendentes.

O público alvo são turistas e jovens aventureiros. É um lugar de fácil acesso, entretanto um pouco perigoso, devido a existência de bichos no local, buracos e a escuridão presente no local.



Serra do Lenheiro (na saída bairro Tejuco)

O 11º Batalhão de Infantaria de Montanha de São João Del- Rei realiza seus treinamentos na Serra do Lenheiro. Nas pedras encontram-se também pinturas rupestres feitas pelos nômades, há cerca de 45 mil anos atrás.

Segundo a lenda, a escultura do rosto feminino existente em uma pedra na Serra do Lenheiro, diz respeito a uma linda mulher a qual era filha do dono da fazenda existente no local.

Certa ocasião, durante o período da escravidão, um escravo se apaixonou por esta linda mulher, como este romance seria impossível de se realizar, este escravo apaixonado esculpiu o rosto desta jovem e após esta homenagem se suicidou. Dando origem a mais uma lenda da Serra do Lenheiro de São João Del- Rei.

O público que frequenta a Serra é o exército, aventureiros, turistas e escolas (passeio). É um lugar de fácil acesso.



Cachoeira do 14 e dos Moinhos

Fica sentido ao morro Grande, com lindas cachoeiras, onde dá para ir andando e levar a família para se passar a tarde e fazer piqueniques.

Público que frequenta são aventureiros, ciclistas e turistas.



Grupo: Iara Nicolau, Gabriella, Juliana, Jáder, Flávia.

- **Inverno Cultural: história e acontecimento do evento este ano**



O **Inverno Cultural** é um festival de arte e cultura promovido pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Realizado durante o mês de julho, desde 1988, é o maior programa de extensão da universidade e consolida sua vocação extensionista através de oficinas, exposições, lançamentos de livros, seminários, espetáculos de natureza diversa e shows, compondo um rico repertório e linguagens múltiplas da arte e da cultura. O evento vem se consolidando através da promoção, incentivo e revitalização das várias formas de manifestações artístico-culturais, tornando-se, desde as primeiras edições, referência cultural na região dos Campos das Vertentes.

A cada nova edição do Inverno Cultural, a UFSJ também se afirma como um grande pólo extensionista, promovendo o lançamento e a continuidade de experiências e saberes adquiridos durante a realização do evento, através de suas oficinas, *workshops* e minicursos.

A partir da 18ª edição, em 2005, o Inverno Cultural, mantendo o seu formato original, passou a homenagear personalidades, obras e instituições que contribuíram significativamente para a cultura brasileira. A primeira homenagem ficou marcada pelo tributo a Otto Lara Resende, importante personagem da história são-joanense, bem

como da literatura e do jornalismo brasileiros. Em 2006, foi prestada homenagem a Guimarães Rosa, com ênfase no cinquentenário de publicação de *Grande sertão: veredas*. Em 2007 foi a vez do tributo a *São João del-Rei, Capital Brasileira da Cultura*, título outorgado à cidade pela ONG “Capital Brasileira da Cultura”, com a certificação dos Ministérios da Cultura e do Turismo e também da Unesco. Essa escolha deveu-se à importância de São João del-Rei no cenário nacional, destacando-se sua arquitetura, a música erudita, a literatura, as artes plásticas e o patrimônio acumulado em três séculos de existência, inspirando uma programação rica e variada.

A homenagem a Clara Nunes, realizada na 21ª edição, em 2008, colocou em cena a discussão da idéia de mestiçagem cultural através da música e criou oportunidades para que novas gerações conhecessem e se encantassem com a pluralidade de ritmos, temas e melodias da cantora mineira. Promoveu, também, o fortalecimento do Instituto Clara Nunes, em Caetanópolis, cidade natal da cantora, e a divulgação de projetos de pesquisa e de extensão da UFSJ, sobretudo aqueles que se dedicam aos aspectos da construção de uma história social da música popular brasileira.

Sem perder de vista a necessidade de uma discussão ampla sobre a memória cultural brasileira, a 22ª edição do Inverno Cultural, realizada em julho de 2009, homenageou Grande Otelo. O grande número de oficinas em várias áreas, os espetáculos, concertos, seminários e encontros propiciaram a públicos diferenciados o acesso à educação e aos bens culturais, colocando em evidência o diálogo e a reflexão sobre questões importantes sobre a diversidade cultural brasileira e sobre a perspectiva inclusiva das atividades e eventos culturais.

O 22º Inverno Cultural da UFSJ foi menor que os antecessores em função da crise econômica que ocasionou uma diminuição nos recursos de patrocínio, mas não foi inferior em termos de qualidade e diversidade. O evento foi realizado no período de 11 a 19 de julho, com 09 dias de duração ao invés dos 15 dias habituais. Ocorreram atividades em São João del-Rei e Barroso, com 53 oficinas, que tiveram 733 alunos participantes, 73 eventos e apresentações, além de 4 shows de porte médio. O Roteiro

Gastronômico Cultural contou com 05 estabelecimentos em 2009, abrangendo as cidades de São João, Ritópolis e Entre Rios, e o distrito de Vitoriano Veloso (Bichinho). O Festival de Bandas abriu espaço para 06 grupos musicais de São João del-Rei, Belo Horizonte e Lavras. Tivemos, ainda, 10 eventos associados ao Inverno Cultural.

A grande inovação do evento foi a realização de shows e do Festival de Bandas em praça pública, num palco armado na Avenida Presidente Tancredo Neves, em frente ao Teatro Municipal de São João del-Rei, centro da cidade. Quatro shows se destacaram. O primeiro deles apresentou Mart`nália, na abertura do evento, o segundo, Vanessa da Mata; o terceiro deles contou com Hermeto Paschoal e Aline Morena. O último deles, encerrando o Inverno Cultural, foi realizado pelo multiartista Maurício Tizumba. Os shows em praça pública, sem a cobrança de ingressos, permitiram o acesso de todas as camadas da população da cidade e região e permitiram uma grande integração entre artistas e público.

Os bons resultados e a repercussão do evento podem ser confirmados pelo envolvimento e mobilização da população da cidade e região, pela grande utilização das vagas na rede hoteleira e nos restaurantes, pela presença maciça de público em todos os eventos e pela boa acolhida da imprensa e dos meios de comunicação em geral.

A homenagem a Grande Otelo, artista múltiplo, trouxe para a cena a discussão sobre as idéias de diversidade cultural e inclusão cultural. Criou oportunidades para que novas gerações conhecessem e se encantassem com o trabalho incansável deste grande batalhador pela cultura e arte brasileiras.

Ao investir em um festival de arte e cultura durante 22 anos ininterruptos, a UFSJ acredita estar cumprindo o papel social da universidade pública brasileira: a constante formação e renovação de pessoas, grupos artísticos e agentes culturais da cidade e da região, garantindo e ampliando o acesso à educação, à cultura e à cidadania. Dessa forma, o Inverno Cultural se afirma como espaço multiplicador no qual surgem, a cada ano, iniciativas culturais e educacionais que ganham existência própria e passam a ter atuação decisiva na cena cultural da região. Assim, podemos nos orgulhar de contar, a cada nova edição do festival, com a participação de agentes também formados em nossas oficinas.

A promoção de um evento de tal magnitude só tem sido possível graças às alianças estabelecidas entre instituições e empresas locais, regionais e nacionais que compreendem a importância do investimento no campo cultural. As ações de parceria têm se expandido de modo cada vez mais profissional e organizado. Exemplo de ação integradora foi a realização de atividades em parceria com os municípios dos circuitos

Trilhas dos Inconfidentes e Villas e Fazendas de Minas e, ainda, o Roteiro Gastronômico e Cultural, em parceria com a Associação Comercial e Industrial de São João del-Rei.

Ao organizar e preparar o 23º Inverno Cultural o festival volta a seu antigo formato, com duas semanas de duração. A ampliação do período é, segundo o reitor, uma indicação do otimismo que paira sobre a organização do evento. Depois de sofrer os efeitos da crise de 2008, que reduziu no ano passado o número de oficinas e eventos em razão do patrocínio, o Inverno Cultural espera captar mais recursos. “Ainda estamos em processo de captação do patrocínio, mas esperamos contar com mais apoio das empresas parceiras”, disse o reitor. Com mais recursos, conseqüentemente a programação será mais rica em atrações para o público. A primeira atração foi anunciada: a vinda do cantor, poeta e performer Arnaldo Antunes. Ex-líder dos Titãs e um dos mais inovadores artistas da MPB, Antunes participa com um show e uma palestra. O show será no dia 30 de julho. Repetindo uma experiência que deu muito certo no ano passado, todos os grandes shows com artistas da MPB no 23º Inverno Cultural serão realizados na Avenida Tancredo Neves, próximo à Caixa Econômica Federal. Os shows vão continuar em praça pública, democratizando o acesso das pessoas das mais diferentes classes sociais. Tudo gratuito, inclusive shows e apresentações de menor público, realizados em recintos fechados.

Oficinas

O público de todas as idades terá 69 opções de oficinas. São 20 na área de música, 10 em artes cênicas, oito em arte-educação, seis em artes plásticas, sete em artes visuais, cinco de literatura e 13 na área de projetos especiais. A data das inscrições ainda não está fechada, devendo ocorrer nos primeiros dias do evento. A Pró-reitoria de Extensão (Proex), realizadora do evento, optou por incluir novos professores como coordenadores de áreas. Em outra frente de trabalho, a equipe de produção deste ano conta com mais profissionais da cidade

Aniversário

Ao lado do presidente da Fundação de Apoio à UFSJ (Fauf), Jucélio Sales, e da analista de Relações Institucionais e Responsabilidade Social da Gerda-Açominas,

empresa Patrocinadora Top do Inverno Cultural, Izabela Garcia de Mello, o reitor Helvécio destacou que o festival reflete o “momento especial” vivido pela UFSJ. “Acabamos de completar 23 anos e a sensação que temos é de que foi pouco tempo pelo muito que se fez”, declarou. Definindo o Inverno Cultural como o “mais antigo e vigoroso” programa de extensão da UFSJ, o reitor disse que o apoio dos patrocinadores é a prova da seriedade e competência com a qual a Universidade trata do evento. Durante a coletiva, foi apresentada a programação visual do festival, criada pelas publicitárias Olívia Lombardi e Priscila Gaio, que criaram uma leitura gráfica da sobreposição de ondas, presente na propagação dos sons e nas montanhas das Vertentes.

Grupo: Arthur Dias Davis, Johnny Felipe Cruz, Márcio Felipe Ramos, Miguel Caputo, Rafael Bernardo

POLÍTICA SOCIAL DE ESPORTE E LAZER:
Os espaços públicos da cidade de São João del Rei.

Renato Sampaio Sadi

Introdução

A política de esporte e lazer de municípios no Brasil, quando existente, convive com uma cultura política do tipo paternalista e assistencialista, geralmente pouco conhecedora de determinantes sócio-econômicos e de recursos inteligentes para a definição de metas e programas. Os gestores, esportistas, atletas, técnicos, professores e pessoas em geral que praticam (e vivenciam o mundo do esporte e lazer) constituem, predominantemente, um povo ainda refém das elites, dos governantes conservadores e dos aparatos burocráticos da máquina do Estado.

Neste quadro, ao recortar da história o recente período de governo do presidente Lula (2003-2010), o Ministério do Esporte, se apresentou como um pilar de políticas propositivas, favorecendo atividades desenvolvimentistas, obtendo resultados iniciais satisfatórios e apontando perspectivas de reordenação de prioridades.

A partir do direcionamento político do governo federal no tratamento com o esporte e o lazer, muitos dos municípios brasileiros tiveram a oportunidade de avançar na construção de suas plataformas políticas para o setor. A luta por recursos e por poder foi acompanhada pelas contradições inerentes entre trabalho e tempo disponível bem como entre possibilidades criativas e espaços existentes.

É possível afirmar que o Estado Brasileiro investiu, na área do esporte, nos últimos oito anos (2003-2010) muito mais do que historicamente vinha fazendo. Segundo o Ministro Orlando Silva, houve

uma “evolução da consciência pública quanto aos investimentos necessários para o esporte brasileiro, que pulou de 370 milhões anuais em 2003 para mais de 2 bilhões e 200 milhões de reais em 2011.” Entretanto, cabe salientar que a direção dos investimentos foi prioritária no campo do esporte de rendimento em prejuízo do esporte educacional e de lazer.

Os gastos do Ministério do Esporte e dos outros ministérios em esporte de rendimento totalizaram 81% e menos de 8% para as manifestações de esporte educacional e participação (...) A realização do Rio-2007 se manteve como o maior investimento do governo federal no somatório do período (2004-2008), chegando ao valor de R\$ 975 milhões (...) Os dados demonstram que o esporte de rendimento é prioritário no recebimento de recursos pelo poder público federal. (ALMEIDA & MARCHI JUNIOR, 2010)

Investir e gerir recursos públicos é um desafio para os governantes. Esta conjugação envolve planejamento, controle, avaliação, direção e vontade política.

Em São João Del Rei-MG a inexistência de atitude política a favor do esporte e lazer evidencia o caos instalado e a falta de rumos entre os gestores, incluindo também a apatia da população, vítima e órfã do poder público municipal.

Neste texto buscamos situar os condicionantes teóricos e conjunturais com as atitudes progressistas ao redor da política social. Do geral para o específico, apresentamos uma discussão sobre a categoria trabalho no sentido de evidenciar complexidades e demonstrar o quão longe estamos do esporte e do lazer como direitos sociais efetivamente cumpridos. Completando a análise, esboçamos uma crítica à política de ocupação dos espaços públicos da cidade de São João del Rei, observando como o esporte e o lazer se situam como reféns da política social, empobrecendo as oportunidades de práticas saudáveis e limitando o acesso a novos produtos e processos do mundo do esporte e lazer.

1 – Aspectos da categoria trabalho como determinante da política social de esporte e lazer.

Ao discutirmos o projeto cujo título inicial era “As práticas de lazer na cidade de São João del- Rei: uma análise dos espaços públicos de lazer oferecidos aos munícipes pelo poder público”, construímos uma reflexão sobre os determinantes da política social do esporte e lazer, que em nossa compreensão estão situados ao redor da categoria trabalho. Entendendo que o trabalho é uma condição natural e eterna do homem em sociedade, formulamos um quadro teórico-metodológico para a explicação das principais questões abordadas no projeto.

A compreensão do trabalho nas diferentes etapas cronológicas desde a manufatura passando pelo taylorismo/fordismo até as formas toyotistas permitiram que nosso quadro fosse delineado com base na ideia de que as transformações não significaram ruptura com o caráter capitalista do modo de produção e com seu complexo plano ideológico de controle da subjetividade do trabalhador. A defesa do sentido individualista, o aumento do desemprego, a intensificação e a precarização do trabalho, são marcas da sociedade contemporânea (cf. NAVARRO & PADILHA, 2007).

Nosso quadro teórico-metodológico, ancorado nas bases da totalidade social e completado pelos determinantes ideo-políticos de conjuntura e dos traços particulares da política brasileira permitiu visualizar o mundo da política social de esporte e lazer e, dentro deste mundo, os espaços públicos da cidade de São João Del Rei. Destacamos assim, os fundamentos do trabalho como uma essência conceitual que permite interpretar o lazer e especialmente, a política social do setor.

Quais são, portanto, os fundamentos específicos para nossa discussão? O tempo de trabalho divide a compreensão do trabalho em dois blocos. O primeiro que defende uma maior produtividade em menor tempo e o segundo que concebe o trabalho para além da dimensão produtiva e consumista.

Para o pensamento *taylorista/fordista* há que se induzir três elementos no processo de trabalho: intensificação, economia e produtividade. A intensificação tem o intuito de diminuir o tempo de produção; a economia reduz o volume do estoque da matéria-prima a ser transformada e a produtividade visa aumentar a capacidade de produção do homem em um determinado período. O *taylorismo/fordismo* como um sistema de produção em massa significou não só a padronização do produto, mas também um consumo em massa, que por sua vez teve implicações em outras esferas da vida social. Tanto a forma de produção fordista como o chamado americanismo foram particularidades da América do Norte. O americanismo, um composto ideológico e cultural, necessário para constituição do modo de vida de um tipo específico de trabalhador, em outras palavras, uma condição básica para que houvesse o desenvolvimento fordista de produção e vice e versa.

Antônio Gramsci ilustra a relação do americanismo com o fordismo observando conceitos de produção, educação, quantidade e qualidade. Para o autor, é necessário trazer a metodologia marxiana e marxista à luz do enfrentamento do modo capitalista de produção e, portanto, à luz da atividade humana.

A qualidade deveria ser atribuída aos homens e não às coisas: e a qualidade humana eleva-se e se refina na medida em que o homem satisfaz um número maior de necessidades e, portanto, torna-se independente delas. O alto preço do pão, devido ao fato de se pretender manter um número maior de pessoas ligado a uma determinada atividade, leva à desnutrição. A política da qualidade determina quase sempre seu oposto: uma quantidade desqualificada (GRAMSCI, 2001, p. 261)

Ao pontuar as contradições inerentes ao modo capitalista de produção, o autor sugere que o termo qualidade não é racional, ou seja, tudo o que for reprodutível passa a ser pensado no domínio quantitativo,

podendo ser fabricado em série. Esta lógica permite verificar os desníveis da produção ofertada, de um lado, produtos “caros” que são dificilmente acessados pela grande população, de outro, artigos, peças, mantimentos e produtos considerados básicos e “baratos”, normalmente destinados à reprodução social. Permite também observar o universo dos impostos e tributos praticados pelas prefeituras e trocados por políticas sociais, isto é serviços sociais que são programas públicos, entre vários, os de esporte e lazer para crianças, jovens, adultos, idosos e pessoas com necessidades especiais.

Quando compreendemos que a economia se processa a partir dos resultados do trabalho, o que implica em uma percepção da totalidade da forma capitalista de produção e circulação, podemos desenhar as perspectivas para a aplicação de recursos da política social. Este universo ilusório, de simples constatação é apenas circular: envolve o pensamento do trabalho como fonte da política social.

O trabalho, no mundo inteiro tem sido debatido a partir de noções concretas e abstratas, necessárias ou não aos condicionantes do capital. O pressuposto marxiano de que o trabalho é necessidade natural e eterna para os indivíduos em quaisquer forma de humanidade situa a lógica de compreendê-lo como criador de valores de uso, ou seja, um trabalho que faz o vínculo material entre o homem e a natureza no sentido, de produzir e reproduzir a vida humana deve ser revelador de uma melhora na condição geral da população. Nesta concepção, uma volta à configuração filosófica do jovem Marx, ilustra peculiaridades e sentidos do trabalho apontando caminhos inovadores. A passagem sobre o estranhamento e a externalidade do trabalho nos Manuscritos Econômico-Filosóficos ilustra como a concepção classista, ainda viva, pode dar sentido às discussões sobre o esporte e o lazer.

O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte, máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador (...) o trabalho é externo ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, não se sente bem, mas infeliz, não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si quando fora do trabalho e fora de si quando no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O seu trabalho não é por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza evidencia-se de forma tão pura que, tão logo inexista coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto-sacrifício, de mortificação. Finalmente, a externalidade do trabalho aparece para o trabalhador como se o seu trabalho não fosse seu próprio, mas de um outro, como se o trabalho não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro. (MARX, 2004)

O trabalho produz valor, valoriza a economia e desvaloriza o trabalhador. O trabalho produz recursos para o Estado, para o desenvolvimento de políticas sociais. Resultante de impostos e taxas, as políticas sociais de esporte e lazer dependem, portanto, da circulação de trabalho, de excedentes do trabalho, isto é, da circulação de mercadorias. Ocorre que esta lógica está a serviço dos ricos, do Estado burguês, quase nunca disponível aos trabalhadores. Isso implica, muitas vezes, no abandono dos espaços de esporte e lazer, na falta de política para manifestações corporais e de atividades físicas, implica, portanto, na não continuidade de trabalho e de trabalhadores empregados.

Exemplificando a situação acima, vamos supor que um espaço de convivência esportiva e de lazer fosse construído no município.

Trabalhadores seriam empregados por certo período, desempregados após o fim das obras. Os usuários deste espaço viveriam na dependência de atualização da política social existente, conforme o grupo político no poder, caso contrário, o espaço construído estaria sujeito ao abandono.

A partir dos determinantes da economia política, das discussões sobre o trabalho e as condições de vida em São João del Rei, resgatamos as reflexões sobre o valor e a (des)valorização do mundo dos homens e das coisas. Entendemos que a consciência crítica e o debate democrático devem fortalecer a ideia de que as políticas sociais específicas para o esporte e para o lazer dependem dos valores em uso.

Um bem possui dois tipos de valores: valor de uso e valor de troca. O valor de uso é medido pelo trabalho concreto, esse, dependente da habilidade e mão de obra humana, e a utilidade de uma mercadoria geram a ela um valor de uso, por exemplo, um casaco aquece, o arroz alimenta etc. Já o valor de troca está associado à quantidade de tempo que o trabalhador gasta para produzir uma mercadoria, facilitando a troca dos bens produzidos por outras mercadorias para uso, ou até mesmo por dinheiro. Sendo assim, o valor era determinado no âmbito da produção e não da circulação. Cada mercadoria possui seu próprio valor de uso, mas todas foram produzidas a partir do uso da força de trabalho, podendo afirmar então que o valor de uso tem uma relação qualitativa, enquanto o valor de troca é quantitativo.

Nesse sentido o trabalho é uma categoria de amplas possibilidades humanas, que, no interior do capitalismo, e da ordem do capital tem sua espinha dorsal quebrada pela lógica da mercadoria (sociedade do consumo). Entretanto, as energias do capitalismo são orientadas para o crescimento. Uma taxa equilibrada de crescimento é essencial para a saúde do sistema econômico capitalista, visto que só por meio do crescimento, os lucros podem ser garantidos e a acumulação do capital, sustentada. Isso

implica que o capitalismo tem de se preparar para uma expansão do produto e para um crescimento em valores reais, não se importando com as conseqüências sociais, políticas, geopolíticas ou ecológicas. (cf. HARVEY, 2003)

Nos dias atuais aqueles que estão pautados pela perspectiva de um projeto de classe irão ter como referência, de um lado uma luta das classes que vivem do trabalho e, de outro, uma luta das classes que se aproveitam do trabalho. Estamos, portanto dentro do coração político desencadeado pela separação (esquerda e direita) que delimita campos e apresenta a possibilidade de mapear as ideologias, as práticas, as intenções e os projetos.

Sabendo que em São João del Rei a esquerda nunca chegou ao poder, a política social certamente ficou restrita aos ditames e privilégios de poucos. Provavelmente seguiu a orientação histórica da ordem burguesa: antes de 1964, um controle da política, nos anos de chumbo, uma política do controle e na época da redemocratização, uma política social sem direitos sociais. (cf. VIEIRA, 1994)

Frente a tal processo contraditório que se ramifica nos determinantes do trabalho e também se entrelaça com os determinantes conjunturais da chamada acumulação flexível, destacamos o desenvolvimento do capitalismo e as recentes ondas de globalização neoliberal que impactaram a política social, tornando-a aparentemente democrática e desenvolvimentista.

A tendência de crise capitalista é uma problemática interminável e constante deste modo de produção. Para driblar tais circunstâncias, os capitalistas experimentam formas de contenção, absorção e administração da ordem social de maneira que o poder não seja ameaçado. Experimentam também, formas de administrar a política social, ora com mecanismos de incentivo e desenvolvimento, ora com supressão de direitos. Algumas

escolhas são conduzidas para fazer frente à crise instalada. São elas: a desvalorização de mercadorias; de capacidade produtiva; do valor do dinheiro e da força de trabalho; o controle macroeconômico de regulação e o deslocamento temporal (cf. HARVEY, p. 163)

Nesse sentido, a crise do fordismo ocorreu em razão da rigidez do sistema em absorver as demandas geradas pelo capital, intensificando-se nos anos 70 com as altas taxas do petróleo. A partir daí, a busca incessante pelo lucro permaneceu, mas as formas de obtê-lo transformam a organização industrial em um sistema de acumulação flexível. Após os anos 80, a classe trabalhadora foi atingida duramente em sua subjetividade e em sua materialidade, com as frustradas tentativas de transição para o socialismo. Sendo assim, houve uma diminuição do número efetivo de operários nas fábricas e um decréscimo de participação sindical. Admitir que a exploração do trabalho não é mais o lócus central do lucro capitalista é adotar uma visão fragmentada de mundo, de discursos desconexos, que não favorecem a mudança.

A acumulação flexível é marcada por esse confronto direto com a rigidez do fordismo, se apoiando na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo aparecimento dos setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados, sobretudo, taxas altamente intensificadas e inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões de desenvolvimento desigual, tanto entre setores como em regiões geográficas, criando por exemplo um vasto movimento no emprego chamado setor de serviços bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (Ibidem, 138)

Esse modelo é composto por um núcleo dinâmico, constituído pela empresa flexível e integrada. A empresa flexível e integrada é caracterizada por um setor produtivo e um setor financeiro. Hoje, mais do que garantir a sua produção e o seu mercado, a empresa precisa apresentar lucratividade para o seu quadro de acionistas. As

ações de mercados são pensadas em nível mundial em função da globalização neoliberal. Tal flexibilidade implica na fragmentação do trabalho e na perda de sua unidade. Conter a crise, portanto, implica em uma equação que contemple o tempo de trabalho, normalmente expresso pela jornada de trabalho, sua regulação e regulamentação. Em outras palavras, um tema crucial para capitalistas e trabalhadores na definição de seus projetos.

A redução da jornada de trabalho (em horas e/ou dias) é uma plataforma histórica que, desde o advento do capitalismo, tem sido objeto de debate com diferentes focos. Podem ser incluídos os temas relativos à estratégia de desenvolvimento, ao desemprego estrutural, ao tempo de trabalho e não trabalho e ao tempo de vida. Dominar o tempo e a organização do trabalho implica em estabelecer prioridades que são pontos estratégicos para uma articulação na luta pela redução da jornada (e/ou do tempo do trabalho). Discutir a redução da jornada não implica necessariamente na redução do tempo de trabalho. Isso porque pode haver uma intensidade no interior do tempo de trabalho. Quando pensamos nas sociedades da era moderna, o tempo exerce, de fora para dentro, sob a forma de relógios, calendários e outras tabelas de horários, uma coerção para disciplinar as pessoas. Embora o tempo possa ser domesticado, a condição fundamental, isto é o primeiro passo para o desenvolvimento humano é a redução da jornada de trabalho.

Em um mundo marcado por elevadas concentrações de renda e amplas capacidades produtivas a jornada de trabalho (e, conseqüentemente, o tempo de trabalho) poderia ser radicalmente reduzida. Para os nossos propósitos, o que isso significa? Lutar pelo emprego? Lutar por direitos sociais? Lutar por tempo de lazer? Respondemos a tais questões de forma afirmativa compreendendo a complexidade presente nas inúmeras linhas e entrelinhas desta temática. Entretanto, ao decodificar os elementos da categoria trabalho nos atuais tempos brasileiros concluímos pela necessidade de *posturas políticas pró-ativas* que sejam flexíveis e inteligentes no trato com os diversos segmentos da sociedade. Dentro do mundo da mercadoria, do dinheiro, e, portanto, da ambição, a idéia de negócio (negar o ócio, pois o ócio é repugnante) assume traços individualistas no mercado, isto é, assume características do liberalismo e neoliberalismo. Por outro lado assume um viés negativo fazendo com que o trabalho seja visto como compensação para quem se esforçou e o lazer, “coisa de vagabundo”.

Esta lógica reproduzida de geração em geração pode ser observada na discussão sobre o tempo de trabalho como tempo das necessidades. O tempo de trabalho vem em primeiro lugar, ou seja, é o tempo das obrigações, das realizações produtivas. O tempo de lazer como um tempo de usufruto da não necessidade é um tempo da vida humana que, nesta configuração se torna um tempo secundário. Nesse sentido a ruptura entre liberdade, necessidade, trabalho produtivo, trabalho improdutivo, mercadoria e lazer engendram uma lógica destrutiva por parte do capital, ou seja, a lógica da não realização de uma vida cheia de sentido e de plenitude humana. Como não é possível escolher entre trabalhar ou não trabalhar o estranhamento e a degradação do trabalho prevalecem. Perguntamos assim sobre a existência do lazer para as classes que vivem do trabalho. O lazer realmente existe para tais pessoas? Considerando a média de 40/44 horas semanais de jornada de trabalho, incluindo horas adicionais para alimentação, repouso, condições higiênicas, acesso a informações e formalidades, qual o tempo que resta para o hipotético lazer? Respondemos, portanto, que o lazer inexistente para aquelas classes que são obrigadas a cotidianamente vender a sua força de trabalho. Nesse sentido o tempo não pode ser considerado livre, pois há poucas chances de escolha, sendo tais escolhas quase sempre parametradas pelas necessidades de reposição de energias a serviço de mais produtividade. Retiramos de Adorno a teoria do tédio dentro do hipotético *tempo livre*. Em primeiro lugar, o que é o tédio? Falta estímulo e coragem para a vida. Faltam elementos de compreensão para determinados significados do trabalho. Faltam condimentos de vontade de viver. Tais circunstâncias ocorrem em função do trabalho repetitivo e estranhado que é imposto ao ser social durante muitos anos de sua longa trajetória. Sentir-se entediado significa, pois, reconhecer o vazio e ocupar-se de um movimento depressivo que atinge profundidades quase sempre desagradáveis.

O tédio existe em função da vida sob a coação do trabalho e sob a rigorosa divisão do trabalho. Não teria que existir. Sempre que a conduta no tempo livre é verdadeiramente autônoma, determinada pelas próprias pessoas enquanto seres livres é difícil que se instale o tédio; tampouco ali onde eles perseguem seu anseio de felicidade ou onde sua atividade no tempo livre é racional em si mesma (...) Se as pessoas pudessem decidir sobre si mesmas e sobre suas vidas, se não estivessem encerradas no sempre-igual, então não se entediariam. (ADORNO, 1995)

De fato, as pessoas não podem decidir sobre si mesmas nos marcos de uma sociedade baseada na elevação do valor de troca sobre o valor de uso. O tédio pode ser combatido apenas momentaneamente. Trata-se de um combate contínuo e permanente, mas sempre com o limite dado pelas relações dominantes do capital. Entram como combates paralelos, as inúmeras substâncias antidepressivas e as terapias que suavizam e minimizam as dores. Sob as condições vigentes, a saúde, subtraída do trabalho, permanece em frangalhos. Em outras palavras, não é exagero dizer que as pessoas convivem com elevadas doses de doença emocional, muitas delas que se ramificam em tragédias e atrofias da sensibilidade.

Tédio é o reflexo do cinza objetivo. Ocorre com ele algo semelhante ao que se dá com a apatia política. A razão mais importante para esta última é o sentimento, de nenhum modo injustificado das massas, de que com a margem de participação na política que lhes é reservada pela sociedade, pouco podem mudar em sua existência, bem como, talvez, em todos os sistemas da terra atualmente. O nexos entre a política e os seus próprios interesses lhes é opaco, por isso recuam diante da atividade política. Em íntima relação com o tédio, está o sentimento, justificado ou neurótico, de impotência: tédio é o desespero objetivo. Mas, ao mesmo tempo, também a expressão de deformações que a constituição global que a sociedade produz nas pessoas (op.cit, p.76).

Tédio e impotência se somam. A velocidade do mundo virtual nos faz entediados. A capacidade de enfrentamento, que está dentro das nossas energias, se enfraquece diante do desespero objetivo de vencer, chegar primeiro, conquistar poder, subir na vida. O tédio e a impotência se manifestam como um câncer, de um lado, minando o aqui e o agora, de outro subtraindo da tolerância, as últimas esperanças de mudança.

Ao redor do mundo, a juventude foi responsável, em grande medida pela contestação do *status quo*, isto é, pelas rebeliões de consciências que não se conformavam (e continuam não se conformando) com a opressão do

sistema. Logo, o processo de humanização, de democratização, de construção de cidadania, de educação espiralada e de conscientização dos homens e mulheres que se encontram desumanizados no interior do capitalismo, conseguiu obter vitórias sucessivas sem, contudo vencer a esperança juvenil que se recicla dentro dos corações humanos.

Os limites da participação política contidos em estreitas possibilidades de voz e voto configuraram o espaço democrático instalado no Brasil após a ditadura militar de 1964, ou seja, o processo de redemocratização. Esta democracia burguesa está dada pelo desenho da luta de classes que, por sua vez, é um espelho das necessidades e desejos das massas trabalhadoras. Ocorre que diante do poder econômico, muitas vezes opressivo e repressivo, o contra-ataque das massas trabalhadoras não alcança êxito em função do tédio instalado. Trata-se de um ciclo que pode ser alterado por perspectivas populares que constroem lideranças responsáveis, por novos rumos, novos deslocamentos. Isto significa, que o recente processo histórico político em torno do presidente Lula foi marcado por esta engrenagem que uniu massas populares, intelectuais, mudanças e construção de novas perspectivas. Por outro lado é necessário registrar que ilusões e deformações foram engendradas e, projetos de longo fôlego, abandonados. Entre acertos e erros, avanços e recuos, sentidos positivos e contradições o governo Lula significou melhorias concretas para expressivos setores da população.

A partir de tais considerações entendemos que o lado representado pela burguesia neoliberal e o lado no qual se alinham os setores progressistas e de esquerda estão em flagrante oposição. São projetos distintos desde os eixos político, econômico, social e cultural até as questões mais particulares do indivíduo. Porém, devemos nos perguntar em que medida, ambas as tendências político-ideológicas defendem a redução da jornada de trabalho, pois parece haver um consenso de que, no mundo

globalizado, o trabalho desgastante tem conseqüências nefastas para o tecido social.

Para que possamos fugir dos discursos abstratos torna-se necessário compreender a redução da jornada de trabalho em íntima relação com o tempo de trabalho e, para aquilo que nos interessa compreender tais questões na relação com a política social de esporte e lazer. Assim, quando for possível diminuir a jornada de trabalho, será possível o aumento do tempo de lazer. Evidente que, para isso, se faz necessária, uma política social de lazer conduzida por um governo popular.

No início do primeiro governo do presidente Lula, o conjunto de centrais sindicais articularam uma campanha unificada para ampliar a oferta de emprego e, ao mesmo tempo, reduzir a jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais com eliminação de horas extras e banco de horas. As negociações coletivas e os enfrentamentos sindicais ao redor desta temática revelaram que houve uma intensificação e ampliação do tempo de trabalho, bem como redução dos direitos e das garantias legais. No que se refere às horas extras, foram raríssimos os casos em que houve disposição em limitar a prática de horas extras. Entretanto, não houve nenhum caso de limitação efetiva ou proibição das horas extras (cf. DIEESE, 2010).

Os significados da discussão sobre a redução da jornada de trabalho indicam que os trabalhadores, antes de lutar por tempo de lazer, lutam por aumentos salariais, melhores condições de trabalho, ainda que para isso seja necessário intensificar esforços adicionais no trabalho. Por exemplo, categorias profissionais que obtiveram conquistas via hora extra, carreira e/ou outros benefícios de salário indireto, como linhas de crédito exclusivas, auxílios e ajudas de custos, passaram a identificar no trabalho a única via de realização da vida. Mais trabalho em uma sociedade que tem se tornado mais competitiva pode levar os indivíduos ao estresse do trabalho, condicionando-os à lógica da produtividade intensa, lógica esta,

muito mais vantajosa aos interesses do capital. Neste sentido a luta por uma redução da jornada de trabalho não está conectada à luta por um aumento no tempo de lazer. Perguntamos portanto: qual é o sentido de se planejar uma política social de lazer envolvendo amplos segmentos da sociedade? Temos como hipótese que tal planejamento já está fracassado se não forem observadas as condições de vida e trabalho das diversas camadas e inúmeras categorias profissionais que serão os usuários do sistema. Trata-se de um tema que requer não mais a definição de programas e projetos federais, mas na contramão desta ideia, ações desencadeadas pela sociedade civil de entes cooperados, incluindo ações de municípios e comunidades para que todos possam efetivamente discutir os seus interesses.

2 - Crítica à política de ocupação dos espaços públicos da cidade de São João del Rei: o esporte e o lazer como reféns da política social.

Quem é refém de quem? O esporte e o lazer são reféns da política social ou a política social é refém do sistema? Sem subterfúgios, respondemos que ambos são reféns de um fazer político que privilegia tudo, menos o homem. Produto do metabolismo social, o sujeito urbano dos dias atuais não consegue romper as contradições do mundo do trabalho, situando-se entre o tédio do trabalho e o mundo idealizado do lazer consumista. Dentro desta esfera que espreme o ser social em tempos sufocados, os espaços públicos se apresentam como partes isoladas e fragmentadas da vida na cidade.

Em São João del Rei não é diferente. A política de ocupação dos espaços públicos inexistente nas prioridades dos governantes locais. Via de regra, os espaços, construções, comércio, escolas e praças encontram-se desagregados e desarticulados se pensarmos na orientação de um projeto

geral, um plano diretor ou algo do tipo. Apresentamos dois exemplos para ilustrar esta argumentação. O primeiro, referente à Avenida Leite de Castro, espaço utilizado para passagem de pedestres, caminhada, corrida e tráfego de esportistas e ciclistas. O segundo, a praça da Biquinha, um lugar que convive com um intenso fluxo de veículos ao seu redor. Em ambos os exemplos, a prática do esporte e lazer estão prejudicados. São locais inviáveis, utilizados pelos cidadãos por falta de outros. Possíveis acidentes podem ocorrer, pois não foram locais construídos com um adequado planejamento. Além disso, há falta de segurança e nenhum tipo de incentivo à projetos e programas, por parte da prefeitura. Assim, o esporte e o lazer são vistos como questão menor, ou seja, como um tipo de pobreza política.

Como estratégia metodológica para o enfrentamento desta temática, utilizamos a ferramenta crítica como crítica da crítica, ou seja, entendendo que não basta apenas uma crítica, ainda que fundamentada e coerente, nos dispomos a apresentar uma crítica propositiva, que possa romper com os ditames críticos. Tal estratégia metodológica se justifica em função da crítica aos espaços públicos da cidade de São João del Rei se constituir como algo muito simplório e, até mesmo, muito óbvio para qualquer cidadão que reconheça na cidade a falta de investimentos do poder público municipal.

Nesse sentido desvelar questões como forma de educação (conscientização) ideológica resolve apenas uma parte do problema. Para quem se contrapõe aos fundamentos desta engrenagem, que envolve aspectos filosóficos, históricos, políticos e sociais, torna-se necessário compreender o conteúdo e, rapidamente, intervir nele, desconstruir as ilusões fabricadas pela mídia esportiva e pelo senso comum, verificar possíveis caminhos alternativos dos espaços da cidade e apresentar perspectivas aos gestores e agentes do esporte e lazer. Em outras palavras, muito embora seja produtiva a denúncia da falta de espaços e apoios, os resultados deste tipo de empreitada não resolvem problemas práticos, tampouco transformam as estruturas (objetivas e subjetivas) empregando novos esforços na política social deste setor.

Do ponto de vista da abordagem da denúncia, o simples relato ou discurso (com conteúdo crítico) nem sempre conduz aos objetivos intencionados. Isso normalmente ocorre devido à não observação da totalidade da questão.

A afirmação de Karl Marx de que “a arma da crítica não pode substituir a crítica das armas” pode ajudar na solução do dilema em torno do esporte e lazer, seu pólo crítico e os sentidos da educação e reprodução social. A força teórica, o debate e a

crítica como pilares da intenção de mudança não podem ofuscar a contraditória realidade onde as “armas” (leia-se, a vida prática, a luta cotidiana, a superação do sofrimento) são responsáveis pelo movimento da sociedade. Isso não significa um desprezo pelas ideias avançadas em torno do esporte e lazer como elemento de inclusão, mas um correto posicionamento do debate deste tema. Tampouco significa desconhecer os valores do esporte e lazer incluindo sentidos humanos importantes como atividade física e saúde, relaxamento mental, espiritual e descanso nas horas de folga. A utilização da dialética como ferramenta metodológica para observar a vida na cidade, vivê-la e criticá-la no que for possível, para então ser organizada uma superação pode se transformar em uma das armas da política social de esporte e lazer, ou seja, a partir de um arsenal comunicativo e crítico-propositivo, seria possível pensar em mudanças, novas propostas e pleno desenvolvimento?

Antes de se tornar concreto, o discurso crítico deve ser fortemente questionado e problematizado. Sua consistência e qualidade dependem do movimento dialético, da análise dialética. O discurso crítico quando sectário resulta, quase sempre, em um formato estéril e frágil, ou seja, um composto que não tem levado a mudanças significativas e necessárias. Discutindo com o conteúdo sectário do discurso crítico Vladimir Lênin afirma que “o esquerdismo é uma doença infantil do comunismo” querendo dizer que os críticos contrários ao capitalismo e a favor do comunismo, pela visão sectária, acabam sendo infantis na estratégia, ou seja, não alcançam o longo prazo dos projetos, as estratégias amplas que visam aglutinar um maior número de pessoas.

A crítica sectária, ao desconhecer os mecanismos da totalidade social, desconhece os processos de costura de unidade, de aglutinação da maioria, de negociação em caráter permanente. Pregada a um discurso empolgante e presa a uma prática fora da realidade, esta crítica não deseja aliados que possam compor uma unidade crítica. Dessa forma, acaba no isolamento.

Por sua vez, a crítica da crítica reconhece, tanto os esforços da crítica dominante quanto dos grupos sectários, mas vai além, postulando-se como protagonista de uma nova ordem, isto é, daquilo que é mais avançado para as possibilidades concretas daqueles que podem criticar. Trata-se de uma crítica madura e fundada em compreensão ampla, de alcance objetivo e subjetivo das relações sociais.

A essência do discurso crítico é composta por uma estrutura que envolve racionalidade e paixão. Como o esporte e o lazer são práticas humanas de elevado valor

em si, não é possível separar razão de emoção e, portanto, o discurso crítico se torna uma verdadeira “arma explosiva”.

A virtude da crítica na formação dos professores foi fazer brotar e renascer o sentido questionador dos brasileiros. Sair da passividade e assumir uma postura pró-ativa nas atitudes e ações profissionais pode ser considerado virtude quando se lembra dos eixos da educação bancária, conservadora e a-crítica.

Então, o conteúdo da crítica, no que se refere ao esporte e ao lazer não foi muito bem articulado, muito menos processado na necessidade de coerência e adequação esperada. Assim, tornou-se uma crítica destemperada que quase sempre “joga fora a criança e a água do banho junto”. Para muitos professores o esporte e o lazer não são assumidos em sua plenitude e, às vezes, são vistos como “assunto inadequado”. Nesta lógica, precisa ser reformulado e conter um conteúdo “mais teórico e cultural”, que possa se justificar, pois está dependente, quase que exclusivamente, do rendimento atlético, da intervenção do Estado. A crítica, nesse ponto atingiu sua maioridade, pois conseguiu ferver o coração e as emoções dos professores que enxergavam caminhos produtivos na sua profissão. Entretanto, uma crítica mal situada, sem visão de realidade, acaba por se tornar uma crítica idealista, abstrata.

O resultado do discurso crítico que não toma os devidos cuidados acaba por evidenciar a fuga dos problemas e, então, a crítica, que poderia ser uma peça de avanço na construção de novas ideias e práticas, torna-se uma arma desgovernada.

Situada no campo das esquerdas, a crítica da Educação Física Brasileira utilizou-se de jargões e palavras de efeito para convocar os professores à luta contra tudo que fosse dominante, conservador e/ou tradicional. Desta forma, o discurso crítico foi reproduzido e, até hoje, orienta os debates e a formação de consensos.

Falar sobre esporte e lazer em determinadas situações apaixonantes implica assumir condutas de admiração promovendo a sua “humanidade”. O discurso crítico, construído e elaborado na política das esquerdas foi responsável por tentar ou abolir ou criar uma nova roupagem para o sentido humano das práticas esportivas e de lazer. Trata-se de um discurso possível aos cidadãos de São João del Rei. Em primeiro lugar, por que é necessário aplicar uma crítica como arma ofensiva à política conservadora do município. Em segundo lugar por que, devido à ausência de política social de esporte e lazer, qualquer movimento no sentido de abalar as certezas, pode significar avanços no tratamento das questões mais emergentes.

Para alcançarmos o objetivo de fundamentar a crítica e torná-la produtiva na boca dos cidadãos sãojoanenses é necessário estabelecer uma plataforma educacional do esporte e lazer, isto é, é preciso educar a população para utilizar da crítica, sem contudo abusar de seu uso. O esporte e o lazer como educação e/ou reprodução torna-se, portanto, um conteúdo educativo que precisa ser estimulado nas escolas, nas comunidades e em espaços alternativos. Além disso, precisa ser socializado com a massa dos trabalhadores e trabalhadoras.

A argumentação filosófica e histórica do tema da reprodução é necessária para a compreensão da educação em geral e do esporte e lazer no particular. Nas diversas esferas do tecido social, a reprodução é um mecanismo de transmissão (em forma de aparelhos, instituições de controle objetivo e subjetivo) da ideologia dominante. Na tentativa de verificar como ocorrem tais processos no interior da disputa de classes, que se desdobra na educação (e, conseqüentemente na educação esportiva) com os inúmeros conflitos inerentes deste enquadramento, o pensamento sociológico procura explicar este tema. SILVA (1992) lembra que os processos de reprodução são contraditórios, ora mantêm estruturas, ora são responsáveis por rupturas e mudanças. As transmissões econômicas e culturais quase sempre se transformam em disposições duradouras, constituindo longos períodos de produção e reprodução de relações sociais. FERNANDEZ ENGUIITA (1989) reportando-se ao pensamento de Marx conclui que a contradição permeia as relações históricas, pois há um sentido provisório e transitório que atravessa o eixo capital-trabalho. Entretanto as teorizações sobre a reprodução tendem a enfatizar os problemas que ela apresentaria, ocultando a verdade concreta de sua inevitabilidade. As críticas à reprodução giram em torno das seguintes acusações: as teorias da reprodução são mecanicistas, economicistas e funcionalistas; supõem passividade dos atores sociais; são a - históricas; ignoram possibilidades de transformação social; são pessimistas e derrotistas (cf. SILVA, 1992:38) Não aceitar a reprodução significa não aceitar o fato, no caso da discussão sobre o esporte, de que o pólo reprodutor é muito mais forte do que o pólo de intenção de mudanças.

SAVIANI (2008) é um autor da educação que perseguiu por muito tempo a questão da reprodução, mapeando as teorias críticas e não críticas. Sua polêmica centrou-se nas tensões entre a escola nova e a pedagogia tecnicista tendo como pano de fundo ou perspectiva, a construção de uma pedagogia histórico-crítica. As características centrais e marcantes do livro *Escola e Democracia* residem nas costuras históricas das classes sociais, ou seja, nas apostas realizadas na educação tanto pela

aristocracia quanto pela burguesia. A teoria presente no livro leva o leitor ao correto posicionamento sobre a reprodução, pois encontra elementos explicativos das razões e características mais acentuadas do processo de escolarização das massas.

Os óculos de tal concepção permitem visualizar o esporte e o lazer dentro do município de São João del Rei. Ao ser configurado como instituição de reprodução o esporte e o lazer produzem e reproduzem formas de convivência comunitária.

Todas as formas de manifestação ativa do esporte e lazer podem se lançar na produção e/ou reprodução das características da cidade. Pode-se afirmar que isso depende mais dos meios, dos processos, dos equipamentos, dos instrumentos, das pedagogias, enfim de como lidamos com as pessoas e as situações. A recente e jovem produção teórica da Educação Física Brasileira sobre o esporte já apontou a crítica em torno dos objetivos do senso comum (esporte gera saúde, socialização e prazer). Também já traçou o perfil dos aportes históricos da herança militar que influenciou a corporeidade dos brasileiros. Todavia, a síntese dialética, que poderia se expressar em um caminho estratégico de bases críticas e que, ao mesmo tempo, apresentasse propostas concretas para o esporte e lazer, ainda não foi feito.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se observa o esporte e o lazer como educação/reprodução, concebê-los como direito social e possibilidade de produção cultural passa a ser uma questão importante para a qualificação crítica. WERNECK (2000) lembra que abordar os direitos sociais significa falar sobre temas contemporâneos, suscitando indagações que possibilitam à sociedade pensar sobre justiça e igualdade. É possível que, em um primeiro momento, um sentimento de impotência prevaleça devido ao fato de que há um descompasso entre a grandeza dos ideais expressos na lei e a realidade concreta do cotidiano, marcada por exclusões, violências e discriminações que atingem a maioria. (cf. op.cit, p. 127) A autora argumenta que o conformismo e o pessimismo podem imperar caso o tema dos direitos seja apresentado como tema inalcançável, afinal, não são todos que estão dispostos a lutar por igualdade e justiça todo o tempo.

Discutindo sobre tempo livre e capitalismo, PADILHA (2000) considera que há uma imperfeição na essência da relação. Critica o lazer funcionalista e os seus mecanismos de compensação, entretanto adverte para o fato de que, na realidade diária da maioria trabalhadora, os momentos de lazer significam descanso, divertimento e recuperação de energias. Conclui que, embora tenha ocorrido uma diminuição do tempo de trabalho necessário e um aumento do tempo disponível, a partir da evolução das

tecnologias, isso não fez o tempo disponível ser mais importante que o trabalho, portanto, o trabalho estranhado e não livre continua imperando.

Para que o tempo livre seja verdadeiro e cheio de sentido, o rompimento com a lógica do capital e com a sociedade fundada no mercado, é decisivo (...) Tempo livre e capitalismo jamais formarão um par perfeito, mesmo que o tempo livre continue tendo a sua importância como reivindicação e como descanso. (PADILHA, 2000)

Para o conjunto dos trabalhadores, o tempo destinado às reflexões sobre o esporte e o lazer é justamente o tempo dos finais de semana, das férias e dos feriados e, muitas vezes, ele não é livre, pois há uma soma de trabalho que é carregada para dentro das residências dos trabalhadores. Uma vez que o tempo da ludicidade no interior do trabalho é raro, o tempo fora do trabalho deve ser composto por atividades livres, prazerosas, lúdicas e motivantes, atividades que possam construir uma crítica fundamentada sobre a precariedade dos espaços da cidade e, nesta esteira, destacar propostas inovadoras e criativas para a construção e reforma de espaços possíveis ao esporte e lazer. Para esta empreitada torna-se necessária uma participação popular nos fóruns de decisão municipal. Tal participação requer conhecimento social e ativismo político, questões interligadas na atuação concreta do munícipe. Quais seriam os princípios da engenharia participativa, do chamado orçamento participativo, da elaboração coletiva de projetos?

Para que a democracia seja reconstituída, faz-se necessário que se crie novamente uma tensão entre sociedade civil e Estado (...). Não se trata de um retorno ao modelo de Estado desenvolvimentista e protecionista, mas da reconstrução de uma tensão democrática autêntica, que somente poderá existir com a configuração de um novo espaço público, não estatal, expressão que está no conceito de esfera pública. (AMARAL, 2006)

O resultado desta análise remete para reflexões em torno da necessidade de construção de um novo projeto político para a cidade de São João del Rei, projeto a ser construído popular e democraticamente. Em muitas cidades mineiras, *slogans* de incentivo ao esporte e lazer são veiculados como propaganda, que serve como reflexão sobre a política do setor. “Esporte é saúde”; “Aqui, o esporte é para todos”; “Vida ativa na praça”, entre outros, são mensagens que o povo de São João del Rei não lê nos

espaços da cidade. Construir uma relação de proximidade entre Estado e sociedade civil implica, pois em apresentar peças publicitárias, convocar audiências públicas, fechar ruas nos finais de semana destinando-as a programas do tipo “ruas de lazer”, estimular a prática ativa do esporte e lazer entre segmentos especiais, como os obesos, as gestantes, os idosos, etc . Entre os inúmeros problemas e perspectivas de solução, uma ampla consulta popular poderia ser proposta como forma de resgatar a saúde de todos. O que salta aos olhos nos espaços visitados é uma população doente e passiva diante desta apatia. As caminhadas pelas Avenida Leite de Castro permitem constatar o desconforto dos pés, pernas e a falta de ar puro!

Talvez a utopia presente nesta formulação crítica não consiga reunir o necessário número de sujeitos comprometidos e conscientes para um trabalho de resgate da dignidade a partir da construção de um novo projeto, entretanto, qualquer movimento em direção ao desenvolvimento da cidade, deve passar por este esforço, já que a via burguesa (de viés direitista explícito ou não) vem prevalecendo com sua política de abandono e sucateamento dos espaços públicos. Reestruturar locais degradados com reformas inteligentes (e a baixo custo), construir centros sociais populares nos bairros, investir em equipamentos e materiais já pode ser considerado o início de uma política mudancista.

Referências

ADORNO, T. **Palavras e sinais**. Petrópolis, Vozes, 1995.

ALMEIDA & MARCHI JUNIOR. O financiamento dos programas federais de esporte e lazer no Brasil (2004-2008) Porto Alegre, **Revista Movimento**, v. 16, n. 4, 2010.

AMARAL, S. C. F. Políticas públicas de lazer: existe possibilidade de uma gestão participativa? In: **Dialética do lazer**. Padilha, V (org), São Paulo, Cortez, 2006.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-econômicos. Disponível em <http://www.dieese.org.br/> acesso em 13 de março de 2011.

FERNANDEZ ENGUITA, M. **Escola, Trabalho e ideologia: Marx e a crítica da educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

GRAMSCI, A **Cadernos do cárcere**, v. 4. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. São Paulo, Loyola, 2006.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri, São Paulo, Boitempo, 2004.

- NAVARRO, V. L.; PADILHA, V. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicologia e Sociedade** (Impresso), v. 19, p. 14-20, 2007.
- PADILHA, V. **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito**. Campinas, Alínea, 2000.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**, São Paulo, Autores Associados, (edição comemorativa) 2008.
- SILVA, T.T da. **O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SILVA, O Palestra no Fórum São Paulo. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=wG6hpFteBl8&feature=related>, acesso em 02 de junho de 2011.
- VIEIRA, E. **Democracia e política social**. São Paulo, Cortez, 1994.
- WERNECK, C. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas questões contemporâneas**. Belo Horizonte, UFMG, 2000.